Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

8311 b 25
8306.66639

Digitized by Google

BALANCA INTELLECTUAL,

EM QUE

Se pezava o merecimento

DO

VERDADEIRO METHODO DE ESTUDAR;

QUE

AO ILLUSTRISSIMO,

E EXCELLENTISSIMO SENHOR

MARQUEZ DE ABRANTES

OFFERECE

FRANCISCO DE PINA da Sa
E DE MELLO,
Moço Fidalgo da Caſa Real, e Academico da Acqdemia Real.

LISBOA:
Na Officina de MANOEL DA SILVA,
M. D.CC. LII.
Com as licenças neceſſarias, e priv. Real.

Digitized by Google

Digitized by Google

PREPARAÇAÕ
DA
BALANÇA.

A Minha natural ſinceridade me fará ſempre dizer, que o Autor do *Verdadeiro Methodo de eſtudar* he muito bem inſtruído, por mais que pertendaõ fazêlo hum pedante, os que ſe interéſſaõ nos eſtudos, que elle condena.

Porêm os ſeus patronos, e partidarios naõ podem tambem negar, que elle he taõ douto, como deſcõmedido.

Sendo a ciencia hum dos objectos mais amáveis dos homens, e a que eſcolhêo Salamaõ na offerta Divina, para nella fundar a ſua felicidade, anda cõmummente miſturada com o perigo de fazer os eſpiritos immoderados: *Scientia facit vos ſuperbire contra ignorantes, eoſque deſpicere.* (1) E he muito mal feito, que ſe uſe da erudiçaõ com tanta malicia, devendo ſó ſervir para alcançar a innocencia das acções, e das palavras. Saõ raros os genios, que queiraõ mais da ſabedoria a doutrina, que a oſtentaçaõ, e o ſaber naõ nos traz melhor utilidade, que a de regular os noſſos ſentidos, e potencias. O demonio he muito douto, muito ſabio, muito

[1] Cornel. Alapid.

Digitized by Google

to perito; mas he igualmente mordáz, mentiroso, soberbo, malévolo, e fraudulento.

Apparecêraõ, emfim em Portugal os exemplares do *Methodo*, e apenas sahîraõ, logo cómovêraõ a Naçaõ, e se lhes embaraçou a leitura. Se com este embaraço tivesse ainda lúgar o meu juizo, eu os deixaria correr, tanto por me parecer, que naõ tem coiza contra a Religiaõ, ou serviço do Principe, (pois nem o Principe, nem a Religiaõ deixaõ de ficar servidos com o desengano do pouco proveito, que tiramos dos nossos estudos) como, porque este genero de escritos quanto mais se prohibem, mais se appetecem: eu bem vejo, que póde haver fundamento, para que o *Methodo* se prohiba, por se dizer, que he huma satyra, que se faz aos Portuguezes, pretextada com o zelo da reforma literaria; porêm aqui se podia aproveitar a maxima, de que saõ mais uteis os inimigos, que os amigos; porque estes nos lisonjeaõ, aquelles nos advertem; e he excellente remedio sarar com o instrumento, que nos faz a ferida, verificando a fabula, que os Gregos ideáraõ na lança de Achilles. Nunca Pasquino fallou com mais desaforo, que no Pontificado de Sixto. Disseraõ lhe, que o mandasse deitar no Tybre: respondeo, que podia converter-se em ram, e que entaõ ninguem o faria callar.

Com que nestes papeis he melhor deixálos gyrar, que deter lhe o impeto, e ás vezes he escusado ostentar o poder *contra folium, quod vento rapitur*; porque os mes-

mos

Digitized by Google

mos assopros, que a trazem, a levaõ, e a desvanecem.

Alguns entendêraõ, que era preciso sahir-lhe ao encontro por credito da Naçaõ; e seria necessario averiguar-se primeiro, se era a causa justa; e a tomar se este intento, devia ser por engenho desafogado, e que fizesse justiça, condescendendo com a verdade, e impugnando a calumnia; que o que faz capricho de negar tudo, diz o proverbio, que tudo concede, e convêm entrar com boa fé nas emprezas para serem felices.

Direy, que o naõ fez assim o Author das *Reflexões*, ou seja o *Irmaõ Capucho* o R. P. *Fr. Arsenio*: *aut aliud, quod dicere nolo.* (2)

Neste bom Religioso póde-se louvar a boa vontade, que he, o que se agradece, quando faltaõ as forças. Isto foy o mesmo, que pelejar o pastor com o gigante, sem lhe lembrar: *Non possum sic incidere, quia usum non habeo.* Entrar em hum combate de ponto em branco, quem naõ teve mais, que o exercicio da funda, he desconhecer-se a si, e ao Philistêo, que para opprimîlo bastava cahir sobre elle, como se vio na *Reposta*, que se deo ás *Reflexões*, debaixo da qual nunca sahirá o *Irmaõ Arsenio*, e alli terá o seu ultimo suspiro, e o seu infeliz monumento.

Depois de eu ter concluîdo esta minha pequena obra, sahio outro papel contra o *Methodo* com o titulo de *Retrato de morte côr*, sendo todo o designio do pincel o reconhecer o *Barbadinho* por varias inducções, taõ

(2) Juvenal.

Digitized by Google

naõ genericas, como ſatyricas; e bem que eſte novo maſcarado me faz muito mais mercê, do que eu mereço, como a verdade eſtá primeiro, que tudo, eſtou obrigado a dizer, que mal podia acertar com o conhecimento de hum incognito, quem nem ainda acertou com o meu nome, que he menos deſconhecido.

Eu pudéra entrar na tentaçaõ de baptizar eſte noſſo Cenſor; porque ha annos, que ſe me participou o argumento deſtas *Cartas*; porêm nunca canſo o meu juizo com ſemelhantes enigmas.

A bondade dos livros naõ conſiſte no nome dos Authores, ainda que por elles ſe coſtuma avaliar; e ſuppoſto, que o meu poſſa dar menos abono, que diſcredito a eſta minha Critica, naõ entendi, que o devia encobrir, aſſim pela modeſtia, que obſervo, (que he rara em ſemelhantes eſcritos) como, porque me parece, que a todo o homem bom ſe prohibe o obrar acçaõ, ou proferir palavra, em que neceſſite de eſconder-ſe; pois para teſtemunhar do delicto baſta a propria conciencia, que tambem ſerve de accuſador, de juiz, e de verdugo.

Eſta empreza, que tomou a minha penna, naõ foy curioſidade, nem tentaçaõ de Critico; porque eſtes aſſumptos ſaõ alheyos do meu genio; por mais que ſe entenda comigo, como fez o *Anonymo* na *Carta da Poeſia*. Tenho hum animo muito ſuperior a eſtas paixões, e me ſoaõ ſempre muito longe, tanto as vozes populares, como eſtas folhas

Digitized by Google

lhas volantes, que nunca se móvem sem rangefem.

Meteo-me neste intento hum alto preceito, ainda que me achou em estado de naõ poder applicar me a novo estudo, e assim disse só, o que extemporaneamente me occorreo. O traslado custou mais, que o original, pelo continuo embaraço de humas sezões de tres annos. Quiz valer-me de hum amanuense; mas como *in qua scribebat, barbara terra fuit*, (3) me desenganey no primeiro caderno, de que era preciso sugeitar-me a este novo trabalho, alternando a escrita com a intermissaõ da molestia.

Tambem se me insinuou, que se esperava de mim que eu pezasse bem o merecimento do *Methodo*: esta foy a razaõ, porque dey a este papel o titulo de *Balança Intellectual*, e declaro, que no uso da mesma *Balança* digo, o que ingenuamente entendo, dando os louvores, e os reparos, aonde me parecem necessarios. Se a medida naõ sahir exacta, será defeito do fiel, e naõ soborno da vontade.

Quando fallo das artes, e ciencias do nosso Reyno, fallo tudo em cõmum, e conheço, que desta generalidade se exceptuaõ muitas pessoas, que assim em Theologia, como em Direito Civil, e Canonico, Medicina, &c. sabem separar-se dos abusos, e observar nestas Faculdades a devida applicaçaõ.

Advirto tambem, que em muitos escritos

(3) Ovid.

Digitized by Google

critos Francezes se naõ alteraõ os nomes proprios Latinos, como *Marius*, *Lentulus*, *Julius*, &c. e que alguns dos nossos Escritores tem imitado esta moda de França, que eu nem approvo, nem condeno. Porêm como ha muitos annos, que dizemos *Antonio*, e naõ *Antonius*, *Marcello*, e naõ *Marcellus*; *Claudio*, e naõ *Claudius*, *Cataõ*, *Scipiaõ*, e naõ *Cato*, nem *Scipio*, pareceo-me, que naõ devia apartar-me deste costume, até naõ estar o outro mais bem estabelecido.

Sobre tudo protesto, que sugeito todas as minhas vozes, opiniões, discursos, e pensamentos ao indefectivel juizo da Santa Igreja Romana, e que hey por naõ dito tudo, o que aqui possa parecer dissonante á ua verdadeira, e immutavel doutrina.

SErmonibus tuis facies stateram, & appendiculum, ut & in verbis, & in opere, & in cogitationibus omnia pondere, & ratione faciamus.

Div. Hieron. lib. 14. in Ezech.

Digitized by Google

AO ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO SENHOR MARQUEZ DE ABRANTES.

ILL.MO E EXC.MO SENHOR.

POIS que he do agrado de V. Exc. que eu interponha o meu fraco juizo sobre o *Verdadeiro Methodo de Estudar*, que cauſou tanto ruído na Corte, e de que V. Exc me fez a remeſſa por eſpecial benevolencia ſua, aqui obedeço ao ſeu preceito: e ainda que nas diſtancias naõ pódem os Myópios diſtinguir as côres, eſta meſma cegueira dará mayor deſculpa á minha inhabilidade; porque devo fechar os ólhos aos dictames de V. Exc. Eſtou informado, de que eſta óbra tem hum grande, e illuſtre partido em Lisboa; e para alcançar eſte credito, baſtava que V. Exc. a eſtimaſſe. Mas tambem reconheço, que entre as excelſas virtudes, que órnaõ a grandeza do ſeu animo,

Digitized by Google

mo, he das mais esclarecidas o amor da verdade: e assim direy livremente o que entendo, por estar certo, que a minha indifferença será mais bem attendida, que a minha adulaçaõ. E porisso se nestas *Cartas* observar alguns descuidos, e descobrir opiniaõ, ou discurso menos exacto, naõ será para mostrarme engenhozo em livro alheyo; só sim por naõ violar a minha intelligencia com as minhas vozes.

Ainda que he débil a minha perspicácia, e lhe faltem aquellas grandes qualidades, que se requerem em huma boa critica, naõ desconfio de encontrar com a averiguaçaõ; porque as pessoas de curta vista emprégaõ mayor cuidado no conhecimento dos objectos.

Quasi todos os Portuguezes, que alcançáraõ nas escólas o titulo de *sabios*, a meterem-se nesta empreza, seria para se opporem a quanto nos diz o Author do *Methodo*; e satisfazerlhe tambem com huma satyra o beneficio de nos querer acordar do nosso lethargo, fundando-se no pretexto do *Irmaõ Arsenio*, de que o *Anonymo* desacredita a Naçaõ. Porêm a Naçaõ he a que se desacredita pelo que faz, e naõ pela historia, que della se escreve. Ha bem poucos annos, que disse hum bom engenho de França: (1) *Que a obrigaçaõ dos Escritores he referirem puramente os successos, e se os naõ contaõ, como os homens desejaõ, que a culpa naõ he da penna, mas das acções.*

O me-

(1) Monf. Voltaire na Historia de Carlos XII. de Suecia.

Digitized by Google

O melhor modo de ſe deſpicarem os Porruguezes com o *Anonymo*, ſeria diſcorrer ſobre a deſordem dos eſtudos para melhorá-los. Eſta era a mais virtuoſa vingança, que ſe podia tomar de hum Italiano, que raſgou a cortina a tanta pedanteria, ou para abater a noſſa ſoberba, ou para nos incitar com eſta vergonha ao verdadeiro methodo de conſeguirmos as ciencias.

O aſſumpto hè novo em Portugal, mas ſeguido, e praticado em outras Provincias: o *Anonymo* expoz o meſmo intento na Luſitania, que Monſ. Nicole em França com os ſeus *Tratados do modo de eſtudar*: o de Franciſco Bacon de Verulamio em Inglaterra com o ſeu *Novo Orgaõ das Ciencias*: o de Thomaz Garſoni na Italia com a ſua *Praça univerſal de todas as profiſſoẽs*: o de Joaõ Henrique Alſtedio em Olanda com o ſeu *Conſelheiro Academico, e Eſcolaſtico*: o de Theophilo Spezellio em Alemanha com o ſeu *Feliz, e Infeliz Letrado*: e o de Joaõ Huarte em Caſtella com o ſeu *Exame de eſpiritos*.

Mas para ſe voltar a ſcena, em que ródaõ as noſſas preoccupações, ſeria neceſſario hum igual empenho ao de Pedro Alexowitz; pois ſó eſte inimitavel Principe conſeguio em taõ breve tempo a primeira, e nunca eſperada maravilha de converter hum Imperio taõ barbaro em huma dominaçaõ politica.

Na Ruſſia foraõ os Eccleſiaſticos, os que ſe oppozéraõ ás eſtendidas idéas deſte

Digitized by Google

prodigioſo Cultor da ſociedade humana: em Portugal naõ faltariaõ alguns, que pertendeſſem anathematizar a nova doutrina. O exemplo dos Ruſſianos podia fundar as noſſas eſperanças; mas naõ he ainda chegada a hora de ſahirmos do cativeiro Peripatetico.

Recebemos com hum goſto inexplicavel as modas de França, de Italia, de Inglaterra; porêm naõ nos reſolvemos a tomar a moda dos ſeus eſtudos. Somos como o rebanho, que naõ vay para onde deve hir, ſenaõ para onde o levaõ: e aſſim entramos nas eſcólas mais com a ſemelhança, que com o raciocinio. Muito ſe pudéra advertir neſta proveitoſa materia; porèm como me parecem inuteis ſemelhantes reflexões, hirey ao meu principal intento, começando pela

ORTHOGRAPHIA.

SEndo taõ preciſo o ſaber-ſe, como devemos eſcrever as dicções, ao menos da lingua materna, cauſa huma grande laſtima o pouco cuidado, que emprégaõ neſte exercicio os Portuguezes; e eſtes deſcuidos deſluſtraõ muito a opiniaõ de qualquer homem cientifico. Da Grammatica Latina diſſe Cicero, que dando pouca gloria o ſabêla, era diſcredito o ignorála. O meſmo digo eu da noſſa Orthographia. Quantos barbariſmos ſe achaõ nos eſcritos dos que andaõ pelas

Cadei-

Digitized by Google

Cadeiras, pelos Tribunaes, pelos Pulpitos! Augusto depoz a hum Senador, por escrever *IXI* em lugar de *ipsi*.

Com tudo ninguem póde comprehender a delicadeza, e proporçaõ Orthographica de hum idioma, mais que os homens doutos da Provincia, aonde elle se falla; e confessando-nos o *Anonymo*, que he Italiano, parece, que naõ nos devia dar regras sobre os nossos caracteres. Dou-lhe que as funde em boas ponderações; mas naõ basta hum só Author para desfigurar quasi de repente todas as nossas palavras. Escrevermos as dicções segundo a sua origem, ou confórme a sua genuina pronunciaçaõ, he huma materia, que ainda naõ sahio da disputa. Nas várias Conferencias, que para isso se fizeraõ na livraria do Conde da Ericeira, nunca se póde conseguir a sentença definitiva.

Cuido, que mostraria facilmente, que todas as Nações erudítas conservaõ nos vocábulos, que tomáraõ das outras, as mesmas letras da sua origem; porêm o exemplo mais sensivel está nos Gregos, que déraõ muitas vozes com a mesma Orthographia aos Romanos. Esta gente, que zelava tanto a pureza da sua lingua, que nunca quiz escrever com caracteres Latinos os vocábulos Gregos, quando se resolvêraõ a latinazálos, conserváraõ nelles o Y, e o PH, sendo letras desconhecidas no Lacio: com que naõ descubro a razaõ, para que assim o fizessem os Romanos, e o naõ possaõ fazer os Portuguezes.

Acode

Acode o *Anonymo* com a advertencia, que o mayor privilegio da noſſa lingua he o de eſcrever-ſe, como ſe pronuncîa. Reſta provar, que o ſeja; pois ſe o foſſe, muitos póvos mais polîdos já teriaõ aſpirado a eſta chamada perfeiçaõ.

Os Francezes, que cuidaõ mais que ninguem na gloria das artes, ainda permanecem nos ſeus dipthongos, e tripthongos, e em outras dicçõeſ, em que ſempre eſtá combatendo a pronunciaçaõ com os eſcritos; tendo neceſſario tanto tempo para aprender eſta lingua, como para pronunciála.

Na Alemã, Ingleza, e Olandeza ſe encontraõ as meſmas, e mayores difficuldades; e bem ſabe o *Anonymo*, que na lingua Santa naõ havia antigamente vogaes, que ao depois ſe ſuppriraõ com pontos, formandoſe todas as vozes com letras conſoantes. E naõ baſta, que elle nos diga, que muitos Francezes ſeguem a opiniaõ, de que ſe deve eſcrever, como ſe falla; pois atéqui ainda naõ vimos algum livro deſta Naçaõ, que aſſim o praticaſſe. Eſtes Francezes, que o *Anonymo* nos allega, talvez que ſejaõ homens, que naõ ſaibaõ fazer livros.

As mudanças das palavras, e das letras as vay inſenſivelmente introduzindo o tempo, e nunca ſe lograõ de improviſo. No do Rey D. Joaõ III. ſe pronunciava *Romaõs*, e *Caſtellaõs*; e hoje dizemos: *Romanos*, e *Caſtelhanos*. Mudou-ſe *fazedes*, *dizedes*, em *fazeis*, *dizeis*, &c. Com o meſmo exemplo

pudéra-

Digitized by Google

pudéramos tambem dizer: *Cidadanos*, *Christianos*; e igualmente: *Capellanes*, *Capitanes*, *parabenes*, *desdenes*, *jardines*, *jasmines*, *varones*, *patrones*, *&c.* e com tudo conservamos estas, e outras palavras com a sua antiga dureza; porque até nas dicções exercita a Fortuna os seus poderes.

He verdade, que nas Chronicas do Chronista mór Ruy de Pina se vê a grande differença, que faz ás Décadas de Joaõ de Barros, que foy quasi seu contemporâneo. Hum cingido ao escrupulo de sustentar a antiguidade, outro ao intento de polir o idioma: e ainda que o segundo nos pareça hoje mais elegante, naõ podemos imitar-lhe este atrevimento; porque os homens modestos duvidaõ sempre, se será bastante a sua authoridade para introduzir estes polimentos. A primeira vez, que Julio Cesar disse: *Ens*: Seneca, *essencia*: Quintiliano, *impossibilis*; todos os Romanos o julgáraõ por huma facêta ousadia.

Tem-nos mostrado a experiencia, que na mudança das vozes, ou das letras, he necessario costumar primeiro os ólhos, e os ouvidos á novidade dos caracteres, e da pronunciaçaõ, para se lograr o seu estabelecimento; e poucos saõ, os que querem sogeitar-se á censura dos presentes na duvida de conseguirem o applauso dos vindouros.

Principiou o *Anonymo* a nova Orthographia pela primeira letra do Alphabeto, estabelecendo a regra geral, que devemos

dester-

Digitized by Google

desterrar todas as letras dobradas, e que nesta conta entra o *a* nas palavras: *manhãa*, *vãa*, *&c.* Eu sou do mesmo parecer nestas, e semelhantes vozes, ainda que o naõ seja Duarte Nunes de Leaõ; mas deve-se advertir, que nunca vi, que os nossos bons Escritores pozessem *n* no fim dos dois *aa*, como o *Anonymo* suppoem. Alguns os ferem com huma plica, e ainda que se diga, que se usa della em lugar do *n*, isto naõ passa de conjectura.

Manoel de Faria nos adverte, que algum dia se escrevia: *Irmaã*, mas que no seu tempo se convertera hum dos *aa* em *m*; escreyendo-se *irmam*; porêm como ás vezes o *m* se poem em lugar do *o* no nosso diphongo de *aõ*, será preciso tirar este equivoco; pois desta sorte naõ saberemos, quando este vocábulo he masculino, ou femenino. Vejo, que póde remediar-se, usando do *n* no femenino, e do *m* no masculino; mas receyo, que o *n* pareça affectado no fim de huma dicçaõ Portugueza. Quando eu fallar no diphongo em *aõ*, direy o que nesta materia me parece.

A letra *h* quer o *Anonymo*, que só se admitta, aonde se faça sensivel. Eu distingo esta regra. Se saõ palavras nossas, digo, que sim: se alheyas, sigamos a sua origem; porêm eu naõ conheço alguma, em que debaixo desta distinçaõ o *h* naõ seja preciso. Vejo, que o *Anonymo* algumas vezes escreve *obscuro*, e outras escusa o *h* neste vocábulo.

Digitized by Google

bulo. Fuy ver, ſe achava nas erratas emendada eſta variedade, e naõ achey, nem errata, nem emenda: donde ſe póde inferir, que ſe poderá eſcrever ou de hum, ou de outro modo, o que he contra a ſua meſma doutrina. Eu naõ eſcrevera *obſcuro*, nem *oſcuro*; porque temos eſtabelecido *eſcuro*, que he muito boa palavra, e reputamos as outras por affectadas.

No ç com cedilha antes das vogaes *a*, *o*, *u*, diz o *Anonymo*, que naõ póde deſcobrir alguma differença do *ſ*. Se elle nos naõ tivéra aſſegurado, que era o ſeu ouvido bem advertido, poderia trazerlhe o exemplo de hum moço, que aprendia Rhetorica, e ſe queixava a Ariſtoteles, que naõ percebia o numero do perîodo. Eu, que naõ tenho eſte ſentido muito agudo, alcanço huma notavel diſtancia entre a pronunciaçaõ do ç cedilhado, e a do *ſ* ſimples; mas para iſſo ſou Portuguez, e o *Anonymo* Italiano.

O ç com cedilha ſe pronuncîa com hum ſom muito mais forte, que o *ſ*; porque eſte o tem muito brando entre vogaes, que o faz differençar do meſmo ç, de dois *ſſ*, e do ꝛ, e ſó imita o dos meſmos dois *ſſ*, quando ſe poem no meyo das dicçõeſ depois de alguma letra conſoante.

Uſamos do ç em quaſi todas as vozes, que tomámos dos Latinos, e em que elles faziaõ perder ao *t* a ſua aſpereza para adoçarem a ſua pronunciaçaõ; e aſſim de *oratio*, *generatio*, *&c.* nos proveyo o accento

Digitized by Google

de *oraçaõ*, *geraçaõ*; e em lugar deſte *ç* ſe naõ póde meter o *ſ*; pois ficando entre vogaes, fórma hum ſom totalmente diſtinto, como ſe experimenta nas palavras *tradiſaõ*, *admiraſaõ*, eſcritas com *ſ* pelo *Anonymo*. E quando naõ houveſſe eſta ſenſivel diſparidade, baſtaria o uſo para ſe naõ admittir o *ſ* em lugar do *ç*; e naõ concebo o motivo, porque o *Anonymo* queira conceder alguma coiza ao coſtume do *c* antes do *e*, *i*, e naõ antes do *a*, *o*, *u*.

Tambem o *e* com *h* naõ tem o ſom ſemelhante ao *X*, como o *Anonymo* nos affirma; pois ſe perceberá baſtante differença, quando diſſermos: *Xóve*, e *xoro*, em lugar de *chóro*, e *chóve*: eſta he tal, que ella baſta para ſe conhecerem os viſinhos de Lisboa, que affectaõ uſar do *x* pelo *ch*.

Adverte mais o *Anonymo*, que eſte meſmo *ch* perde em outras palavras a ſua liquidaçaõ; aſſim como em *architectura*, *machina*, *&c.* como ſe foſſe hum *k*. Naõ impugno, que ſe tire eſte equivoco á noſſa lingua, como o *Anonymo* pertende; mas naõ approvo a introduçaõ, que nos quer fazer deſte caracter Grego; porque ſó o poderemos conſentir nos nomes eſtranhos, quando ſeja preciſo figurálos nos noſſos eſcritos: em lugar do *k* uſára eu do *qui*; porêm o *Anonymo* nos diz, que o *qui* naõ póde ſupprir o *k*; porque ſempre depois do *q* ſe pronuncia o *u*. Aſſim o fazem os Italianos; mas nunca ouvi, que o fizeſſem os Portuguezes, como ſe experimenta

Digitized by Google

perimenta nas vozes: *Quintal*, *quinhaõ*, *quilate*, *&c.* que as pronunciamos da meſma ſorte, que ſe eſcreveſſemos, *kilate*, *kinhaõ*, *kintal*.

Se o *Anonymo* naõ he Italiano, naõ fez bem em affectar eſte Italianiſmo, depois de nos ter dito, que tinha baſtante noticia da lingua Portugueza; e ſe o he, foy temeridade o meter-ſe a regular a noſſa Orthographia, pois nunca a ſua eſperteza poderia evitar ſemelhantes deſcuidos.

Dizer *docto*, e *doctrina* em lugar de *doutrina*, e *douto*, he huma das affectações de Duarte Nunes, e bem cenſurada pelo *Anonymo*.

Raros ſaõ os vocábulos, em que o *c* antes do *t* tenha affectação, como elle preſume: o que ſe conhece muito bem com a palavra *ato*, que nos traz por exemplo; pois ſe equivóca com a primeira peſſoa do indicativo *atar*, e eu quizéra, que fugiſſemos deſtas equivocações.

Igualmente deſeja deſterrar o *ph*, de que uſamos nas vozes Greco-Latinas. A razaõ, que dá, he, que o *ph* dos Gregos tem differente ſom do noſſo *f*. Porêm ſe nos concede, que eſta diverſidade nunca he tanta, que ſe naõ incline para a meſma letra, deixemo-la ficar na ſua poſſe. O Padre Bluteau nos adverte, (2) que ſe eſcrevermos, como por exemplo, *Filoſofia* com *f*, viremos a cahir na ignorancia do que ella ſigni-

(2) Proſa Grammatonomica Portugueza.

Digitized by Google

fica na ſua origem; pois derivando-ſe com *ph* de *Philos*, e com *f* de *filos*, bem ſe vê, que differente fica ſendo a etymologia.

Parece, que o *Anonymo* quer ſalvar eſte reparo com a noticia, de que os Romanos, quando admittiaõ os vocábulos Gregos, ſempre os pronunciavaõ, como Latinos; e nós o fazemos tambem aſſim, quando damos ao *ph* a valia do *f*.

Devia provar-nos, para perſuadir o intento, que os Latinos alteravaõ na ſua Orthographia os vocábulos Gregos; e he o que eu naõ vejo nos Diccionarios, nem nos bons Eſcritores daquelle idioma.

O meſmo *ph* ſe obſerva nos eſcritos Francezes; porque naõ eſcrevem, ſe me naõ engano, nem *Filoſofie*, nem *freneſie*, nem *filtre*, &c. mas ſim *philtre*, *phreneſie*, *Philoſophie*.

Eſta Naçaõ moſtra hum tal eſcrupulo nas etymologias, que liquidando ſempre o *ch* em todas as ſuas vozes, o naõ fazem em *Achilles*, e em outros nomes ſemelhantes; pois pronunciaõ o *ch* com o noſſo *qui*: e em quanto reſpeitarem tanto a origem das vozes, cuido, que temos huns bons fiadores; e para ſer aceito eſte noſſo coſtume, baſtará dizer, que iſto he França.

O *h* quaſi que fica com a meſma diſgraça no noſſo Alphabeto, ſe ſó ſe deve admittir, quando ſe liquidar o *c* em *chave*, ou em *minha*, e outras palavras do meſmo genero, como o *Anonymo* preceitúa. Eu confeſſo,

Digitized by Google

ſeſſo, que para a pronunciaçaõ tanto importa eſcrever, *honeſto*, *humilde*, *honra*, *&c.* com *h*, como ſem elle; porêm importa muitas vezes para evitarmos os referidos equivocos: *Um* em lugar de *hum*, de que uſa ſempre o *Anonymo*, parece huma abbreviatura de *Voſſa mercê*. Repara tambem, em que eſcrevamos a terceira peſſoa do verbo *ſou* com *h*, e que naõ o façamos aſſim no imperfeito, *éra*, *éras*, *&c.* O *h* diſtingue no nome *hera* o imperfeito *éra*. Dirá, que tambem ſignifica *éra* ſem *h* hum certo eſpaço de tempo, e que deſtes equivocos ha muitos na noſſa lingua: reſpondo, que quantos menos houver, melhor ſerá. Na lingua do *Anonymo* ſe deſcobrem muitos, como ſe vê na palavra *balia*, e nem poriſſo deixa de evitar eſta Naçaõ todos, os que póde.

Naõ deixo de advertir, que conjécturaõ alguns, que no ſeculo aureo da Latinidade naõ ſe uſava do *h* no principio das dicções; eſcrevendo-ſe, como por exemplo: *Umus*, *umor*, *ircus*, *&c.* mas hoje as vemos com *h* nas melhores edicções; e ſendo a noſſa lingua huma boa filha da Latina, juſto lhe, que imitemos huma máy taõ veneravel: e bem que o *Anonymo* queira, que a Italiana ſeja a primogenita, e que nos diga (deſmentindo o P. Bluteau) que os homens mais doutos da Italia naõ admittem o *h* no principio das palavras, com tudo em todos os bons Authores Italianos, que tenho viſto, ſempre encontrey, *honore*, *humiltá*, *&c.* e naõ, *umiltá*,

Digitized by Google

tá, *vnore*: e ſe ha doutos, que aſſim o eſcrevaõ, quando muito, ſe póde reduzir eſta differença a huma diſputa Orthographica; e aonde ha opiniões, naõ ſe pódem firmar regras.

A lingua Caſtelhana, noſſa muito honrada, e querida irmã, tambem conſerva o *h* no *honor*, e *humildad*, *&c.* A Franceza da meſma ſorte no ſeu *honeur*, e *humilité*, *&c.* e com eſtes exemplos parece, que he melhor deixar-nos eſtar, até que as outras Nações concordem no arbitrio do *Anonymo*; pois nunca he bom ſer o primeiro em dar, ou admittir novidades.

Depois do *h* paſſa ao *i*, em que nos adverte os lugares, que levaõ o *i* pequeno, e o raſgado, e o vogal, e o conſoante. Como he facil conhecer a differença, e uſo deſta letra, vou para as reflexões, que o *Anonymo* nos faz ao noſſo dipthongo em *aõ*.

Ainda naõ achey decidida a duvida de como eſte dipthongo ſe deve eſcrever. Huns o eſcrevem com *ã*, *õ* plicados, outros com *a*, *m* ſem plica; e para ſahir deſta queſtaõ, talvez que foſſe melhor adoçálo com as inflexões da lingua Caſtelhana; mas para iſſo naõ baſta, o que ſe tem impreſſo ſobre eſta mudança: ſeria neceſſario, que os mais doutos Portuguezes concordaſſem nella: o que naõ he facil; porque raros ſaõ os homens, que naõ reputem por ſervidaõ o ſeguirem pareceres alheyos.

Aſſenta pois o *Anonyma*, que o dipthongo em *aõ* he huma abbreviatura de *aom*, porque

porque aſſim ſe eſcreviaõ antigamente as palavras, que acabavaõ no meſmo dipthongo; como por exemplo, *fallaom*, terceira peſſoa do plurar do indicativo *fallo*, e que neſtes termos a plica, que ſe poem por cima do *o*, naõ he riſca, como alguns pertendem, mas hum *m* muito redondo. Porêm ainda que o *m* ſe figure na imprenſa, nunca ſerá taõ redondo, como o *Anonymo* imagina, porque eſta interpretaçaõ tem muitos embaraços. Se pronunciarmos a plica do *aõ* como *m*, ſahiremos com hum ſom muito deſagradavel; e ſe o naõ pronunciamos, he eſcuſado, que ſe ponha a plica para denotar o *m*; e ainda que firamos o *o* com grande preſſa, como quer o *Anonymo*, nunca eſta póde ſer tal, que naõ deſconcerte aquelle ſom, que neſte dipthongo executa a noſſa pronunciaçaõ: ſe pozermos o *m* em lugar do *o*, como o *Anonymo* deſeja, ſerá neceſſario dar outra regra, para naõ confundirmos com o meſmo dipthongo as vozes Latinas, que acabaõ em *am*, como *ſerenam*, *matutinam*, *&c.*

Eu uſo de *aõ* em todos os verbos, que acabaõ neſte dipthongo, e em todos os nomes maſculinos, que o levaõ; e nos femeninos uſo do *am*, pronunciando o *m* com a boca fechada á imitaçaõ dos Latinos: eſtas coizas melhor ſe explicaõ com a voz, que com a penna: cada hum ſeguirá o que lhe parecer; que iſto naõ he ponto Geométrico, nem tem regra eſtabelecida, nem o *Anonymo* tem authoridade para dictála.

Tirar

Digitized by Google

Tirar o *ſ.* do principio de todas as vozes Portuguezas, em que ſe lhe ſegue letra conſoante, he muy bem feito; e da meſma ſorte, que ſe diſtingaõ os *uu* vogaes dos conſoantes. Naõ ſigo porêm a introduçaõ do *x* no fim de qualquer dicçaõ, porque ſempre tive eſta letra por muy diverſa no ſom, que hoje damos ao *ſ*, e ao *z*. Se o *Anonymo* o naõ diſtingue, he certamente engano de hum ouvido eſtrangeiro.

Nos accentos, virgulas, pontos, linhas, apóſtrophes, diſcorre muito bem o *Anonymo*; e daqui ſó exceptuarey a regra de ſe ſeguir ao ponto final letra pequena: naõ porque me ſejaõ mais agradáveis os merendeiros do *Irmaõ Arſenio*, mas porque experimento, que as maiuſculas me naõ *offendem a viſta*, quando me aſſinalaõ o fim dos períodos; e quantos mais períodos tiver a oraçaõ, mais elegante ſerá, e mais apprafivel ſe offerecerá aos ólhos para convidar aos leitores. Eſte he o motivo da congruencia, e o *Anonymo* talvez, que naõ nos dê algum para tirar o coſtume.

Muitas coizas paſſo em ſilencio ſobre a Orthographia, por naõ exceder o meu intento, que he fazer ſó Juizo das regras mais principaes, que para ella nos quer dar o *Anonymo*; mas ainda me reſta averiguar algumas propoſições novas, que ſe introduzem neſta *Carta*.

Quer o ſeu Authot, que perfilhemos o verbo *penſar*, porque naõ temos na noſſa

Digitized by Google

noſſa lingua outro, que iguale, ou que encha a ſua ſignificaçaõ: e quantas linguas haverá, que naõ tenhaõ tambem palavras, que correſpondaõ á energia das noſſas? Nenhum idioma conhecido deſempenha cabalmente o ſignificado de *menino*, *mágoa*, e *ſaüdade*, *&c.* Cada hum ſe contente com as ſuas expreſſoẽs.

He juſto, que ſe dè, como o *Anonymo* nos adverte, o genéro femenino, e maſculino á palavra *cõmum*, ainda que o *P. Vieira* lho naõ deſſe.

Aqui o naõ devemos ſeguir, nem em *devaçaõ*, e *deſgracia*: e he para reparar, que eſte grande Cultor da noſſa lingua diſſeſſe *deſgraçado*, depois de dizer *deſgracia*.

Reprovo, que ſe eſcreva *noute*, *açoute*, *dous*, *outo*, *&c.* pronunciando nós ſempre o *i* em lugar do *u*. Mas pela meſma razaõ devo accuſar o *Anonymo*, de que eſcreva *intendimento*, *ingenho*, *contrarea*, *&c.* pondo nos ſempre o *i* em lugar do *e* nas primeiras vozes, e na ultima o *e* em lugar do *i*. Eſtes vocábulos eſtaõ já aportugueſados, e he affectaçaõ o hirlhe procurar a origem Latina.

Concebo baſtante difficuldade ſobre as letras, com que ſe eſcrevem os noſſos pays: eu eſcrevo ſempre *pay*, e *may*, e naõ *mãem*, como eſcreve o *Anonymo*; porque o *e*, e *m* dá outro ſom muito diverſo á pronunciaçaõ deſte nome. Aqui naõ ha mais differença, do que ſer o *a* mais carregado em *pay*,

Digitized by Google

do que em *may*, e o ſom mais fórte procede do *p*, que he letra mais activa que o *m*.

A critica, que aqui faz o *Anonymo* ao *Vocabulário* de Bluteau, he judicioſa; porêm eu a quizéra mais moderada. Elle me diſſe poucos annos antes da ſua morte, que devera ſeparar as vozes cultas das plebéas; o que ſe pudéra remediar fazendo-ſe mais dois tomos, que contivéſſem as polidas; mas que já eſtava muy velho para eſte trabalho: remedio, que o *Anonymo* naõ approvaria, tendo condenado a extenſaõ da óbra.

Com tudo ſempre era digno eſte Grande Padre, que o *Anonymo* o trataſſe com mais veneraçaõ. Importando-lhe taõ pouco a noſſa utilidade, nos deo hum *Vocabulário*, que naõ tinhamos, e abrio nos a porta, para que os homens taõ eminentes, como o Author do *Methodo*, pudéſſem pôr a ultima maõ neſtes eſcritos; o que nunca tirará o merecimento ao primeiro Author; aſſim como o naõ tem diminuîdo a Moréri as correcções, que ſe fizeraõ ao ſeu *Diccionario*.

GRAMMATICA LATINA.

O Methodo de enſinar bem a Grammatica Latina, he o mayor ſerviço, que ſe póde fazer a huma Naçaõ: eſte he o veſtibulo, por onde ſe entra na caſa da ſabedoria. Hum homem, que naõ ſabe Latim, he

he como hum peregrino em huma montanha deserta sem rumo, nem abrigo; e a mayor parte dos Portuguezes andaõ solitarios por este caminho, tendo taõ bom engenho para as letras, como valor para as armas.

Para se nos dizer, que isto procede do descuido, ou da preguiça dos pays, nós vemos o páteo de Santo Antaõ, e o Collegio das artes cheyos de rapazes, que aprendem este idioma, e poucas Villas haverá no Reyno, aonde faltem escólas publicas para enfinálo, e raros saõ, os que conseguem o seu conhecimento.

Dê que procede pois taõ lastimósa ignorancia? Ella he tal, que depois de se perderem cinco, ou seis annos nas classes, o que intenta passar a estudos mayores, raras vezes se examina sem patrocinio, e succede o mesmo entre os Regulares para a aceitaçaõ dos Noviços.

Quem póde duvidar, que procede tanta falta de naõ se saber o modo de como se deve applicar o enfino? Eu fallo com experiencia propria. Andey nas classes sete annos, e sahi dellas sem alguma noticia da lingua Latina; e esse pouco, que sey della, me custou o insofrivel trabalho de aprendêla sem Mestre, depois de alcançar a necessidade de conhecêla. Hum rapaz, que só tem génio de brincar, como se ha de persuadir a huma acçaõ taõ violenta, como a tomar de memoria, o que naõ entende? Recorrer ás palmatoadas, he hum meyo naõ só tyranno, mas in-

Digitized by Google

frutuoso; porque lhe faz este exercicio mais aborrecido, e convêm, que se lhe figure proveitoso, e suave. He preciso procurar alguma destreza para lhe tirar este fastio; e a principal he dar-lhe todas as lições no idioma materno: ao depois promover-lhe alguma emulação, e fingir-lhe este estudo, como hum dos divertimentos daquella idade; mas em lugar destas industrias, quasi sempre se méte o castigo, e porisso vão os rapazes cõmummente para as classes, como os penitenciados para a forca.

(1) *Terrivel couza he o estudo da lingua Latina, se naõ se póde aprender sem golpes, ensinando-se as vulgares sem castigo, sem o qual aprenderaõ todos a debuxar, esgrimir, e montar a cavallo, fazendo gosto de se applicar a estes exercicios.*

O rapaz em vendo hum destes Mestres, que fia todo o seu respeito, e toda a sua ciencia da palmatoria, lhe parece, que vê diante de si hum espectro de panno negro, ou huma fantasma de baeta: e que se póde esperar de semelhante perturbação? Naõ quero dizer, que naõ haja castigo, quando se percebe malicia, ou contumácia no discipulo; e quando abusa dos remedios suaves, he muito necessario, que o purgue a palmatoria desta viciosa inclinação; mas a rudeza, o descuido, e o desconhecimento das regras mere-

(1) Martinho de Mendonça nos Apontamentos para a educação de hum menino nobre.

Digitized by Google

merecem compaixaõ, e se devem emendar estes defeitos com doçura, e piedade.

Para isto me conformo com o *Anonymo*, e em que se desterre das classes a *Arte* do P. Manoel Alvares. Necessitamos de huma nova Grammatica, em que segundo as reflexões de Fenelon, e de Buffers, se naõ declarem as coizas com outras mais escuras: em que naõ haja termos abstractos, ou metaphisicos, e em que se vejaõ as regras geraes, e de mais frequente uso, omittindo se as expressoẽs, que no principio servem de confusaõ, e ao depois se alcançaõ melhor com a prática.

Estas advertencias nos encaminhaõ a aceitarmos a *Arte* de Francisco Sanches, de Gaspar Scioppio, e a de Joaõ Gerardo Vossio. Acabemos de abrir os olhos para reconhecermos a facilidade, com que hoje se ensinaõ as artes, e as ciencias nas Nações eruditas.

Este he o conceito, que tiro desta segunda *Carta* do *Anonymo*; porẽm como sou alguma coiza impertinente, naõ me posso acomodar, a que o *Anonymo* na *Apologia* desta mesma *Carta* chame a Scioppio hum grande Fidalgo Tudesco. Eu nunca entendi, que houvesse Fidalgos, senaõ em Portugal: Gentilhomem se chama em Alemanha, e em outras Provincias, aõ que tem nobreza, que naõ depende da graça do Principe, e seria bem naõ confundir os termos; e naõ fizéra esta advertencia, se naõ fora fundada na mesma doutrina

Digitized by Google

trina do *Anonymo*; pois a pag. 96 da sua *Apologia* accusa o *Irmaõ Arsenio* de confundir *axiomas* com *arbitrios*, e *maximas*.

Porêm este mesmo Scióppio, que tanto louva o *Anonymo*, talvez, que seja outro homem bem differente, do que se pinta na *Pœdia Aurelia*; especialmente sendo o principal elogio, que lhe faz o *Anonymo*, de naõ bom Catholico.

Se havemos de crer o que diz Hornio, (2) este he aquelle homem, que na sua velhice quiz mudar de fé, e para isso se offereceo aos Olandezes, que o naõ admittiraõ; pois naõ sendo Scióppio Catholico Romano no seu nascimento, e abjurando o Lutheranismo, e querendo outra vez mudar de Religiaõ, o reputáraõ por apóstata de huma, e outra doutrina, e indigno de se fazer caso das suas resoluções.

He verdade, que Monsieur Menage (3) nas Notas, que fez a Monsieur Baillet, affirma, que isto fora huma falsidade de Hornio; porêm Menage naõ tem bastante authoridade para desmentir a Hornio. Ha quem pertenda defender a Scióppio com os louvores, que lhe dá D. Nicoláo Antonio; (4) mas os panegyricos dos Hespanhóes naõ fazem muito crédito, por ser Scióppio em Roma Conselheiro da Corte de Hespanha; e como teve alli o privilegio de Cidadaõ Romano, tambem

(2) Histor. Eccles. pag. 226. (3) Sobre os Grammaticos Criticos, tom. 2. pag. 455. (4) Na Bibliot Hespanh. tom. 2. pag. 366.

Digitized by Google

bem se não devem julgar por sinceros os elogios, que lhe dão alguns Italianos.

Para com os Jesuitas Alegambe, Sotvvel, e Ribadeneira, famosos Authores da Bibliothéca da Companhia, não ha homem mais malévolo que Scióppio: elles o tem por hum picaro insolente, e por huma peste publica das letras, e da sociedade humana. Comtudo o juizo destes Padres se não póde chamar indifferente pelas horriveis satyras, que Scióppio fez contra a Companhia: mas ao mesmo tempo he inegavel, que este *Fidalgo Tudesco* abusava bastantemente da sua fidalguia pela desordenada petulancia, que praticou nos seus escritos. Em hum livro, que imprimio em Milão, trata a Cicero de barbaro, e incongruente: Monsieur de Balzac (5) nos adverte, que esta injustiça, que elle faz ao Orador Romano, seria semelhante á de chamar a Catão *vicioso*, e a Cesar *máo soldado*.

O P. Labbé (6) o repuna por hum espirito inconstante, cabeçudo, ligeiro, e de pouco siso: Casaubon (7) lhe chama a mais cruel de todas as féras; e ajunta, que Scióppio era inimigo declarado de Deos, e que tinha descoberto em hum dos seus livros execráveis blasphemias contra a authoridade da Sagrada Escritura. Limneo (8) nos assegura, que todo o designio de Scióppio fora tirar o crédito aos Authores, e não instruir os principiantes;

[5] Epist. 12. lib. 2. do anno de 1636. [6] Bibliot. Nummar. p. 2. pag. 273. [7] Nas Epistolas. [8] Tom. 4. de Jur. publ. Imper. pag. 411.

Digitized by Google

cipiantes; e bem o moſtrou, quando pertendeo ſupprimir a Grámatica de Franciſco Sanches, ſó por ſe fazer original deſte methodo. Já houve quem diſſe, que por eſtas razões agradava tanto ao *Anonymo*; porque tambem fora o ſeu intento dizer mal de nós com o pretexto de nos inſtruir: mas eu naõ conſidero tanta malevolencia no ſeu animo, e ſó condeno, que nos inculque tanto a fidalguia de Scióppio, pondo todas as ſuas forças na *Cárta* undecima em provar, que a Nobreza verdadeira ſó conſiſte na virtude. Por eſta naõ podia elle alcançar eſte titulo, e pela aſcendencia tambem o naõ merece conforme a doutrina do *Anonymo*: com tudo Scióppio ſempre foy hum homem, que faz hum grande ruído entre os Eruditos.

LATINIDADE.

ADverte muito bem o *Anonymo* com Quintiliano, que *aliud eſt Grammaticè, aliud Latinè loqui*; porque depois de conſeguir-ſe a Grammatica Latina, reſta mais difficil empreza, que he a propriedade, e bom uſo dos termos, e das vozes, a que chamamos Latinidade.

Porêm qual ſerá o Meſtre Portuguez, que attenda á genuína ſignificaçaõ dos nomes, verbos, e adverbios? Vay a qualquer *Diccionario de Synonymos*, e eſcolhe ſem conſideraçaõ

Digitized by Google

ſideraçaõ o que lhe faz mais harmonîa ao ouvido, ainda que ſe aparte (o que elle talvez naõ conhece) do ſeu proprio ſignificado; e aſſim acérta o *Anonymo* em dizer, que a boa eſcolha dos termos ſó ſe alcança com o muito uſo dos melhores Authores Latinos, e nenhum Meſtre ſe reſolve a gaſtar tempo neſte exercicio: que ainda mal, que o julgará por ſuperfluo, e impertinente.

As regras, que aqui dá o *Anonymo* para ſe conſeguir a Latinidade, ſaõ claras, preciſas, e proveitoſas; e conforme a minha fraca intelligencia, naõ ſe pódem melhorar: como tambem a eleiçaõ dos livros, que aconſelha: pelo que ſó darey alguns reparos, que ſe me offerecem ſobre eſtes preceitos.

Quer o *Anonymo*, que ſe attenda muito nas compoſições á pureza da lingua Latina, procurando para iſſo a imitaçaõ dos Authores do tempo de Auguſto: he muy diſcréto eſte juizo, mas tudo tem ſua medida. O Cardeal Bembo, hum dos melhores engenhos de Italia, era taõ eſcrupuloſo com a caſtidade deſte idioma, que por naõ offendê-la, nem com o penſamento, deixava muitas vezes de eſclarecer os ſeus mais illuſtres conceitos; e por eſta cauſa lhe chama ridiculo hum homem, como Julio Ceſar Scaligero. (1)

Eſta he a razaõ, porque concórdaõ os melhores Authores, que tenho lido, que bem ſe póde violar em alguma occaſiaõ o mais recatado idioma para ſe exprimir hum penſamento

(1) Lib. 6. Poetic. pag. 800.

Digitized by Google

ſamento eſplendido: os que tem por ſacrilegio o pôrem a planta fóra da raya, ſaõ hypócritas das bellas letras: *Excolantes culicem, camelum autem glutientes.*

Tambem pertende o *Anonymo*, que o Meſtre naõ canſe o diſcipulo, nem lhe tire o tempo com o enſino dos verſos; e dá por razaõ, que os homens naõ ſaõ capazes de tudo: eu confeſſo, que aſſim para a Poeſia vulgar, como para a Latina, ſaõ raros os engenhos, que tenhaõ a devîda capacidade; mas como ha o Meſtre de ſaber, ſe o eſtudante a tem, ſem lhe fazer a experiencia? Parece me, que ſe deve tentar o génio do diſcipulo; pois quando naõ foſſe poético, ſempre ficaria com a utilidade da mediçaõ, para ao menos recitar bem os verſos, e por naõ achar algum Marcial, que lhe diga:

Quem recitas, meus eſt, & Fidentine libellus;
Sed, malè cum recitas, incipit eſſe tuus!

E muitas vezes daõ os principios bem poucas eſperanças, e os progreſſos ſaõ ao depois muito differentes: eu ſey de huma peſſoa, que naõ deixa de ſer conhecida, que applicando a o Meſtre á Poeſia em idade bem tenra, e julgaudo-ſe em muitos tempos por incapaz deſte exercicio, quaſi de repente ſe fez attendivel pelos ſeus verſos, ſe he, que o *Anonymo* nos permitte eſte conceito.

O que eu aconſelhára fora, que ſe o Meſtre viſſe inclinado o diſcipulo á Poeſia, que

Digitized by Google

que o deixaſſe ſeguir o ſeu deſtino; e ſe a coizas mayores, o chamaſſe para ellas, tomando o exemplo, que nos dá o *Anonymo* de M. Tullio.

Que para ſe entenderem muitos Authores ſeja neceſſaria a Geographiia, e Chronologia, a Fábula, Coſtumes, e Ritos da antiguidade, &c. he taõ evidente, que ſó o *Irmaõ Arſenio* poderia negálo; porêm eſta advertencia naõ ſe limita á lingua Latina, he tranſcendente para os eſcritos vulgares. Quem, por exemplo, naõ ſouber Geographia, entenderá em alguns lugares taõ difficilmente ao noſſo Joaõ de Barros, que eſcreveo em bom Portuguez, como os que pediaõ pedra, e cal na torre de Babél; e podendo-ſe remediar eſtes tropeços com a boa direcçaõ do Meſtre, e applicaçaõ do diſcipulo, cuido, que nenhuma ſerá baſtante para os evitarmos na Chronologia.

Naõ ſey, ſe ſeria melhor ignorar, que averiguar, a computaçaõ dos tempos; pois naõ ſe pódem evitar erros, aonde naõ ha mais que conjecturas. Naõ fallo nas Idades, que ſe tem deduzido deſde a Sagrada Epoca do Naſcimento de Chriſto, ſim deſde a Creaçaõ do mundo até a Ley da Graça, em que, ſem huma boa Chronologia, ſe naõ póde regular a Hiſtoria antiga, em que ſe acha aquella indiſſoluvel eſcuridade, que até agora naõ pudéraõ penetrar as luzes de tantos homens, como os que ſe tem applicado a eſte eſtudo.

Digitized by Google

Bem ſabe o *Anonymo*, que procede toda eſta confuſaõ das encontradas relações entre o Texto Hebrêo, o Pentatheuco Samaritano, e a Verſaõ dos Setenta.

O Texto Hebrêo conta 1656 annos deſde o mundo creado até o deluvio; o Pentatheuco Samaritano 1307; os Setenta 2242. Depois do deluvio atè a ſahida do Egypto conta o Hebrêo 797, ou 857 annos; o Samaritano 1447; os Setenta 1577.

Se deſcemos dos Hiſtoriadores ſagrados para os profanos, naõ achamos menos contradições: Joſepho conta mais de 6000 annos deſde a Creaçaõ do mundo até o Meſſias; Julio Africano 5500; Euſebio 5200; Scaligero 3950; Voſſio 5582; as Táboas Alfonſinas 6984; e Uſſerio 4000; e ainda que eſta opiniaõ he a mais ſeguida, nunca ſe póde eximir de muito duvidoſa. A Igreja ſahio para fóra da queſtaõ; pois ſegue a opiniaõ de S. Jeronymo na *Vulgata*, e deixou ficar a dos Setenta no *Martyrologio*.

Se entramos ao depois no tempo do antigo Reyno dos Aſſyrios, no dos Médos, Babylonios, Ninîvitas, &c. que oppoſições ſe naõ encontraõ em Herodoto, Appio, Cteſias, Caſtor, e Velleio Paterculo?

Se caminhamos com melhores luzes no curſo das Olympiadas, tudo para trás he huma névoa denſiſſima, ainda que nos pertendà alumiar o *Periodo Ideal* do P. Joaõ Luiz de Amiens.

Varro ſó chamou tempos Hiſtoricos,

aos

aos que tem nas Olympiadas a ſua origem: aos antecedentes lhes chama a huns fabuloſos, a outros deſconhecidos; mas ainda entre as Olympiadas naõ faltaõ tropeços: tanto porque huns as fazem de quatro, outros de cinco annos, em que ha huma grande differença; como, porque he muito incerta a Era da ſua inſtituiçaõ, e do ſeu reſtabelecimento.

Dirá o *Anonymo*, que naõ ha outro remedio mais, que ſeguir o ſyſtema de mayor concurſo: eu tambem o digo aſſim, e naõ reprovo por eſta cauſa a applicaçaõ da Chronologia, e ſe for pela computaçaõ de Uſſerio, ſerá mais bem conhecida na Hiſtoria Eccleſiaſtica do famoſo Boſſuet; mas devem os diſcipulos levar a cautéla, de que eſte eſtudo he muy controvertido, para naõ jurarem *in verbo magiſtri* tudo, o que aprenderem, como fazem quaſi todos aquelles, que em cada Meſtre fingem hum Oráculo.

Pelo que reſpeita á boa pronunciaçaõ, he taõ neceſſaria, como a pureza da lingua. Os melhores Diréctores ſejaõ embóra os Italianos, já que a pertendem fundar na herança de pays a filhos; ſe bem, que he contra elles o argumento, de que aſſim como ſe desfigurou tanto na lingua Italiana a Latina, aſſim ſe podia corromper o genuîno modo de pronunciála.

Naõ ſe ſabe, ſe o *ce*, e o *ci*, que ſempre liquîda eſta Naçaõ, ſerá idiotiſmo Italiano, ou tradiçaõ do Lacio. Da meſma ſorte

ſe

Digitized by Google

ſe póde duvidir, ſe o ſeu *u* depois do *q* ſe fazia taõ ſenſivel entre os antigos: porêm ſeja o que for da verdadeira pronunciaçaõ Latina, em que nada ſe póde dizer com ſegurança, o certo he, que cada Provincia pronunciâ o Latim confórme o accento da ſua lingua materna; e aſſim naõ nos podemos accuſar huns aos outros. Verdade ſeja, que os Portuguezes tinhaõ alguns vicios, de que ſe foraõ emendando os mais advertidos, depois que nos vieraõ os Cantores da Italia. Já pronunciamos o *m* com o ſeu proprio ſom: já naõ metemos hum *i* entre o *e*, e o *a*, como por exemplo, em *meam*: já diſtinguimos o *i* pequeno do raſgado; e já ferimos as vogaes com hum ſom mais abérto, e diſtinto.

Reduzindo pois toda a doutrina, que aqui nos dá o *Anonymo* para conſeguirmos a perfeita Latinidade, ſerá preciſo, que haja muitos Meſtres, que ſaibaõ as melhores regras da Grammatica, e do ſeu uſo: que tenhaõ hum grande conhecimento do eſtylo dos Authores, que ſe achem bem inſtruîdos na Geographia, Chronologia, Fabula, Ritos, Leys, Coſtumes da antiguidade: que ſe *provam* de livros mais ſelectos para eſtes eſtudos: que tratem os diſcipulos com amor de pays, e naõ com a coſtumada tyrannia das claſſes; e que attendaõ menos ao ſeu deſcanſo, que á utilidade dos eſtudantes. E aonde ſe achará hum ſó Meſtre com todas eſtas qualidades, quanto mais, os que ſaõ neceſſarios para ſe diſtribuîrem pelo Reyno?

Muito

Digitized by Google

(2) *Muito util ſeria, que o Meſtre, álem da lingua Latina, ſoubeſſe a Grega, e fallaſſe as principaes da Europa: foſſe beminſtruído na Geographia, Chronologia; e nas ciencias Mathematicas: que tiveſſe algum conhecimento do Direito publico, intereſſes dos Principes, e da Philoſophia: mas aonde ſe ha de achar com eſtas circumſtancias?*

E em outra parte dos meſmos Apontamentos:

Grandes coſtumaõ ſer as difficuldades de achar ſogeito capaz de ſer bom Meſtre, e ſe nos governarmos pelos requiſitos; ſerá taõ difficultoſo achálo, como encontrar o Orador perfeito, que deſcreve Cicero, ou o Varaõ Sabio, que idearaõ os Eſtoícos.

LINGUAS ORIENTAES.

NAõ he neceſſario provar a muita ignorancia, que ha deſtas linguas no noſſo Reyno. Do Hebraico ainda ha mayor deſconhecimento; porque nem ſe enſina, nem ſe aprende.

Todos os eſtudos, que pertencem à Igreja, tem huma grande dependencia dos eſcritos dos Santos Padres. Os que eſtaõ na lingua Grega, he como ſe eſtivéſſem para nós na Phenicia, ou na Troyana.

Os

[2] Martinho de Mendonça nos referidos Apontamentos.

Digitized by Google

Os Ecclesiasticos das outras Nações tem a ventagem de beberem a doutrina nas fontes, nós a bebemos nos tanques, aonde a qualidade dos aqueductos poderá trazêla com algum sabor estranho. E naõ só para as letras sagradas, mas tambem para as profanas, como adverte o *Anonymo*, he necessario o Grego; e esta será a razaõ, porque nas nossas escólas se tem pervertido tanto o modo de adquirir as ciencias: ainda que o mais déstro pincel saiba repôr as feições do semblante, nunca póde retratar aquellas especies, que estaõ álem da esféra da arte. (2)

E he o que se experimenta nas versões do Grego, e Hebraico; porque muitas vezes se naõ póde mudar toda a energîa do sentido para idioma estranho; e álem desta difficuldade ha outras equivocações nestes retratos: como por exemplo, naquelle lugar, em que diz o Texto Hebrêo, que Deos plantára o Paraîso em Eden.

Eden he huma voz equivoca, que humas vezes significa o *gosto*, outras *hum lugar de Mesopotâmia*. Os Setenta a tomáraõ como nome proprio, e a conserváraõ na traduçaõ: a *Vulgata Latina* a tomou como appellativo, e escreveo: *Paradysum voluptatis*.

Daqui pódem inferir os senhores Theólogos a necessidade, que tem das linguas Orientaes, e como com ellas poderiaõ evitar muitas

(2) Multa sunt, quæ pingi non possunt, sed ut alia præteream, tria occurrunt: nix, aurum, Sol, quæ nullius Apellis penicillo exprimuntur. Caramuel in Judic. ad Certam. Forens. Dominici de Rubeis.

Digitized by Google

tas incongruencias, que cada dia ſe proférem dos pulpitos, e cadeiras.

Sendo pois indiſputavel a utilidade das meſmas linguas, parece-me, que a ignorancia, que ha dellas, he pela difficuldade de adquirilas. Repreſentaõ-ſe eſtes dois idiomas com a eſtranheza dos caractéres, como huma terrivel cerraçaõ da intelligencia, ou como humas ſombras volantes, que atemorizaõ a noſſa viſta.

Porêm eſte meſmo eſpanto concebem os rapazes a primeira vez, que ſe lhes poem o Alphabeto da ſua propria lingua diante dos ólhos; e iſto he hum terror pânico, que baſta deſprezálo para deſvanecêlo; e ainda deve ſer menor o receyo, ſe eſta empreza he taõ facil, como o *Anonymo* a propoem: eu a naõ conſidéro formidavel, ſempre a julgo, com tudo, entre nós, baſtantemente laborioſa.

Naõ fallarey na lingua Grega, porque havendo della alguma tintura no Reyno, ſe póde conhecer o muito, que ſe trabalha para ſe alcançar eſſa breve noticia: eu conheço hum Lente da noſſa Univerſidade, que tem empregado neſte eſtudo mais de dez annos; e fio da ſua modéſtia, que ſe naõ atreva a dizer, que ſabe Grego. Confeſſo, que tudo iſto he falta de methodo; porèm eſtas faltas ſaõ tranſcendentes a todos os eſtudos de Portugal.

Da lingua Hebraica nos diz o muito erudîto P. Calmet, (3) que neceſſita de eſtudo, e longa experiencia, para ſe conhecer

Digitized by Google

o ſentido das ſuas phraſes, e dos ſeus idiotiſmos.

He preciſo, como por exemplo, ter experiencia, e eſtudo do pouco uſo, que faziaõ os Hebrêos dos comparativos; como ſe vê naquelle lugar: *Bonum eſt confidere in Deo, quam confidere in homine.* Notar, que *æternum* ſignificava entre elles hum tempo dilatado: *univerſa terra* a Paleſtina; *mors*, e *ſepulchrum* as calamidades; *Circumciſio* o Judeo; *Præputium* o Gentio; e para moſtrarem a excellencia das coizas lhes ajuntavaõ o nome de *Deos*, e aſſim diziaõ: *Montes Dei, Cedri Dei, &c.*

O *Anonymo* nos adverte, que os livros, em que ſe deve principiar a eitura do Hebraico, ſejaõ os do Pentatheuco, por ſerem mais fáceis: mas ſendo tantas, e taõ várias as edições deſtes livros, quizéra, que elle nos tivéſſe dito, quaes eraõ as melhores, ſuppoſta a eſcolha, que nos faz dos Authores para a noſſa inſtruçaõ; e pois que naõ reparou na utilidade, que nos podia reſultar deſta noticia, ſermeha deſculpavel a confiança de a produzir neſte lugar.

Pondo de parte as diſputas, que ha deſde o ſeculo decimo-ſetimo, em que o Pentatheuco Samaritano veyo a primeira vez do Oriente para Europa, ſobre ſe eſte he mais eſtimavel, que o Hebrêo, e a differença, que nelles

[3] Cum linguæ Hebraicæ indoles alia ſit à Gallicæ, ideo ſtudio, longaque experientia opus eſt, ut idiotiſmorum, & phraſium ejuſdem linguæ ſenſus attingatur. In Bibliot. Sacra.

Digitized by Google

nelles encontraõ os Criticos, o que ſe póde ver em Uſſerio, Morino, Valtonio, &c. baſta, que eu faça menção da Biblia Hebraica para cumprir com a minha promeſſa.

Quarenta e nove ſaõ as impreſſoẽs deſta Biblia deſde o anno de 1448 até o de 1707. Entre ellas he correctiſſima, a que os Judeos imprimiraõ com pontos em Piſauro em 1494: ſem pontos naõ he menos correcta, a que ſe imprimio na meſma Cidade no meſmo anno, e ao depois no de 1573, 1610, &c. He tambem excellente a de Antuerpia impreſſa em 1566, 1572, &c. Summamente recómendavel he, a que illuſtrou com themas Latinos Joaõ Leuſden, impreſſa em Amſterdam no anno de 1661, 1667, 1705. Porêm a mais util para os principiantes he outra de Antuerpia no anno de 1572 com a verſaõ interlineal de Santos Pagnino; e eſta Biblia pela ſua utilidade tem conſeguido hum grande numero de edições.

Mas paſſando da lingua Hebraica, e Grega para a Franceza, e Italiana, quizera eu, que as cultivaſſem, naõ ſó os profeſſores das bellas letras, mas ainda os de mais altos eſtudos. Neſtas duas linguas eſtaõ hoje depoſitados todos os theſouros da ſabedoria: a Franceza deſde o tempo de Franciſco I, e eſpecialmente no Reynado de Luiz o Grande tem feito mayores conquiſtas nos paîzes mais reconditos da antiguîdade, que todas as outras Nações no decurſo de muitos ſeculos.

Algum dia naõ ſe chegava á gargan-

Digitized by Google

ta do Pindo, senaõ tocindo, e abordoando: hoje com o admiravel soccorro deste idioma, ainda em idade robusta, se póde saúdar este glorioso cume sem cansaço, nem discõmodo.

Para os Gregos constituîrem a pátria das ciencias na sua Athenas foy necessario, que a mayor parte dos seus sabios peregrinassem quasi toda a sua vida; e das outras Provincias era forçoso hir a Grecia para conseguir a doutrina: de lá he, que a tiráraõ os Romanos, e só deste entaõ he, que Roma alcançou o caracter de sabia, e de polîda.

Hoje naõ he necessario sahir de hum gabinete, em que haja huma boa collecçaõ de livros; bom Mestre, que guie; gosto, e applicaçaõ de quem aprende.

Mas parece, que aqui mostramos, que ha pouca necessidade das linguas Orientaes, ao menos aquella, que o *Anonymo* nos inculca; e muito mais, confessando-nos elle em vários lugares destas *Cartas*, que todos os livros, que nos pódem servir, assim do Grego, como do Hebraico, os temos hoje reduzidos pelos Francezes, e Italianos a huma exacta traducçaõ: e querer o uso destas linguas, presumindo, que entenderá melhor os originaes, do que tantos, e taõ insignes Traductores, será vaîdade, ou soberba; e por esta causa reprovava Santo Agostinho (4) a S. Jero-

(4) De vertendis, autem, in linguam Latinam sanctis libris laborare te nolîem; nam aut obscura sunt, aut manifesta: si enim obscura sunt, te quoque in eis falli potuisse, non immeritò creditur. Si autem manifesta, superfluum est te voluisse explanare, quod illis latere non poterit. Epist ad Hieron.

Digitized by Google

S. Jeronymo, que elle emprendeſſe a verſaõ da lingua Hebraica.

O muito douto Caramuel no Cathálogo dos ſeus livros nos declara, que elle nunca quizéra empregar, ou perder o tempo na leitura dos Padres antigos; porque na induſtria, e eſtudo dos modernos ſe achava tudo, o que elles melhor eſcrevêraõ. (5)

Mas com licença deſte grande Prelado, nenhuma peſſoa, que conhece bem a Hiſtoria da Igreja, deixará de ſe perſuadir, que em todas as materias Eccleſiaſticas, ciencia, e doutrina ſagrada, naõ pódem ter comparaçaõ as ſubtilezas, e futilidades, que lhes ajuntáraõ os modernos, com a louvavel, e fundamental ſingelleza, que os Padres antigos praticavaõ nos ſeus eſcritos.

(6) *Se procuramos o que merece propriamente o nome de ciencia, aonde a poderemos achar, ſenaõ nos Padres? Eu falo deſta verdadeira Philoſophia, que ſervindo ſe de huma exacta Diuléctica, ſe remonta pela Metaphiſica aos primeiros principios, e ao conhecimento do verdadeiro bem, e da*

[5] Non multùm ego temporis impendo, aut perdo in veterum libris legendis; non quòd contemnam illos, ſed quòd omnia, quæ pulchrè cogitarunt, jam ſint â junioribus ſummo ſtudio, & induſtria elimata.

(6) Si nous cherchons, ce qui merite proprement le nom de ſcience, où en trouverons nous, plus que chez les Peres? Je dis cette vraie Philoſophie, qui ſe ſervant de une exacte Dialectique, remonte par le Metaphiſyque juſques aux premiers principes, & á la connoiſſance du vrai bon, & du vrai beau, pour en tirer par des conſequences les mœurs, & rendre les hommes fermes dans la vertu, & heureux autant, qu' ils ſon capables. Abb. de Fleury, diſc. ſobre á Hiſtor. Eccleſ. art. 15.

Digitized by Google

e da verdadeira felicidade, para tirar por seguras consequencias as regras dos costumes, e assegurar os homens nas virtudes, e em toda aquella prosperidade, de que se faz capaz a nossa natureza.

Só quem desconhece, que todas as ciencias, assim sagradas, como profanas, devem reduzir-se a estes sólidos fundamentos, he, que póde disputar a utilidade das linguas Orientaes para gozar da leitura dos Padres, e do original Hebrêo; mas para isto necessitamos de aprendêlas mais fundadamente, reputando por diminuta a idéa, que dellas nos faz o *Anonymo.*

Saber estas linguas para naõ nos confiarmos nas versoens, que naõ saõ de Fé, e naõ ter dellas o mais profundo conhecimento, parece contraditorio, e he melhor entregar ao arbitrio dos bons Traductores, que fiar na propria intelligencia, se esta naõ estiver acompanhada de toda a noticia destes idiomas; e ainda com ella será preciso em muitas partes cativar o juizo á authoridade alheya.

RHE-

Digitized by Google

RHETORICA, E PREGADORES.

AInda quando a Rhetorica eſtava mais florente, e que pendiaõ as leys da força da palavra, como muitas vezes ſe vio em Athenas, e em Roma, houve diſputas, ſe eſta arte ſeria mais util, que prejudicial, á Republica?

Ha poucos annos, que diſſe Martinho de Mendonça, *que ella era bem eſcuſada no tempo, em que os homens ſe perſuadiaõ melhor com a ſubſtancia das razões, que com o conceito das vozes*; e aſſim parece com o exemplo do Duque de Marlborough, que fallando muito mal o Francez, e explicando ſe ſempre neſta lingua diante das Aſſembléas dos Eſtados Geraes das Provincias Unidas, nunca deixou de as reduzir aos ſeus intereſſes, por mais que eſtivéſſem prevenidos os Miniſtros de naõ cederem á ſua perſuaſaõ. Mas como naõ póde haver boas razões ſem vozes concertadas, naõ me faz força eſte exemplo, nem ſigo aqui a opiniaõ daquelle meu Parente, bem que a dos ſeus grandes eſtudos eſteja taõ eſtabelecida neſtes Reyno, e devemos agradecer ao *Anonymo* as regras, que nos dá, para fazer util a Rhetorica.

A critica, que elle exercita neſta *Carta* com os noſſos Oradores, a naõ póde impugnar alguma peſſoa, que for amiga da juſtiça.

Digitized by Google

tiça. He coiza laſtimoſa ver todos os dias o abuſo, que tem nos Templos ás Orações Evangelicas! O pulpito, que foy collocado em hum lugar taõ alto, para delle ſahir o pregaõ da Ley da Graça; para aterrar o vicio, e promover á virtude, que ſeja commummente o lugar..... Cuido, que melhor me explico com huma reticencia.

Faz eſtremecer o coraçaõ, que até hum homem como o *P. Vieira* ſe naõ apartaſſe em algumas occaſiões deſta deſordem! As paſſagens, que produz o *Anonymo* de alguns dos ſeus Sermões, he neceſſario muito para deſculpálas, ou defendêlas. Naõ me poſſo dilatar em todas; e ſó direy alguma coiza ſobre a prova do Texto do cap. 13. do Exodo:

Armati aſcenderunt filii Iſrael de terra Ægypti.

Aqui moſtra o *Anonymo* a grande noticia, que tem da lingûa Hebraica; e dos ſeus melhores Authores; pois affirma, que todos, e os mais doutos concórdaõ, em que o *chamuſchim* do texto Hebrêo ſignifica, que os Iſraelitas ſahiraõ armados do Egypto, e que com grande advertencia o vertera para o vocábulo *armati* o Traductor da *Vulgata Latina*; e que aſſim ou naõ entendera o Texto, ou uſára muito mal delle o *P. Vieira*, quando diſſe, que a meſma palavra Hebraica correſpondia ao *quini*, & *quini*, ſó para introduzir neſte lugar as Quinas de Portugal.

Para

Digitized by Google

Para fundar eſta accuſaçaõ ſe vale o *Anonymo* da grande authoridade do Rabbino Kimhi, a que eu ajunto a de Abrahaõ de Balmis, e a de Aben-Ezra (1) com a de S. Jeronymo, (2) que tambem affirma, que aſſim o entendiaõ todas as Cadeiras da Synagoga.

Reconheço ao meſmo tempo, que eſtes tres Rabbinos tem todo o crédito na Grammatica Hebraica; pois naõ houve até aqui algum Doutor Chriſtaõ, que naõ fundaſſe as ſuas expoſiçoẽs ſobre a intelligencia deſtes Hebrêos; porêm permittirá o *Anonymo*, que eu lhe diga, que nem todos, nem os mais doutos da lingua Hebraica concórdaõ, em que o *chamuſchim* dos Hebrêos correſponde fielmente ao *armati* dos Latinos; pois os Setenta (que o *Anonymo* confrontará com os tres Rabbinos para lhes pezar a preeminencia, e que naõ perdêraõ nada da ſua authoridade, com a que a Igreja deo á *Vulgata Latina*) em lugar do *armati*, vertêraõ: *quinta generatione*: o que naõ deixa de ſer mais natural ao Texto, ſe computarmos as gérações do Tribu de Judá; pois na quinta he, que ſahio o povo do cativeiro: porque Judas gerou a Pharés: Pharés a Eſron: Eſron a Aram: Aram a Aminadab: Aminadab a Naaſon, que era o Principe deſte Tribu, quando os Iſraelitas ſe achavaõ no deſerto.

E naõ deſordena eſta expoſiçaõ a promeſſa, que Deos fez a Abrahaõ no cap. 15.

(1) Ad cap. 1. Joſué v. 14. [2] Quæſt 2. ad Damaſ.

Digitized by Google

do Geneſ. verſ. 16, de que o povo na quarta geraçaõ he, que fahiria do dominio eſtranho; porque aſſim ſe verificou tambem no Tribu de Levî; pois Levî gerou a Caath: Caath a Amram: Amram a Aaron: Aaron a Eleazar, que com ſeu pay ſahio do Egypto. Eſtando pois encontrados os Rabbinos com os Setenta na verſaõ do vocábulo *chamuſchim*, parece, que neceſſita eſte ponto de mais alta averiguaçaõ, e que naõ eſtá taõ liquido, como o *Anonymo* o propoem.

Cornelio ao meſmo Texto (3) nos diz, que o *chamuſchim* ſignifica *quini*; mas que eſte *quini* quer dizer aqui *armati*, pela figura metalepſin uſada dos Hebrêos. Uſaõ os Rhetoricos deſta figura, quando querem dar a conhecer huma coiza por outra; de que ſe conclúe, que o *quini* he a verſaõ literal, e propria do *chamuſchim*; e o *armati* he verſaõ metaphórica. E aqui faltou o *Anonymo* em declarar-nos, porque cauſa ſe devîa entender o *chamuſchim* em huma ſignificaçaõ metaphórica, e naõ no ſeu proprio, e verdadeiro ſentido? Parece, que naõ póde haver outra, que a de ſe formarem com cinco ſoldados as fileiras dos exercitos; e aſſim quem fallava de cinco ſoldados em fileira, já os ſuppunha armados, e preparados para o combate. O meſmo Cornelio (4) faz menção deſta fórma militar. Porêm eſte coſtume naõ era taõ conſtante, q̃ ſe naõ viſſe muitas vezes alterado.

Na

[3] Quini, idem eſt armati per metapleſin Hebræis uſitata. [4] Quini incedunt in acie milites armati, Ibid.

Digitized by Google

Na noſſa infelice batalha de Africa ſe formáraõ as fileiras de ſeis ſoldados, o que ſabemos por aquella repoſta, que deo Gomes Freire ao Rey D. Sebaſtiaõ, que reparando, em que a ſua fileira naõ tinha mais, do que cinco, lhe ouvio, que hum pay entre quatro filhos bem ſuppria a falta de hum ſoldado.

Mas ainda que foſſe inalteravel o uſo de ſe dar cinco ſoldados a cada fileira, e que por eſta razaõ baſtaria dizer *quini*, para ſe entender *armati*, nunca eſta metalepſin ſe podia verificar nos Iſraelitas; porque no tempo, em que ſahîraõ do Egypto, ſerá muito difficil provar-ſe, que elles tivéſſem algum conhecimento deſta diſciplina, tanto pela inércia, e ocoupações ſervîs, em que vivêraõ quatro ſeculos no cativeiro, como porque ainda muitos annos adiante deſconhecêraõ os preceitos, e primores da Miliçia. Sabido he, que entre os Orientaes (em cujo numero entraõ os Iſraelitas) ſe ignorava totalmente o concerto, e ordem da campanha, pondo toda a eſperança da victoria mais no eſforço, e impeto dos ſoldados, que na regularidade das evoluções; (5) e ainda ha bem poucos tempos, que eſte era o eſtylo dos Turcos, ſeguindo a ignorancia, ou a ſoberba do Oriente;

F 2

(5) Porrò ſine controverſia receptum eſt, Orientales olim acies ſatis inconditas in pugnam produxiſſe; maximumque prælii momentum poſuiſſe in impetu, quodam ardore, & virtute militum potius, quam in apta ordinum diſpoſitione, & militari ad Ducis imperium ſanctè cuſtodita diſciplina. Calmet. de Re milit. veter. Hebræor. pag. 306. col. 2.

Digitized by Google

ente; de que, naõ ſey, ſe ſe acabou de deſperſuadilos o famoſo Conde de Bonneval, depois de trocar o chapéo pelo turbante.

Tambem he difficil a demonſtraçaõ, de que os Iſraelitas pudéſſem ſahir armados do Egypto, ſabendo-ſe, que ainda no Reynado de Saul naõ uſavaõ de armas nos combates; pois eſtas eraõ ſó permittidas ao Rey, e ao Principe. (6)

Aqui ſe me perguntará, como elles acõmettiaõ os inimigos? Eu reſpondo, que com a funda, por ſerem mais déſtros nella, que todas as outras Nações. (7)

Dirá o *Anonymo*, que baſta a funda para ſe verificar o *armati*; porêm, os Rabbinos, que deixamos allegados, eſpecialmente Kimhi, de que elle ſe vale para accuſar o *P. Vieira*, ſuppoem armados, e cingidos os Iſraelitas de diverſos generos de armas; e ainda concedido, que ſahiſſem com ellas, nunca ſahîraõ em fórma militar; ou ao menos, dando cinco ſoldados a cada huma das fileiras, que he ſó, quando ſe poderia tomar o *quini* na ſignificaçaõ de *armati* pela metalepſin referida; pois he certo, que os Iſraelitas (e eſpecialmente naquelle tempo) formavaõ a ſua batalha ſem alguma figurada diſpoſiçaõ, e acõmettiaõ o inimigo, como hum rebanho confuſo: *Acies, veluti greges inſtruebant.* (8)

Pela

(6) Cum Saul Regnum inieret, vix tantò Regi, ejuſque filio Jonathæ arma neceſſaria ſuppetebant. Ibid. pag. 312. col. 2. circ. fin.

(7) Funda in prætio erat apud Hebræos, quemadmodum, & fortè etiam amplius, quam apud cæteras orbis nationes. Ibid. 310.

Digitized by Google

Pela defeza, que eu dou a eſta accuſaçaõ, que faz o *Anonymo* ao *P. Vieira*, e ſendo a mais bem fundada para exercitar a ſua critica, facilmente ſe conhecerá, a que pódem ter as outras accuſações; mas como procedo de boa fé no pezo da minha *Balança*, devo dizer, que nunca poſſo eſcuſar eſte noſſo famoſo Orador de ſe deſviar da verſaõ da *Vulgata* para lograr o penſamento, que fundou na gloria das noſſas Quinas; e naõ o condeno pelas razões, com que o *Anonymo* o argúe, mas ſim, porque devêra ſaber, que Calvino eſcarnece do Traductor da *Vulgata*, por ter poſto *armati* em lugar do *quini*, ou de *quintani*; e que hum conceito Catholico ſe naõ deve conformar com o de hum hereſiarca taõ deſaforado, e temerário, que ſaõ poucos os lugares, que elle naõ perverteo na Sagrada Eſcritura.

Emfim deve-ſe prégar, como prégavaõ os Baſilios, os Nazianzenos, os Chryſoſtomos, Santo Ambroſio com eſte methodo, e naõ com as ſubtilezas, que Fauſto infundia no coraçaõ de Agoſtinho para o conſervar no Manichiſmo, he, que deſatou todas as duvidas, que embaraçavaõ aquelle prodigioſo entendimento.

Eſte foy o mayor triunfo, que no pulpito tem alcançado a verdade: triunfo, que ſe naõ deve aos eſforços do engenho, mas aos de huma doutrina ſólida, clara, e vehemente, tirada do verdadeiro ſentido da Eſcritu-

[8] In text. origin. Paralipóm. cap. 12. v. 38.

Digitized by Google

Escritura, e não da festiva, e violenta acomodação dos textos. Quem semeia trigo misturado com cizania, que fruto espera de semelhantes sementeiras? *Expectavit, ut faceret uvas, & fecit labruscas.*

Eu pudéra dilatar-me bastantemente nesta bem proveitosa materia; mas o *Anonymo* o faz com meudeza, e acerto, que será redundancia dizer se mais, do que elle pondéra.

DA MESMA RHETORICA.

Louvo muito nesta *Carta* o querer o *Anonymo* despir a Eloquencia de toda a affectação. Não ha coiza mais aborrecida, que aquella, em que se percebe hum cuidado artificioso; e em tudo, o que se imita debaixo do Sol, deve ser este o principal preceito; pois não póde haver propriedade, senão da semelhança, que se procura da natureza. O *Anonymo* suppoem sabidos todos os lugares, e figuras da Rhetorica, e he o seu intento dar o methodo, para que se pratiquem. Ainda que os preceitos geraes pódem parecer escolhidos, o encontro entre elles a novidade de alguns, em que farey hum par de reflexões.

Diz, que o mais importante da Rhetorica he estudar a natureza, e o caracter das paixões, e fallar naturalmente; e ao mesmo tempo

Digitized by Google

tempo adverte, que se naõ devẽ estudar palavras, que tenhaõ cadencia harmoniosa; porêm este aviso he contra a Rhetorica de Aristoteles, (1) que poem a formosura das palavras na sua sonoridade.

Naõ deixou de conhecer este grande Mestre da elegancia, que havia muitas letras, assim vogaes, como consoantes, que pela sua aspereza, ou suavidade poderiaõ fazer gostosa, ou insipida a oraçaõ. He certo, que o *a*, *e*, *o* saõ muito mais canóros, que o *i*, e *u*: o *p*, *l*, *m*, mais suaves, que o *r*, *i*, *s*, *x*, *z*; e aonde entrarem as letras consoantes, ou vogaes mais doces, e harmoniosas, mais sensivel ficará o numero do periodo.

Na alternativa das vozes, a que chamaõ *graves*, *agudas*, e *esdruxulas*, tambem consistirá muita parte da cadencia soluta; e com este segredo he, que se mostraõ taõ elegantes as orações de S. Leaõ Papa.

Igualmente se consegue o concerto da prosa, quando se misturaõ com a devida proporçaõ as dicções pequenas, e grandes, de cuja regra devemos exceptuar as *sesquipedaes*; porque ainda que *Imperio* seja melhor dicçaõ, que *Reyno*; e *Portento* melhor palavra, que *Monstro*; *Sepulcro* melhor que *Campa*; *Monumento* melhor que *Sepulcro*, *&c.* com tudo, se metermos muitas palavras compridas, faremos languida a oraçaõ; que era o defeito, que Asinio Pollion descobria nas de Cicero; e se usarmos de muitas vozes curtas,

(1) Pulchritudo vocabulorum in sono. Lib. 3. Rhetor. cap. 2.

Digitized by Google

outras, ficará a oração precipitada, como se vê deste verso de Ennio:

Si luci, si mox, si nox, si jam data sit frux.

Ora parece, que se não póde negar, que debaixo destas advertencias, e de outras muitas, que preceituão os Rhetoricos, deve haver mais algum cuidado nas composições, que aquelle, que o *Anonymo* nos permitte; e se recorrermos aos melhores períodos de Cicero, facilmente se conhecerá, o quanto elle estudava para os fazer cadentes, e harmoniosos. Eu trasladarey aquelle, de que tanto se jacta este famoso Rhetorico no seu *Orador perfeito*, e o darey na mesma figura, em que o propoem o Conde Thesauro, para melhor se confirmar esta proposição.

Est

Est enim judices,

non scripta, | *sed nata*

Lex,

quam non dedicimus, | *arripuimus,*

accepimus, | *verum ex* | *hausimus,*

legimus. | *natura ipsa* | *expressimus,*

ad quam

non | *docti,* | *non* | *instituti,*

sed facti | *sed imbuti,*

sumus.

Na regulada, e precisa correspondencia, que tem entre si os verbos, os nomes, e adverbios deste periodo, se está reconhecendo o cuidado, e estudo, com que foy produzido, o qual observava o mesmo Cicero, ainda nos periodos pequenos, como por exemplo:

Digitized by Google

Mors eſt.

in fuga	*in victoria*
fœda;	*glorioſa.*

Pelo que me parece, que a boa diſpoſiçaõ dos perîodos, ſejaõ breves, largos, ou redondos, pende tanto da natureza, como da arte; tanto do eſtudo, como da felicidade do génio; e digo, que a verdadeira Eloquencia, ainda que deva parecer natural, neceſſita muito de meditaçaõ, e de muitos actos, e reflexões, e que ſe venha com o uſo a adquirir hum habito, em que ſe moſtrem os termos mais filhos da lingua, que do eſtudo. Porêm naõ baſta a ſonoridade das vozes, e concurſo das phraſes eſcolhidas, os penſamentos illuſtres; porque álem de tudo iſto neceſſitaõ os perîodos de huma artificioſa, e particular medida na diſtribuiçaõ dos membros para ſerem agradáveis aos ouvidos, que he, em que conſiſte toda a bondade, e perfeiçaõ da Eloquencia.

Naõ obſtante ſer a Grecia, a que mais ſobreſahio na Rhetorica, largo tempo curſáraõ os ſeus Oradores com huma enfadonha verboſidade, pondo todos os primores da arte em hum precipitado impulſo de vozes, aonde primeiro ſe acabava o fôlego, que o ſentido.

Digitized by Google

Aristo he, que Aristoteles chama oraçaõ pendente. (2) Quando os Athenienses orárao diante dos Espartanos para lhes pedirem forragens no caminho de Anacéyole, lhes disserao estes, que a primeira parte da sua Oraçaõ tinha já sahido da memoria, e que a segunda naõ tinha entrado nella.

Trasimacho foy o primeiro, que observou este defeito na elegancia Grega, e começou a dividir estes dilatados pólos de vocábulos em breves intervallos, a que chamou *períodos*, que parecendo ainda muito extensos a Leontino, os reduzio a huma certa medida de vozes, a que deo o nome de *articulos*, e destes fomos hum composto, que intitulou *membros*, de que vayo finalmente a organizar-se o corpo do *período*. Mas o mesmo Cicero reconheceo muito tarde a graça, e harmonía desta symmetría; porque as orações da sua varonilidade estaõ inficionadas com o sabor antigo da Grecia, e póde-se dizer, que nas *Philippicas* (ultima obra da sua madureza) he, que emendou este defeito; e porisso julgaõ os advertidos, que elle ferira o *Verres* de róslayo, e a M. Antonio com a ponta.

Tem-me esquecido advertir, que parece, que o *Anonymo* só condena a affectaçaõ da prosa, que degenéra em verso, e me admiro, de que elle condene, o que pontualmente

(2) Dico autem pendentem, [orationem] quæ nullum per se habet exitum, nisi res, quæ dicitur, ad exitum pervenerit. Lib. 3. Rhetor. cap. 9.

Digitized by Google

almente executa, de que, entre muitos lugares destas *Cartas*, mè naõ permitte a minha brevidade, que eu dê mais, do que hum exemplo.

Nas Redondilhas, com que o Conde de Tarouca defendeo a palavra *aquillo*, que presumo naõ bem notarias na Corte, se acha esta, que eu aqui transcrevo:

Musa naõ quer sugeiçaõ
nos termos para expender
o enthusiasmo ha de haver
liberdade na expressaõ.

E na *Carta* setima do *Anonymo*, pag. 227, regra 4, se achaõ tambem estes dois ultimos versos em figura de prosa:

O enthusiasmo ha de ter
liberdade na expressaõ.

E naõ ha mais differença, que dizer o Conde; *ha de haver*, e o *Anonymo*: *ha de ter*; o que naõ altéra a justa medida do verso.

Pelo que toca ao estylo, supponho, como indisputavel, que se divîde em tres especies: *sublime*, *infimo*, *mediocre*; em tudo, o que diz o *Anonymo* sobre o seu uso, se deve louvar, e seguir; e só reparo, em que elle affirme, que o estylo sublime tem o seu proprio lugar nos Sermões, e Orações, e na Poesia Heróica, e Trágica, e que ás vezes póde têlo na Historia, quando se introduzem a fal-

Digitized by Google

a fallar algumas pessoas; e accrescenta, que as Orações de Cicero, os Poêmas Epicos de Homéro, e de Virgilio saõ de estylo sublîme.

Esta doutrina he para mim novissima, e desejára vêla authorizada com bons Mestres para naõ me parecer taõ estranha; pois sabe o *Anonymo*, que naõ basta hum só Author para estabelecer huma opiniaõ, sendo totalmente contraria á que todos seguem.

Por tudo, o que tenho lido, e ouvido, sempre formey conceito, de que o estylo sublîme era só peculiar aos Poétas, e muito distante do que se prescreve aos Oradores, e Prégadores.

Pudéra trazer hum grande Catálogo de Authores, que firmassem este juizo; mas escolho entre muitos o de Antonio de Soliz, por me parecer, que o seu voto he de grande pezo; pois confórme a minha intelligencia, e a de outros, melhor que a minha, este he aquelle admiravel Historiador, que em nada céde a Tito Livio; e diz assim no Prólogo da sua *Historia Mexicana*.

A tres generos de dar-se a entender con las palavras reduzen los Eruditos el caracter, ò estylo, de que se puede usar en diferentes Facultades; y todos caben, ò son permitidos en la Historia. El humilde, ò familiar (que se usa en las cartas, ò en las conversaciones) pertenece a la narracion de los sucessos: el moderado (que se prescrive à los Oradores) se deve seguir en los razonamientos, que algunas

Digitized by Google

guvas vezes se introduzem para dar á entender el fundamento de las resoluciones: y el sublime, ò mas elevado (que solo es peculiar a los Poetas) se puede introduzir con la devida moderacion en las descripciones, que son, como unas pinturas, ò dibuxos de las Provincias, ò lugares, donde sucedió, lo que se refiere; y necessitan de algunos colores para la informacion de los ojos.

Com que assim se vem a provar, que naõ hè dos Oradores (como o *Anonymo* pertende) a sublimidade do estylo; e até agora naõ achey Author, que lhes concedesse mais, que o *mediocre*, ou o *moderado*, e quando muito poderáõ usar da elevaçaõ naquelles lugares, em que tambem á Historia se permitte.

Donde igualmente se segue, que o estylo sublime só pertence propriamente á Epopeia, ou Tragedia; e querer o *Anonymo*, que naõ haja differença na elevaçaõ do estylo entre as Orações de Cicero, a Eneida de Virgilio, a Ilîada, e Odyssêa de Homéro, hè naõ só confundir o caracter de Oradores, e Poétas, mas fazer-se insensivel á notoria disparidade, que ha de Homéro, e Virgilio a Cicero, e mil vezes me assombro, de que hum homem taõ erudîto, como o *Anonymo*, a naõ perceba.

A unica Oraçaõ de Cicero, que póde ter semelhança com o estylo Poético, hè a *pro Roscio Amerino*; mas por esta causa elle

Digitized by Google

elle mesmo a criticou, (3) quando chegou a alcançar com a idade, e com o exercicio o bom gosto da Eloquencia Oratoria.

Tambem no §. em que o *Anonymo* trata do *estylo simples* com titulo separado, lhe descubro huma contradiçaõ; e na verdade he daquellas, que eu naõ imaginava encontrar em huma obra taõ delicada, e em hum Escritor taõ advertido. As palavras formaes, que traz aqui o *Anonymo*, saõ as seguintes.

V. P. tem um bom exemplo do estilo simples nas cartas familiares de Cicero; nae eglogas de Virgilio; nas fabulas de Fédro; cartas de Plinio, &c.

E na *Carta* terceira, pag. 86, tinha o *Anonymo* dito, fallando do mesmo Virgilio, que

Se na Eneida, e Georgica oservou bem o decoro, e sustentou a dinidade do argumento; nas Eglogas peçou muito; porque naõ oserva a simplicidade natural do estilo pastoril; mas procura, que falem os pastores com toda a civilidade, e arrogancia de Cidadaõns, o que naõ he verosimil.

Com que dizer em huma parte, que o seu correspondente tem um bom exemplo do estilo simples nas Eglogas de Virgilio, e em outra, que o mesmo Virgilio peçou muito nas Eglogas; porque naõ oserva a simplicidade natural do estilo pastoril, &c. ninguem o poderá salvar de contraditorio.

Acodi-

(3) Cicéron, lorsque son goût fut entierement formé, critiqua lui-même son oraison pour Roscius Amerinus comme trop chargée d'ornements. Marq. de S. Aubin, tract. de Opin. lib. 1. p. 12 ar. 44.

Acodirá o *Anonymo* dizendo, que hũa coiza he a ſimplicidade do eſtylo familiar, que tambem ſe póde achar nos mais cultos Cidadaõs; outra a do eſtylo ruſtico, que he ſó propria de camponezes: eu deixára paſſar eſta diſtinçaõ em obſequio do *Anonymo*, ſe aqui me *naõ offendéra a viſta* a palavra *arrogancia*, que deſconcerta totalmente a idéa do eſtylo ſimples.

O certo he, que o *Anonymo* eſtava com os ólhos abertos na primeira critica, e com elles cerrados na ſegunda: *Aliquando bonus dormitat Homérus.*

E em todas as obras de Virgilio ſe conhece muito bem, que a ſua natural elevaçaõ naõ era apta para as Dragmas paſtoris, por mais que forçejou para imitar nellas a Theocrito. Bem ſingellamente ſe méte na Dragma ſetima, quando diz:

Dámonis muſam dicemus, & Alphesibœi.

Mas logo perde eſta ſua forçada ſimplicidade, quando ſe vira para Auguſto com eſte pompoſo apoſtrophe:

Tu mihi, ſeu magni ſuperas jam ſaxa Timavi,
Sive oram Illyrici legis æquoris; en erit unquã,
Ille dies, mihi quam dicent tua, dicere facta.

Reparo tambem, que diga, ou eſcreva o *Anonymo*, *Eglogas*, e naõ *Eclogas*, que he como ſe acha em Virgilio: e naõ pareça-

Digitized by Google

reça ligeira a differença; porque *Ecloga* deriva-ſe do Grego *éclegem*, que ſignifica *eſcolher*. A Bucolica de Virgilio he imitaçaõ dos lugares eſcolhidos nos Idyllios de Theocrito, e por eſta cauſa deo o titulo de *Eclogas* aos Poêmas, em que a dividîo. Naõ ignoro, que derivando-ſe *Egloga* do Grego *Aigon*, coiza de cabras, e de *logos*, que he o meſmo, que prática, ſe pudéſſe dar eſte titulo aos referidos Poêmas de Virgilio, por ſerem Dragmas de paſtores; mas o *Anonymo* naõ tem licença para fazer eſta mudança, pois he ſó permittida ao Author dos eſcritos.

Neſta meſma *Carta* introduz o *Anonymo* huma critica bem ſevéra contra os que traduzem Epigrammas; o que me naõ faz perder a veneraçaõ, que ſempre dey, ás traducções, que fez Salinas de Marcial, e Torre de Ovven. A razaõ, de que a galanteria dos Epigrammas Latinos naõ conſiſte em hum conceito nobre, mas em palavrinhas, e equivocos, e que eſtes perdem o ſeu pico na traducçaõ, confeſſo, que me naõ convence; pois quantos Epigrammas haverá de conceitos nobres ſem equivocos, nem palavrinhas? A minha brevidade me prohibe, que eu traga hum grande numero de exemplos.

Pouco mais adiante torna a inquietar a memoria do Conde da Ericeira com outra critica bem eſcandaloſa; e da meſma ſorte a de D. Manoel Caetano de Souza, por hum elogîo, que ſe lhe fez depois da ſua morte. Mas que culpa teve hum homem taõ eru-

Digitized by Google

dito, e taõ benemerito, como este illustre Padre, para pagar os defeitos do seu Panegyrista?

Em tudo, o que o *Anonymo* profére destes, e de outros preclaros Varões do nosso Reyno, naõ observa os preceitos, que nos dá nesta *Carta*, fallando do modo de persuadir; pois sendo hum dos essenciaes captar a benevolencia do auditorio, e sendo tantas as pessoas, que se interessaõ na fama, e no crédito dos Portuguezes, que elle aqui despreza, todas estas irrita com semelhante critica, e adubandôa com tanta acrimonia, he digno de assombro, que tambem nós diga, que

O Rhetorico deve insinuar-se galantemente no animo, de quem o ouve, propondo-lhe a verdade vertida por tal modo, que se admitta, quasi sem se advertir; porque as pirolas da quina-quina, e outras taõ amargosas se cobrem com marmelada, ou obreia branca para se engulirem sem difficuldade; porèm este negocio naõ está na esféra de todos os Prégadores. E eu accrescento, que nem na de todos os Criticos; pois a marmelada, que o *Anonymo* nos dá para engulirmos os seus documentos, ainda he mais amargosa, que o remedio.

Os Estóicos ensinavaõ, que nas acções, e naõ nas palavras estava a maldade, ou a bondade das coizas, em cujo numero metiaõ tambem as torpes; porêm esta doutrina se reputou em todos os tempos por desafo-

Digitized by Google

deſaforada. Aquelle *facta arguebantur, dicta vero impunè erant*, de que faz mençaõ Cornelio Tacito, era para outra idade menos ſenſitiva.

Outra vez tropeço na admiraçaõ, de que nos torne a intimar o *Anonymo*, que o Orador deve cuidar muito em naõ offender com palavras os ſeus ouvintes; porque os omens naõ goſtaõ de repreenſoens publicas; *e parece que com razaõ*; e que tudo ſe póde perſuadir com bom modo, e que facilmente concordamos, no que nos dizem, ſe ouvirmos as razões propóſtas com amizade, e brandura, &c.

Naõ tem aqui palavra o *Anonymo*, que naõ ſeja huma contradiçaõ, e huma accuſaçaõ do eſtylo, com que falla dos Portuguezes.

Depois de nos enſinar, como ſe deve tratar hum miniſterio taõ ſagrado, como o do pulpito, o que faz pela mayor parte com muito acerto, paſſa tambem a digerir as geſtilações, que ſem duvida ſaõ muito neceſſarias na Oratoria.

(4) *As palavras ſaõ hum aceno ſem movimento, e os acenos ſaõ palavras ſem ruîdo: fallaõ os olhos com os olhos, e ſe explicaõ já com o riſo, já com o pranto, já com a gravidade, já com a triſteza. Fallaõ as ſobrancelhas com ſe arquearem, ou ſe eſtenderem: a boca ora ſorrindo, ora ſuſpirando: a cabeça negando, ou affirmando:*

[4] O Conde Theſauro no ſeu Canochiale.

Digitized by Google

mando: os braços, quando ſe levantaõ, ſe abaixaõ, e ſe eſtendem: as maõs, e os dedos fórmaõ todo hum Alphabeto; e todo o corpo he huma pagina, que figura, e rifca ao meſmo tempo toda a variedade de caracteres.

Eſta he a famoſa Arte dos Pantomimos, que teve tanta eſtimaçaõ nos theatros de Roma no tempo de Auguſto, em que ſe fizeraõ taõ attendiveis Pyllades, e Batyllo. Por eſte modo ſe explicava Ovidio (5) com a ſua dama em hum convite, e de que tambem nos infórma Plauto (6) nas ſuas Comedias.

O *Anonymo* nos diz, que os Inglezes, quando recitaõ, ſe naõ móvem; que os Heſpanhóes choraõ; os Francezes eſfogueteaõ; e que os Portuguezes naõ ſó lhes falta a voz, mas a acçaõ; e ſó quer, que os ſeus Italianos ſejaõ os unicos, que melhor exprimaõ com a acçaõ, e com a voz tudo, o que dizem. Para provar eſte elogio nos traz o teſtemunho de hum Francez incognito, que affirmava, que os Italianos eraõ natural-

[5] Me ſpecta, nutuſque meos, vultumque loquentem
Excipe furtivas, & refer ipſa notas.
Verba ſuperciliis ſine voce loquentia dicam,
Verba leges digitis, verba notata mero. Ovid.

[6] Pectus digitis pulſat, cor credo evocaturus foras,
Ecce autem avortit nixus læva in femore habet manum
Dextera digitis rationem compurat feriens femur
Dexterum, ita vehementer, quod facto opus eſt, ægre (ſuppetit
Concrepuit digitis, laborat cerebro commutat ſtatus
Ecce autem capiſne nutat, &c. Miles glorioſ. Act. 2.

Digitized by Google

naturalmente Comediantes. Porêm eſta propoſiçaõ na boca de hum Monſieur, que o *Anonymo* tem por elogio, eu a tivéra por ſatyra.

Eu ſey de outro Francez, (7) de quem naõ occultarey o nome, que avalia os Sermões Italianos por Comedias eſpirituaes; e nenhuma peſſoa, que lêo eſte lugar, o julgou até agora por elogîo da Naçaõ Italiana.

Porêm conceda-me o *Anonymo*, que eu tambem lhe diga, que naõ deve ſer Juiz em cauſa propria, e que o modo de repreſentar naõ depende de critério, mas do goſto de cada Provincia.

Taõ ridiculo ſe fará hum Inglez em hum Congreſſo Romano com a ſua immobilidade, como hum Italiano na Camera alta, ou baixa do Parlamento com a efficácia dos ſeus géſtos.

Os noſſos Portuguezes naõ me parecem taõ bracejadores, como os Italianos, nem taõ eſtátuas, como os Inglezes. Tenho viſto muitos Oradores deleixados, e outros baſtantemente activos, e compóſtos: huns com aquelle deſagradavel, e unîſſono ruîdo, a que os Gregos chamaõ *Monotonia*; outros mudando o tom, confórme o caracter das paixões; e já no tempo de Camoens ſe ſabia alguma coiza de hum, e de outro preceito

[7] En Angleterre un Sermon eſt une diſſertation ſolide, & quelque fois ſêche, qu' un homme lit au peuple, ſans geſte, & ſans aucun éclat de voix En Italie c'eſt une Comédie ſpirituelle. En voilà aſſez pour faire voir combien grande eſt la difference entre les goûts des Nations. Voltair. Eſſay ſur la Poeſ. epiq. chap. 1.

Digitized by Google

ceito Rhetorico, como se conhece naquella Oitava, em que elle introduz o velho a condenar a viagem da India:

Mas hum velho de aspecto venerando,
Que ficava nas prayas entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Tres vezes a cabeça descontente:
A voz pezada hum pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
Com hum saber só de experiencias feito,
Taes palavras tirou do experto peito.

Os olhos fixos nos navegantes era o gésto mais proprio para significar o assombro daquella jornada: he de Virgilio:

Dum stupet, obtutuque hæret defixus in uno.

Menear a cabeça tres vezes he o gésto, que melhor exprime o descontentamento. O pezo da voz he muito proprio para recitar as coizas tristes; e o levantála hum pouco, foy attendendo á extensaõ do auditorio. Sahirem as palavras do peito, he para mostrar, que deste lugar he, que devem sahir, para se conformar o som da voz com a diversidade dos affectos; e assim parece, que tanto na voz, como nos gésos, naõ somos taõ inértes, como o *Anonymo* nos figura.

Eu imaginey, que elle se contentasse com a critica, que deixa feita ao *P. Vieira*; porêm

(8) Lusiad. Cant. 4. est. 94.

Digitized by Google

porêm fecha eſta *Carta* com huma reflexaõ particular ſobre o ſeu talento, e eſcritos; e como prometti de interpor o meu juizo, direy ſincéramente, o que entendo.

O *Anonymo* nos confeſſa, que o talento do *P. Vieira* fora muito bom; porêm entre nós eſta expreſſaõ he o meſmo, que deſſufficiente: com ella atrevo me a dizer, que ſe eſte Jeſuita tivéra a felicidade de naſcer em outra Provincia, talvez, que ſó pelo ſeu talento o apontariaõ hoje com o dedo todas as Nações da Europa.

As noticias, que temos deſte Grande Padre me fazem inclinar para eſte conceito. A dexteridade, com que ſe houve nos ſucceſſos mais urgentes, a vaſtidaõ das ſuas idéas, a ſua inimitavel conſtancia, a ſua generoſa liberdade, o ardente zelo para com a pátria, a ſua profunda erudiçaõ, a efficácia, clareza, e energîa do ſeu eſtylo, as ſuas ſólidas virtudes me faraõ ſempre dizer com as palavras de Antonio de Soliz, que eſte noſſo eſtupendo Patricio *he daquelles homens, que produzem tarde os ſeculos, e que tem raros exemplos na Hiſtoria.* (9)

Naõ ha duvida, que em alguns lugares dos ſeus Sermões ha paradoxos, e penſamentos alheyos do verdadeiro ſentido do Texto, e que naõ ſeguio o methodo Oratorio, procurando hum novo caminho para ſe fazer plauſivel, e perſuaſivo no pulpito; comtudo eu tenho para mim, que o *Vieira* conhecia

(9) Ultimas palavras da Hiſtoria Mexican.

Digitized by Google

nhecia muito bem o *y* de Pythagoras, e que alcançou todos os preceitos da Oratoria; pois em todos os seus Sermões se está notando o estudo, que tinha das Homilias dos Santos Padres: resolveo-se porêm a conformar-se com o gosto do seculo, discorrendo, que de outra sorte seria menos attendido.

O *Anonymo* desculpa os versos de Cicero pelo tempo, em que elle os compoz: tambem se devem desculpar alguns Sermões do *Vieira* pelo tempo, em que subio ao pulpito; tempo, em que se viéssem os famosos Homiliistas da antiguidade, naõ achariaõ hum Portuguez, que os ouvisse.

O povo de Athenas taõ delicado, e instruîdo na Rhetorica, que ainda as regateiras se jactavaõ de sabias nesta arte, muitas vezes desattendia as declamações de Demosthenes, enfastiado de ver sempre deitar rayos a este trovaõ da Eloquencia; e bem sabida he a historia da sombra do jumento, com que elle em huma occasiaõ revocou o auditorio do seu descuido.

De que venho a concluir, que o estylo de alguns Sermões do *Vieira* naõ procedia da sua inhabilidade, mas do gosto viciado da Naçaõ, e que lhe era necessario seguilo para se naõ achar solitario. E ainda nestes mesmos defeitos da concionaçaõ está resplandecendo o seu agudissimo engenho; pois elle os trata, e os compoem com tal graça, e cultura, que parecem mais formosos, que todos os primores da arte. Pódeselhe applicar-

Digitized by Google

car o que Marcial diſſe de Scévola, quando errou o golpe a Porſena: *Si non erraſſet, fecerat ille minus.* A's vezes he arte o ſahir para fóra della: Plinio dizia, que ainda que foſſe a arte muito grande, que era mayor o engenho. (10)

A obra do ſeu *Clavis Prophetarum* eu naõ a vi, e do que ſe naõ vê, naõ ſe deve formar juizo. Se havemos de julgála pelo Prologomeno á *Hiſtoria do Futuro*, aqui me confórmo eu com o conceito, que della faz o *Anonymo*, dizendo tambem, que iſto he obra de engenho, e naõ de juizo.

He verdade, que pelo que reſpeita á elegancia, deduçaõ, unidade do Prologomeno, naõ temos outra coiza melhor no noſſo idioma, nem em algum Expoſitor da Eſcritura lugar taõ bem explicado, e taõ felizmente conſeguido, como o do cap. 18. de Iſaîas: *Væ terræ cymbalo alarum, &c.* que principîa na pag. 298.

A hum Portuguez de grande crédito, (11) e que tinha lido o *Clavis Prophetarum*, ouvi eu dizer, que todos os homens grandes tinhaõ ſua aduella, e que eſta era a do *P. Vieira.* Elle me repetio algumas propoſições, que me naõ fizeraõ boa conſonancia: entre ellas a de querer provar com as palavras do Pſalmo 50: *Tunc acceptabis ſacrificium juſtitiæ, &c.* que havia de vir tempo, em que nas meſmas Aras ſe havia de

[10] Et cum ars ſumma ſit, ingenium tamen ultra artem eſt.
(11) O Carmelita Fr. Caetano de S. Joſeph.

Digitized by Google

unir a Ley da Graça com a Escrita, e que no mesmo lugar se haviaõ de ver no sacrificio os vitulos com a Carne, e Sangue de Christo.

A sua *Palavra Empenhada, e Desempenhada* ainda a julgo por menos digna de hum juizo sério, prudente, e advertido. Ninguem saberia melhor, que o *Vieira*, que naõ poderiaõ deixar de parecer facétas humas promessas taõ extravagantes: elle attendia mais a contentar as fáceis, ou talvez as supersticiosas idéas, que tinhaõ os Portuguezes daquelle tempo, do que a escrever para a eternidade. Depois desta obra ficáraõ menos ridiculas as esperanças dos Sebastianistas; porque ao menos sempre achaõ hum effugio nas trovas do Bandarra para sustentarem a sua expectaçaõ: da mesma sorte, que os Judeos nas Hebdomadas de Daniel; mas o *Vieira*, no que promettia, naõ attendeo a esta cautéla; porque se expoz á vergonha de o sequestrarem em sua vida pela palavra. Naõ se póde negar, que o *Vieira* tinha hum génio auspicante; que de qualquer Phenomeno novo, ou pouco usado, fazia mysterio para acómodar os seus discursos á facilidade Portugueza: defeito grande em hum homem de taõ admiravel talento.

Sem embargo destas traveſſuras do juizo, que quasi sempre se encontraõ nos engenhos de alta penetraçaõ, me faz huma grande novidade, que nos diga o *Anonymo*, que ouvîra fallar a muitos Religiosos, que tinhaõ

Digitized by Google

tinhaõ do *Vieira* perfeita noticia, como de hum homem eſtimado em Portugal, e naõ em Roma; porêm como o *Anonymo* tem melhor conhecimento deſta Cidade, do que eu, devo paſſar em ſilencio por eſta critica, ainda que a faça menos ſegura, o que eu tenho lido em outros eſcritos.

Reſervey para eſte lugar o dizer alguma coiza ſobre as *Cinco pedras de David*, que o *Anonymo* na *Carta* antecedente trata com tanto deſprezo, como ſe vê deſtas ſuas palavras:

Huns vaõ buſcar as pedras de David para atirar ao auditorio uma ſexada eſpiritual cada Dominga: aſunto improprio, e ſó coiza dina de um menino, que naõ entende, o que é elegancia; ſendo certo, que deſemparaõ logo o ſexo para falarem em outra coiza.

Quanto a mim, deſejára eu, que todos os Prégadores atinaſſem eſtas ſeixadas do pulpito, e me perſuado, que nenhum delles ſe havia de parecer com os *meninos*, ou com os marotos da Cotovîa.

Aſſim como o *Anonymo* nos diz, que eſte aſſumpto he improprio, razaõ era, que nos diſſéſſe, em que conſiſtîa a ſua impropriedade: ſe he, porque *deixaõ, ou deſemparaõ logo o ſexo para falarem em outra coiza*, parece-me, que o *Anonymo* naõ ignora, que a Eſcritura tem quatro ſentidos, e que para eleger qualquer delles o Orador, ou para eſtabelecer o aſſumpto, ou para provar

Digitized by Google

a doutrina. O desafio de Goliath com David no sentido mystico, conforme a exposiçaõ de Cornelio, significa o combate, que tem a carne com o espirito; de que se conclúe, que tambem se pódem tomar mysticamente as pedras, que David escolheo na corrente para combater o gigante, o que o *Vieira* naõ fez sem a authentica divisaõ do Cardeal Hugo.

E concedendo, que depois de declarar os symbolos, naõ fallasse mais em seixos, será bem arguido, que fallando do que cadá seixo significa, se diga, que elle *desemparou logo o seixo para falar em outra coiza?*

Na verdade, que nunca achey a critica do *Anonymo* taõ rigorosa, especialmente quando advirto, que para se vencer o gigante do mundo na sua propria cabeça, naõ se podiaõ eleger pedras mais preciosas, que o *conhecimento proprio*, *a perda da graça*, *a vergonha da culpa*, *o temor do castigo*, e *a esperança da gloria.*

Aonde encontrará o *Anonymo* assumptos mais bem escolhidos para fundar a utilidade das Orações Evangelicas? Naõ sey, se por esta obra ser taõ grande, foy igualmente infelice.

Depois de se passarem seis annos, que o *Vieira* prégou em Roma *as Cinco pedras de David*, se estampáraõ em Castella, e vindo a Portugal, houve quem as quiz embaraçar, chamando-lhe *opus putridum*, e condenando-lhe trinta e cinco proposições, que

Digitized by Google

que defendeo com huma larga Apologia o P. Bluteau.

Assim estiveraõ as *Pedras* metidas no *curraõ*, até que o Supremo Bastor da Igreja as mandou sahir á luz, declarando, que nenhum livro do *P. Vieira* pudésse ser impedido, trazendo as licenças do estylo, e ainda que fosse estampado em outra parte. Foy executor deste Breve o Arcebispo de Calcedonia, que era então Nuncio de Portugal, e esta seixada foy taõ sensivel para os emulos do *Vieira*, que naõ pudéraõ deixar de reconhecer, que hum dos affectos mais desgraçados he o da invéja. Tanto as seixadas antigas, como as modernas contra as *Cinco pedras de David*, saõ como as que se atiravaõ á estátua de Mercurio, que em lugar de se lhe desfazerem as feições, lhe asseguravaõ mais o simulácro na peanha.

Nas *Cartas* do *Vieira* bem que pareçaõ ao *Anonymo* os seus melhores escritos, naõ deixa de lhe fazer bastantes accusações: a mais reparavel he, a de que elle repete muitas vezes o tratamento. Diz, que os seus Italianos usaõ da palavra *ella*, e que aquelles, que hoje escrevem melhor, depois de declararem o tratamento, se servem de *Vostra*, que se refere a Alteza, Eminencia, &c.

Ora he huma coiza bem ardua, que se queira comprehender nas leys da cortezia de Italia as de Portugal. Isto he negocio, que naõ está sugeito a regras geraes, mas ao estylo particular de cada Naçaõ. Entre os Persas.

Digitized by Google

Perſas, e outras gentes Orientaes ſerá huma grande deſcortezia tirar o turbante, e entre os Europêos ficar com o chapéo na cabeça: ainda quando eraõ barbaros os Moſcovitas, mandou hum dos ſeus Imperadores cravar com hum prégo o chapéo na cabeça de hum Embaixador, por ſe cobrir diante delle. Entre outros he contra o decóro Real eſtar em pé: entre nós eſtar aſſentado. Os Francezes com o ſeu *Vous* tratáõ todo o genero de peſſoas: nós as diſtinguimos com differentes tratamentos.

No dos Grandes de Portugal, ou por palavra, ou por eſcrito, naõ houve até agora alguem, que quizéſſe praticar o eſtylo de Italia, uſando ſó da palavra *Voſtra*; e ſe o quizeſſe fazer, naõ ſey, que reſpoſta teria. Finalmente em Italia, e em França faremos, o que o *Anonymo* nos adverte: em Portugal devemos fazer, o que nos dicta o coſtume, em que naõ póde ſer Cenſor hum Italiano; e menos em nos querer tirar o conceito, que formamos do *P. Vieira*; porque as faltas, que tanto lhe encarece, nunca poderáõ deſconcertar o ſeu diſtinto merecimento. Naõ houve alguem, que até agora ſe eximiſſe dellas. O tributo da imperfeiçaõ he igual ao da morte. Naõ trago para exemplo, o que diſſeraõ os Criticos dos homens mayores da antiguidade, nem ás accuſações, que ſe tem feito a Juſtino, a Irinêo, a Tertulliano, Clemente Alexandrino, Origenes, Arnobio, Lactancio: baſta dizer, que naõ ſe eximîraõ

dellas

Digitized by Google

dellas hum Agoſtinho, hum Jeronymo, hum Gregorio Magno.

Conforme o juizo de Chriſtiano Liberio, (12) para hum eſcrito ſer perfeito deve achar-ſe nelle ſabedoria, prudencia, diſcernimento, ſolidez, clareza, ordem, brevidade: de que infére Monſieur Baillet, (13) que ſe naõ póde dar livro perfeito; porque naõ haverá algum, que encha todas eſtas ſete prerogativas: e eſta ſerá a razaõ, porque o naõ ſeja tambem o *Methodo de Eſtudar*; mas pedia a juſtiça, que o qué tem telhado de vidro naõ atiraſſe ao do ſeu viſinho, e tambem pedia, que o Critico foſſe mayor, que o Criticado; mas ſempre ſuccede ás aveſſas, como ſe experimenta no *Anonymo* com o *P. Vieira*, e em mim com o *Anonymo*. Eſta he a gloria, que cõmummente alcançaõ os Authores dos ſeus Criticos, e taõ antiga, que já ſe conſeguio no tempo de Homéro: (14) eu ſó tenho a deſculpa em naõ ter arbitrio á minha obediencia.

POESIA.

SOmos chegados ao mais delicado eſtudo das bellas letras, e para fallar nelle com acerto, antes deſejo hum prático, que o exercite, que hum eſpeculativo, que o examine.

[12] De libr. Scrib. pag. 26 (13) Tom. 1. dos Juizos dos Sabios, cap. 6. [14] Ariſtharco maior Homerus erat.

Digitized by Google

mine. Em todas as Faculdades vai huma grande differença da praxe á theórica, e na Poesia ainda he mayor esta diversidade; porque nem he Faculdade, nem arte, nem ciencia: he hum lume divino, segundo o conceito de Lactancio. (1)

O homem mais embebido na especulaçaõ Poética (com licença dos senhores Italianos) foy o nosso Manoel de Faria; mas naõ haverá pessoa de bom gosto, que lhe possa ler os seus versos. He facil dizer, difficil obrar. As regras parecem muito singellas na leitura, muito redobradas na execuçaõ. Seria bom, que quem nos désse os preceitos, nos favorecesse com alguns exemplos proprios, para sabermos, como os cumpria. O *Anonymo* nos falla em Tragédias, em Epicas, Comédias, Sátyras, Eglogas, Elegias, Odes, Sonetos, &c. e naõ conhecemos ainda, se elle he Poéta Epico, ou Trágico, Cómico, ou Lyrico. E em quanto naõ satisfizer á nossa expectaçaõ o teremos na conta daquelle famoso Coge-Cofar, que votava com grande bizarria, no que havia de ser executado por outro. (2).

Confessa-nos o *Anonymo* no principio desta *Carta*, que tem pouca noticia dos Poétas Portuguezes, ou que naõ tem toda a necessaria para formar delles juizo exacto. Este conhecimento bastava, para que elle se naõ metesse em huma empreza, que naõ podia

(1) Poesis nec ars, nec facultas, nec scientia, sed lumen Dei est. [2] Jacint. Freire na Vida de D. João de Castro.

Digitized by Google

dia tratar com a devida circumſpécçaõ; e eſta ligeireza, proferida pelo ſeu proprio teſtemunho, naõ quizéra eu encontrar em hum Authorr taõ aſſinalado.

Diz mais, que os noſſos Poétas lhe naõ agradaõ: reſta ſaber aonde eſtá o vicio, ſe na ſua lingua, ſe nos noſſos manjares Poéticos. Muitos homens de bom goſto ſe naõ agradaõ tambem dos Poétas Francezes, e eſta Naçaõ goſta mais delles, que dos Italianos, e na conta de excellentes, e agradáveis Poétas tem todos os Francezes a Malherbe, a Habert, a Ryer, Montfuron, Balzac, Chapelain, Corneille, Racine, Quinaut, Deſpreaux, &c. e hoje entra neſte numero Voltáire, ou talvez, que em melhor caracter, depois de dar a França hum Poêma Epico, que ella naõ tinha.

Para o *Anonymo* ſe conſtituir noſſo Cenſor toma a cautéla, de que a medida do verſo Portuguez hé a meſma, que a Italiana, e que as regras ſaõ as meſmas em todo o mundo culto; porêm iſto ainda naõ baſta para nos empunhar a vara cenſória: ſegundo a opiniaõ do *Anonymo*, perderá o verſo muita parte da ſua harmonîa com o concurſo de vogáes, que façaõ muitas ſynalephas; e para o noſſo ouvido quantas mais ſynalephas fizer o verſo, mais formoſo ficará. Eſte, e outros exemplos, que omitte a minha brevidade, moſtraõ, que hum eſtrangeiro naõ póde ajuizar, ſobre o que naõ tem uſo.

Digitized by Google

Huma das provas, que traz o *Anonymo* para eſtabelecer, que os Portuguezes ſaõ Verſificadores, (Verſejadores lhes chama no ſummario da *Carta*) he, que nenhum até agora ſe reſolveo a compôr huma arte, e que nos contentamos com a Heſpanhóla. Porêm ſe neſta, como o *Anonymo* confeſſa, temos toda a doutrina da medida do verſo, para que he neceſſario outra? Se he para percebermos os preceitos, pela doutrina do meſmo *Anonymo* ſaõ as regras as meſmas em todo o mundo; e neſte caſo temos boas Artes em Francez, e em Italiano, e quem naõ ſouber eſtas linguas, tem a de Ariſtoteles, e a de Horacio; e ſe ignorar o Latim, a Arte de Horacio ſe acha traduzida em Caſtelhano; e ſe naõ tiver noticia de nenhuma deſtas linguas, entaõ lhe aconſelharey, que ſe póde deixar do officio, ſalvo ſe quizer fazer verſos, como Gregorio de S. Martinho.

Envergonhárem-ſe os Portuguezes ſeſudos de fazerem verſos na ſua propria lingua, ainda que ſaibaõ a Latina, parece-me, que he hum ſuppoſto falſo, excepto nos Jeſuitas, que naõ ſey, com que fundamento tem dado neſte capricho.

Naõ ſe envergonháraõ de poetar em Portuguez os noſſos Reys D. Diniz, e D. Pedro I, D. Franciſco de Sá, Franciſco de Sá de Miranda, Jeronymo Corte Real, a quem a ſoberba de Filippe II. de Heſpanha tratou de *Magnifico*, quando lhe dedicou o ſeu Poêma: o Secretario de Eſtado Antonio de Souza de

Digitized by Google

de Macedo, Gabriel Pereira de Caſtro, Antonio Barboſa Bacellar, &c. e nos noſſos tempos o Conde da Ericeira, ſua Mãy, o Conde de Tarouca, o de Valadares, o Marquez de Fronteira, o Viſconde da Aſſeca, Julio de Mello de Caſtro, &c.

Quer o *Anonymo*, que conſiſta o engenho em ſaber unir idéas ſemelhantes com promptidaõ, e graça, e poem o exemplo, em que o Poéta ſe naõ moſtrará engenhoſo, quando affirma, que *a garganta da ſua dama é branca, como a neve; mas que é neceſſario acrecentar, que ella é igualmente fria.*

Parece-me, que o *Anonymo* naõ eſtá muito bem viſto neſtas delicadezas do engenho, ſendo aliás taõ advertidos, e verſados nellas os ſeus Italianos. Quizéra tambem achar hum exemplo Aſcetico, e naõ amoroſo na boca de hum *Barbadinho*; mas com tudo reſpondo, que entre os modos de ſe unirem idéas ſemelhantes ha o da comparaçaõ ſimples, e o da ſemelhança metaphórica. A comparaçaõ ſimples he, quando dizemos: *O Arminho he taõ branco, como a neve.* A ſemelhança metaphórica: *O Arminho he huma neve ſenſitiva.* A primeira nada tem de engenhoſa: a ſegunda ſó a póde produzir o engenho; e aſſim ſe eu diſſer, que a garganta de huma dama he huma neve animada, uno duas idéas com hum penſamento engenhoſo, e agudo; porêm ſe comparar ſómente a garganta com a neve, bem que lhe ajunte o adjectivo *fria*, ficará o penſamento taõ frio,

Digitized by Google

como o meſmo adjectivo: ſalvo ſe quizermos explicar a frialdade, iſto he, a frouxidaõ, ou a ſem-ſaborîa de huma dama com a frialdade da neve; porque entaõ ſerá agudo o conceito, por ſe dar entre huma, e outra frialdade huma ſemelhança, que naõ he propria, mas metaphórica, de que uſou Marcial com huma dama, que ſe chamava *Chione*, que em Grego ſignifica a *neve*, quando diſſe:

Frigida es, & nigra es: non es, & es Chione.

Porque havendo adjectivos proprios, e figurados, nos figurados, e naõ nos proprios he, que ſe funda a agudeza, e o penſamento engenhoſo. Chamaõ ſe adjectivos proprios, aos que declaraõ no ſubſtantivo a ſua natural propriedade, como quando dizemos, que a neve he branca, ou fria, a pedra dura, o fogo ardente, &c. Chamaõ-ſe figurados, aos que nos repreſentaõ a propriedade dos ſubſtantivos por óutra, que lhe naõ he propria, mas ſemelhante; e aſſim para explicarmos a côr da Auróra, e do Sol pela ſemelhança, que aquella tem com a roſa, e eſte com o ouro, dizemos, que a Auróra he roſada, e o Sol dourado; e ſe paſſarmos dos adjectivos para os verbos, diremos tambem, que os prádos ſe rim, que as arvores ſe véſtem, que as flores ſe espreguiçaõ, e que o Sol ſemeia os ſeus rayos, que he o exemplo, que Ariſtoteles nos dá para diſtinguirmos os termos engenhoſos. (3) O que ſuppoſto, ſeja a neve fria,

Digitized by Google

fria, ou branca na garganta da dama, como a brancura, e a frialdade he propria da neve, naõ deſcubro aqui algum genero de agudeza, e ſe a ha, he taõ fina, que a naõ percebo.

Nega o *Anonymo*, que os Poêmas, a que elle chama *pintados*, ſe attribuaõ juſtamente a Theocrito, querendo ſeparar hum Poéta de tanta eſtimaçaõ deſta Poeſia, para lhe dar hum nome bem injurioſo. Porêm quando ſe nega, o que outros affirmaõ, he preciſo trazer authoridade ſufficiente para condecorar a negaçaõ: as figuras do ovo, da machadinha, do altar, &c. já com verſos mayores, já com menores, que diz o *Anonymo* formáraõ alguns Poétas Gregos, ſeria bom, que entre elles ſe naõ occultaſſem Simmias, e Simonides, para proceder com boa fé na accuſaçaõ, e naõ tomar com eſte ſilencio a liberdade de lhe chamar ridiculos, e eſcuſar o eſpanto, de que Bluteau ſeguiſſe o meſmo exemplo.

Mas ainda julga por mais ridicula a fazenda dos Lipogrammas, e de que parece quer fazer inventor a hum tal Tryphiodoro, e pelo modo, com que falla neſte Poéta, póde entender-ſe, que o naõ conhece; e aſſim me ſerá deſculpavel, que eu lhe diga, que Tryphiodoro foy Egypcio, e taõ bom Grammatico, como Poéta Heróico. A ſua Marathoniaca,

(3) Simili modo dicetur, cum ea ad Solis flammam ſe habeat lucem emittere quemadmodum ſeminare ad fruges; ideòque Sol dictus eſt: Sator divinitus igitur.

Digitized by Google

niaca he huma Epopeia, que naõ merece deſprezo, e a ſua Odyſſêa Lypogrammaton, que he a obra, que aqui poderia condenar o *Anonymo*, tem naõ menos que por fiador a Pindaro; pois Athenêo nos refere, (4) que eſte Poéta fizera huma Ode ſem a letra *S*. Concordarey com o *Anonymo* na opiniaõ dos écos, dos Anagrammas, dos Congrammas, Conſoantes forçados, e Achroſticos; mas nos equivocos tenho alguma coiza, que dizer, e talvez, que lhe naõ fizéra o *Anonymo* huma critica taõ ſevéra, ſe quizeſſe lembrar-ſe, que Ariſtoteles os numéra (5) entre as agudezas da Eloquencia; e muito mais, quando eſte grande Rhetorico parece, que quer comparar o equivoco com a metáphora.

Eſcandaliza ſe o *Anonymo*, de que o equivoco tenha paſſado do Portuguez para o Latim, e eu vejo, que elle paſſou do Latim para o Portuguez, e naõ do Latim de qualquer Author, mas he certo, que do de Cicero, que he o exemplar da Latinidade. Quatro ſaõ os equivocos, que agora me lembraõ, e todos na accuſaçaõ de Verres. I. *Mirandum non eſt, jus tam nequam eſſe* Verrinum. II. *Sacerdotem execrabatur, qui* Verrem *tam neque reliquiſſet*. III. *Videtis extremam partem nominis, caudam illam* Verris *tanquam in luto demerſam eſſe in litura*. IV. O' Verrea *præclara quoquam ſi acceſſiſti,*

[4] Lib. 10. cap. 17. Dipnoſoph. [5] Quæ omnia tunc probantur, cum per æquivocationem, vel transitionem nomen affertur. Lib 3. Rhetor. cap. 11.

Digitized by Google

ſti, quod atuleris tecum. E fundado neſta meſma agudeza eſtá aquelle taõ gabado Diſthico:

Quis neget Æneæ magna de ſtirpe Neronem?
Suſtulit hic Matrem, ſuſtulit ille Patrem.

Eu pudéra allegar muitos exemplos; porêm baſtará que diga, que a letra de huma empreza perfeita, que he o mais alto, e difficil objecto do engenho humano, naõ póde alcançar eſte caracter, ſem ſer fundada no equivoco: com elle ſobreſaye aquella taõ eſtimavel de Henrique II. de França, que poz debaixo da Lua: *Donec totum impleat orbem.* E a melhor, que até agora tem apparecido, que he a de Luiz XII, em que eſtá figurado hum *Javali*, com a letra: *Eminus, & cominus*, tem todo o ſeu fundamento engenhoſo em hum equivoco.

Nem poriſſo quero dizer, que ſe dê demaziado uſo na eloquencia a eſte genero de agudeza, eſpecialmeute em aſſumptos graves, aonde rariſſimas vezes ſe permitte; nem approvo a teima impertinente, com que os praticou Cancer, e o Vahia, que o *Anonymo* trata com tanta crueldade, que o pertende levar á força para a caſa dos orates: digo ſómente, que o equivoco he melhor, do que o *Anonymo* preſume.

Com a occaſiaõ dos equivocos exercíta tambem a ſua aſpereza nos Elogîos do P. Juglar, e do Conde Theſauro: eu ſayo para fóra do cadafalſo, e lá ſe avenha hum Italiano com outro.

Diz-

Digitized by Google

Diz, que encontrára hum homem de mente taõ fecunda, que pelo eſpaço de tres horas, e depois de jantar fizéra continuamente verſos, variando o *Anonymo* ſempre os aſſumptos; e com tal promptidaõ, que chegou a ſuſpeitar, que os trazia eſtudados: que depois de varias experiencias achára, que o homem era ſempre o meſmo, dizendo coizas bem ditas, e de ſubſtancia. Mas ſem embargo de chamar grande a eſte homem, nunca ſe reſolve a chamar lhe Poéta, contenta-ſe com lhe chamar *Verſejador*; porque diz, que verſejava em Oitava rima. E ſe hum Italiano, que verſeja em Oitava rima (que he o verſo, em que ſe fazem as Epopeias vulgares) coizas bem ditas, e de ſubſtancia, naõ he mais que hum *Verſejador* no conceito do *Anonymo*; que podemos nós eſperar, que elle diga dos Poétas Portuguezes? Com tudo eu ſey, que em Roma, e no noſſo ſeculo, naõ fazendo tanto hum Italiano chamado Bernardino Perfetti, foy laureado com todas as ceremonias Romanas no Capitólio; e aſſim para contentar eſte *Barbadinho* ſeria neceſſario, que deſcendeſſe Apóllo á ſua cella com todas as nove Muſas, e ainda naõ ſey, ſe o Pégaſo com algum reſabio, produzido da ſua ocioſidade, deſconcertaria eſta celeſte conſonancia.

Quanto ao uſo de introduzir nos Poêmas profanos (nos ſagrados ſempre o reprovarey) as Deidades Gentilicas, duvîdo, ſe o condene, ſe o deſculpe meter Anjos, ou Santos.

Digitized by Google

tos em huma Poeſia, ou Epica, ou Trágica, ou Cômica, parece, que he perder-lhe o decóro. Deixar hum Poêma Dragmatico ſem aquelle ornamento, he deſpilo das ſuas partes mais agradáveis. Aqui naõ ha perigo religioſo; porque todos ſabem o ſentido, em que ſe tomaõ eſtas ficções Mythologicas. Tem havido Poétas de boa advertencia, que fundáraõ nellas as ſuas allegorîas: verdade ſeja, que naõ temos os meſmos motivos de Homéro, e de Virgilio para introduzir eſtas figuras. Os Francezes abominaõ a imitaçaõ, que neſta parte fazem os Poétas Catholicos dos Ethnicos: outros ha, que o permittem, e a Igreja naõ o condena: (6) eu por mim deixo eſta materia na diſputa.

Pertende o *Anonymo*, que o artificio Poético tenha por fim o agrado, e que ſeja eſte o idolo da Poeſia; porêm Horacio na ſua Arte nos diz:

Omne tulit punctum, qui miſcuit utile dulci,
Lectorem delectando, pariterque movendo.

A quem havemos de crer? a Horacio, ou ao *Anonymo*? Com tudo eſte naõ perſiſte ás vezes na meſma ſentença. Logo mais abaixo nos inſinúa, que ha compoſições Poéticas, que ſe dividem em Doutrinaes, Hiſtoricas, L e Ora-

(6) Monſieur Ménage no principio da ſegunda Parte do ſeu Anti-Baillet prova abundantemente com exemplos dos Padres da Igreja, e de muitos Prelados Catholicos o uſo de introduzir na Poeſia Chriſtã as Deidades do Gentiliſmo, aonde ſe faz mais reparavel eſte lugar de Sydonio Apollinario: Et Maſilienſium per hortos ſacri ſtipitis, Arbiter, Colonum Helleſpontiaco parem Priapo.

Digitized by Google

e Oratorias; e bem ſe vê, que a Oratoria, a Hiſtoria, e a Doutrina tem outro objecto mais alto, que o agrado, pois todas ſe encaminhaõ ao proveito dos homens.

Tudo, o que o *Anonymo* profére depois deſta ſua advertencia até a pagina ſeguinte, he hum concurſo de teſtemunhos contra a propoſiçaõ, de que o agrado he o fim do artificio Poético; e para iſſo naõ ſeria neceſſario mais, que lembrar nos dos preceitos da Epopeia, e de que todo o ſeu empenho he figurar huma acçaõ digna de ſer imitada. E aqui he, que entra a fallar o *Anonymo* neſte genero de Poeſia: elle diz com verdade, que eſta he das mais difficultoſas emprezas da arte, e bem o provaõ os defeitos, que ſe encontraõ nas Epicas mais diſtintas. Mais adiante direy alguma coiza ſobre eſte aſſumpto.

Nas Comedias, como temos taõ pouco em Authores Portuguezes, naõ me detenho, e na critica, que o *Anonymo* faz aos Heſpanhóes, naõ neceſſitaõ eſtes, de que eu os defenda.

Aqui vem os Soñetos do Chagas, e como hey de fallar nelle, quando chegarmos á Phyllis, ſalto para o §. em que o *Anonymo* trata dos titulos dos meſmos Sonetos.

Depois de trazer alguns, nos declara com toda a ſingelleza, que quando vê eſtes, e ſemelhantes titulos, que já ſabe, que os Sonetos haõ de ſer parvoice; mas ſobre hum titulo parvo bem póde haver hum Soneto diſcréto;

Digitized by Google

créto; e aſſim parece, que ſó pelo titulo ſe naõ deve tirar taõ terrivel conſequencia. Elle remette a prova á experiencia, e o peór he, que tambem me méte neſta cuſtoſa demonſtraçaõ; pois nos adverte, *que o meſmo diz do Pina*, e de outros ſemelhantes. Eu, quando aqui cheguey, confeſſo, que fiz outro conceito de mim; porque naõ pude deixar de entender, que o *Anonymo* fallava comigo, naõ conhecendo outro *Pina* em Portugal, a quem ſe tivéſſe dado, bem que ſem algum fundamento, o titulo de *Poéta*; e eſta foy a occaſiaõ, em que deſejey tirar a máſcara ao *Anonymo*, para lhe agradecer eſte ineſperado beneficio. Submergido na eſcuridade do meu proprio conhecimento, nunca me ſubio á idéa, que o meu nome foſſe lembrado em huma critica taõ precioſa, e que occupaſſe o ſeu juizo neſta memoria hum Eſcritor de taõ alta jerarquia.

Dizia hum, que hia a açoitar, que o eſtimava muito, por ſe lembrar delle o Rey. Emfim, tendo eu ouvido tanto do Conde da Ericeira, de D. Manoel Caetano, do P. Bluteau, de Antonio Rodrigues da Coſta, do Chagas, e de outros homens benemeritos do noſſo Reyno, e ſobre tudo do *P. Vieira*, que podia eu querer, que ſe diſſéſſe do *Pina*?

Mas ainda aſſim pedia a juſta vingança, que o *Anonymo* tivéſſe de mim a recompenſa; e muito mais, ſendo taõ poucos, os que naõ intentaõ repellir a força com a força. Os homens mais ſabios, prudentes, e

Digitized by Google

moderados nunca deixáraõ de ſe aproveitar deſta ley natural em ſemelhantes inſultos:

.....*En pœnas, ut ſuus auctor habet,*

exclama Alciato, (6) figurando a Ulyſſes na acçaõ de cegar *com a lança* a Polyphemo.

Com tudo eu ſempre deſcubro neſte *par pari referre* muito amor proprio; e hum homem virtuoſo naõ ſe deve offender, de que lhe accuſem os ſeus defeitos, bem que manda a Caridade, que iſto ſeja em ſegredo, e naõ em publico.

Reconheço, que houve grandes eſpiritos, que naõ pudéraõ tolerar eſta liberdade: Sylla, hum dos homens de mayor nobreza na Republica Romana, e de igual ſublimidade de animo, poz toda a ſua gloria na vingança deſtes deſafogos. O Papa Sixto V. mandou cortar a lingua, e as maõs, a quem lhe lembrou em huma Paſquinada, que era irmaõ de huma lavandeira. Suſpeita-ſe, que o Cardeal de Richelieu dirigîra a falſa accuſaçaõ, e o injuſto ſupplicio de Grandier, pelo preſumir author de huma ſatyra, que ſahio em França contra o ſeu valimento. Porêm Julio Ceſar pagava com beneficios, as que lhe fazia Catullo; e o Cardeal Mazarino procedeo da meſma ſorte com as de Quillet. Eſta bondade, e grandeza de coraçaõ deve ſer mais imitada, que a vingança dos outros, eſpecialmente quando o aggreſſor fica

[6] Emblem. 191.

Digitized by Google

fica ſempre ſ de peór partido; verificando-ſe o verſo de Heſiodo: (7)

Ipſum ſe lædit, alium qui lædere quærit.

O famoſo Monſieur Balzac em huma das ſuas *Cartas* (8) ao Chanceller de França reputa as ſatyras, que ſe faziaõ ás ſuas obras, como as pedras, que os paſſageiros lançavaõ nos monumentos Orientaes, que em lugar de os offenderem, os punhaõ mais attendiveis.

Tambem nos diz o Spectateur, (9) que mais admira hum Author, que póde tolerar valeroſamente huma mal fundada reprehenſaõ, que a ſatyra mais delicada, com que ſe intente conſeguir o deſpique.

Mas ſaõ eſcuſados eſtes exemplos profanos, depois que Chriſto diſſe a ſeu Eterno Pay: *Páter, dimitte illis: non enim ſciunt, quid faciunt.* (10)

Eu eſtou certo, de que as minhas trovas ſaõ muito más, e naõ podiaõ ſer boas, ſendo feitas na idade de dezeſeis até os dezenove annos; mas naõ ſe deve formar dellas eſte conceito pelo capitulo, com que o *Anonymo* as argúe; porque ſó quem naõ leſſe os meus Sonetos, dirá, que elles ſe apartaõ dos titulos, e que naõ ſaõ claros, e correntes. Tudo, o que ſe me póde dizer das minhas Rimas, tinha eu já dito ao Deſembargador Manoel Dias de Lima, reſpondendo a hum elogio

[7] Pela traducçaõ de Claudio Minoe. [8] Cart. 43. lib. 16. [9] Tom. 4. Diſcurſ. 3. [10] Luc. cap. 24. v. 34.

Digitized by Google

elogîo, que me fez; e na minha repoſta ſe achaõ as Coplas ſeguintes.

De taõ viçoſo engenho ſejaõ prova
Das minhas trovas infieis raſgunhos,
Que para paſmatório de ignorantes
Com bem pouca cautéta dey ao mundo.

Naõ quizera ſer hoje conhecido
Por eſte antigo, inſipido tranſumpto:
Poucos raſgos agora perfilhára,
Se foſſem revocáveis os deſcuidos.

Pertendî com indigno atrevimento
Eſgotar de Hippocrene o criſtal puro
Naquella idade, que no roſto anîma
Com tinta vegetante o ſeu preludio.

Boninas, e moſquetas desfolhadas
Sahîraõ de taõ barbaros debuxos,
Influencia de hum aſtro intercadente,
Que andava errante pelo campo inculto.

Eſta foy da eſtaçaõ a inutil pompa,
Que hoje ſe infama mais no Outono aduſto;
Pois que pomos podiaõ dar os Mayos,
Se ainda ſe naõ percebem nos Outubros?

Naõ tenho, nem nunca tive o officio de Poéta: bem ſabem os meus amigos, quanto lhes cuſta, que eu ſatisfaça neſte exercicio aos ſeus empenhos. Porêm baſta de ſatisfações; porque nos eſtá chamando a critica,

Digitized by Google

tica, que o *Anonymo* faz á Phyllis do Chagas; e antes que entremos na analyſis das ſuas Oitavas, vejamos o que nos diz ſobre o merecimento geral do Poêma. Para iſto he neceſſario dar hum ſalto deſde a pag. 242 até 266, e eſtas intercadencias naõ deixaõ de ſer frequentes neſtas *Cartas*; pois ſe deſamparaõ humas materias para ſe fallarem em outras, e ao depoîs ſe torna a tomar o fio, que o leitor já preſumia cortado: em todas as obras ſaõ perigoſas as tranſições, e aqui ſe fazem mais dignas de reparo, por ter accuſado o *Anonymo* ao Chagas da falta da unidade. Laſtima he, que ſe caya tantas vezes no meſmo, que ſe condena!

Depois de notar com baſtante acrimónia, o que lhe parece, que contêm cada hum dos Cantos da Phyllis, accreſcenta, que naõ tem unidade, nem fábula, e que a deſcripçaõ da terra naõ tem parenteſco com a acçaõ, e conclúe, que he embrulhada, &c.

E logo nos torna a inſinuar, que eſte Poéta ſe ſerve de palavras, que nada ſignificaõ: que as phraſes ſaõ affectadas, e os conceitos puerîs; e que o Chagas de Poêma Epico naõ ſabia nada.

Pobre Phyllis, em que maõs foſte cahir! Todos te tinhaõ por huma dama bonita, e concertada, e agora te repreſentaõ em taõ triſte figura, que bem te pódes enforcar na meſma amendoeira, em que te converteſte.

Quanto ao meu fraco juizo, eu nunca tive a Phyllis por Poêma Epico, e nunca ſoube,

Digitized by Google

ſoube, ſe lhe podiamos chamar Lyrico, Trágico, ou Cómico. Fiz ſempre conceito, de que era huma nova eſpecie de Poêma, que quando muito ſe lhe podia dar o nome de Cortezaõ. Porêm naõ o tinha na conta, que delle faz o *Anonymo*; e para acodir a cada huma das ſuas accuſações, me ſeria neceſſario mais tempo, do que pertendo gaſtar neſte exame. Alguma coiza direy ſobre a critica das Oitavas, e daqui ſe poderá inferir, ſe eſtá juſta, ou cruel, a que ſe faz a todos os Cantos.

Na primeira Oitava da Phyllis, que o *Anonymo* tranſcreve neſte lugar, nos diz, que ſe achaõ *coizas galantes*: entre ellas numéra: *dulces tyranias*: *agradables daños*; e accreſcenta: *E outras coizas deſtas, que jogaõ os murros*. Supponho, que quer dizer, que ſendo a tyrannia ſummamente amargoſa, ſe naõ devîa chamar *doce*: que ſendo os danos muito odioſos, ſe naõ deviaõ chamar *agradáveis*. Porêm vemos todos os dias naõ ſó nos Poétas Heſpanhóes, mas nos Italianos, que nos inculcaõ os amantes a julgarem por doce a tyrannia do objecto amado, e por agradáveis os danos, que della lhes reſulta; e ſe aſſim lho naõ repreſentaſſe o affecto, pouco teria que vencer huma paixaõ taõ indómita; e naõ he neceſſario, que recorramos aos impulſos da natureza, quando neſta meſma oppoſiçaõ ſe fundaõ os primores da arte. A figura, a que a Rhetorica chama Antitheſis, ſó ſe conſegue pela doutrina de Ariſtoteles,

Digitized by Google

toteles, (11) quando o membro do perîodo conſta de palavras encontradas, ou que entre ſi *jogaõ os murros*, como o *Anonymo* ſe explica.

Neſta meſma oppoſiçaõ de termos ſe fundou a empreza da Phénis com a letra: *Perit, ut vivat.* A da Palma: *Inclinata reſurgo*; e a do termo: *Nec citra, nec ultra.* Com eſta meſma elegancia diſſe Iſócrates: *Sæpius accidit, ut imprudentes feliciter, prudenter infeliciter agamus.* E o Author daquelle louvado Diſthico:

Infelix Dido, nulli benè nupta marito:
Hoc pereunte, fugis, hoc fugiente, peris.

Deixo de trazer á ponderaçaõ o *Fœlix culpa* de S. Jeronymo, e o proverbio ſabido dos Latinos: *Dulce, & amaro*, em que ſe póde ver a Claudio Minoe ſobre o Emblema III. de Alciato; e ſó farey menção de hum lugar, aonde as vozes andaõ mais *aos murros*, que na Oitava da Phyllis; e ſe elle for de Cicero, que dirá o *Anonymo*? Eiſaqui a famoſa Antitheſi, que ſahio da boca deſte famoſo Orador. (12)

[11] Antitheſis eſt, cum idem membrum ex contrariis conſtat. Lib. 3. Rhetor. cap. 9.

[12] Ex hac parte pugnat pudor; illinc petulantia: hinc pudicitia: illinc fraudatio; hinc pietas ſcelus; hinc honeſtas: illinc turpitudo; hinc continentia: illinc libido. Denique æquitas, temperantia, fortitudo, prudentia, virtutes omnes certant cùm iniquitate, cum luxuria, cum temeritate, cum vitiis omnibus.

Proſtremè, copia cum egeſtate; bona ratio cum perdita; mens ſana cum amentia. Denique ſpes cum omnium rerum deſperatione conflixit. In ſecund. contr. Catilinam.

Digitized by Google

Deſta parte contende o pejo; da outra o deſaforo: daqui a honeſtidade; dallî a eſtupro: daqui a fidelidade; dallî o engano: daqui a piedade; dallî a maldade: daqui a honra; dallî a torpeza: daqui a continencia; dallî o appetite. Finalmente a temperança, a fortaleza, a prudencia, e todas as virtudes combatem com a iniquidade, com a luxuria, com a temeridade, e com todos os vicios: em ultimo lugar a riqueza com a pobreza: a boa razaõ com a razaõ perdida: o bom juizo com a loucura; e a eſperança com a deſeſperaçaõ de todas as coizas.

Aqui parece, que pelejaõ outra vez os elementos no revolvido embriaõ do Univerſo. (13)

Frigida pugnabant calidis, humentia ſiccis,
Mollia cum duris, ſine pondere habẽtia pondus.

Porêm iſto naõ he huma *rudis*, *indigeſtaque moles*, he hum elegante apparato, de que ſe tem ſervido os melhores Rhetoricos.

Tambem aqui nos diz o *Anonymo*, que lhe parece a palavra *numeroſos*, de que uſa o Chagas na meſma Oitava, coiza de muitos, e naõ coiza métrica.

Na verdade, que eſte *Critico* tem alguns reparos bem alheyos da ſua profiſſaõ, e da ſabedoria, que nos inculca, e do conhecimento magiſtral, que nos méte pelos ólhos da lingua Latina. Qual ſerá o principiante

[13] Lib. 1. Metamorphoſ.

Digitized by Google

cipiante deſte idioma, que ignora, que *numeroſus, a, um*, ſignifica coiza harmónica? Para iſto baſtaria lembrar-ſe, como taõ grande Rhetorico, que o numero do perîodo he aquella cadencia, que faz a oraçaõ mais ſuave aos ouvidos: emfim Cicero diz: *numeroſa oratio*, por oraçaõ cadente: Ovidio com o meſmo nome chama *harmónico* a Horacio:

Detinuit noſtras numeroſus Horatius aures.

E ſe recorre ao effugio, de que eſta ſignificaçaõ he ſó admittida no Latim, aqui tem no *P. Vieira*, que diz tambem em Portuguez: *Glorioſo, e numeroſo Problema*; e o noſſo Camoens:

Em verſos divulgando numeroſos.

Quer o *Anonymo*, que ſeja parvoîce ter dito o Chagas, que fizéra verſos amoroſos na ſua mocidade, e que agora chorava a tragédia de Phyllis, devendo dizer por contrapoſiçaõ, que cantava coizas graves; porque eſtas ſaõ o contrario das amatórias.

Eu digo com tudo, que em ſentido rigoroſo o contrario das coizas graves ſaõ as leves; e em ſentido Rhetorico ſaõ as coizas jocoſas. O contrario do amor he o aborrecimento; mas tambem póde ſer o deſengano, que he, o que queria promover o Chagas neſte Poêma; pois nenhuma coiza poderá deter, ou esfriar mais hum affecto amoroſo, que a tragédia de dois amantes.

Digitized by Google

Na ſegunda Oitava nos diz, que naõ ſabe, o que quer dizer: *Muſa candida*. Eu ſey menos, que o *Anonymo*, e nem poriſſo acho neſte termo alguma difficuldade. *Candida* ſe póde attribuir á formoſura, ou á ſinceridade, com que ſe fingem as Muſas, ou á innocencia, com que nos primeiros annos ſe póde cultivar a Poeſia. Parece, que naõ he neceſſario ter muito diſcurſo para conſeguir eſta intelligencia.

Repara no verſo: *Amaneciſte en las auroras de mi oriente*; e pertende, que ſejaõ tres ſynonymos vicioſos, porque explica cada hum o meſmo conceito. Paſſe embóra eſta critica ſem defeſa, por acudirmos á que faz o *Anonymo* ao *concepto triſte*, dizendonos, que a Muſa ſó dirige o affecto, e que o naõ cómunica.

Se havemos de ſeguir, o que neſta materia diſcorreo a Grecia, ſerá demaziada ignorancia o naõ ſaber, que as Muſas dirigiaõ, e cómunicavaõ juntamente os affectos: de outra ſorte ſe teria por ridicula a attribuîçaõ dos ſeus diverſos inſtrumentos, e occupações, que dava a cada huma ſeu diſtinto caracter.

Pela diſtribuîçaõ de Callimacho temos a Euterpe com a influencia da Poeſia Trágica; e debaixo deſta idéa naõ podemos figurar eſta Muſa taõ feſtiva, como o *Anonymo* a concebe.

Tambem reprova o termo de *una voz doliente*, negando a ſuppoſiçaõ, de que o Poé-

Digitized by Google

o Poéta eſteja afflicto, por entender, que he impropria eſta afflicçaõ, em quem naõ deſcreve os ſeus tormentos, mas os alheyos.

Aqui ſe eſquece totalmente o *Anonymo* da doutrina, que nos deo na *Carta* antecedente; porque nos diz a pag. 159, que para exercitarmos as paixões nos outros he preciſo, que o Orador ſe moſtre dominado do meſmo affecto. Com que, ainda que o Chagas o naõ eſtivéra, ſeria neceſſario moſtrar, que o eſtava, para cumprir com eſte preceito Rhetorico; e iſto eſtá taõ longe de ſer improprio, que pelo meſmo voto do *Anonymo* he a mayor propriedade da Eloquencia.

Naõ faltaõ ſemelhantes contradições em todo o corpo deſta obra; mas eu naõ tenho tempo para as hir notando com a meudeza devîda; e aſſim paſſo adiante para ouvir a critica, que elle faz a Joanna de Mexico, a Luiz de Gongora, e a Eugenio Gerardo.

O que nella mais me eſcandaliza, he meter eſta Poetiza entre eſtes famoſos Heſpanhóes: as obras da Indiana podemos em obſequio do ſéxo ouvilas com paciencia, as do Lobo, e Gongora com goſto, e admiraçaõ. Pouco ſabe da Poeſia quem naõ lhe diſtingue a differença.

O *Anonymo* as acha confuſas: o certo he, que para ſe entender o eſtylo dos Poétas naõ baſta a liçaõ dos Proſiſtas. Se me diſſéra, que Gongora na mayor parte dos verſos mayores, e que tambem em algumas Poe-

fias

Digitized by Google

ſias Lyricas, eſpecialmente na Fábula de Pyramo, e Thisbe, era baſtantemente eſcuro, de boa vontade lho concederia; porêm o Lobo naõ tem verſo, nem grande, nem pequeno, que poſſa fatigar a intelligencia, a quem tem uſo dos Poétas; e admiro-me, de que tendo o *Anonymo* hum diſcurſo taõ penetrativo, ache difficuldade em humas expreſſoẽs, que pódem ſer patentes a qualquer engenho mediocre.

Depois de deſterrar a Poeſia da noſſa Naçaõ, nos repete o traslado de hum Soneto, que todos reputamos por ſeu, ainda que elle o queira attribuir a hum ſeu amigo; e ainda ignoro o motivo de o tranſcrever duas vezes neſtas ſuas *Cartas*. Porêm hum Soneto repetido, e taõ recõmendado naõ podia vir, ſenaõ para módêlo deſta eſpecie de Poeſia, e talvez, que até para iſſo o fizeſſe em Portuguez hum Italiano: o que ſuppoſto, parece, que eſtou obrigado a trasladálo.

Es feia; mas de ſorte que orroroza
A' tua viſta é bela a feialdade;
Mas tens fortuna tal, que a enormidade
Te conſegue os tributos de formoza:
Cara taõ feia, coiza taõ paſmoza
Todos oſervam, e move a raridade:
Nam deſperta o comum a curzidade:
Ser rara, é que te adula vaidoza.
Amaſe o belo, é cega o meſmo afeto,
O feio pois naõ liga o penſamento,
Deixa miudamente ver o objeto:

Iſto

Digitized by Google

Iſto fás, que ſe oſerve eſe portento:
Quanto eſtás obrigada a eſe aſpeto,
Se no enorme te dá merecimento.

Naõ pude diſſimular o eſcandalo, que me cauſou eſte Soneto, ſendo proferido por hum *Capucho*, de quem eu eſperava exemplos mais religioſos. O ardente deſejo de fitar a viſta em huma dama, bem que ſeja taõ feia, naõ concorda muito com huns ólhos penitentes, e com quem anda amortalhado em hum burel, e cingido com huma corda; porêm os *Capuchos* de Roma ſeraõ menos encolhidos, que os noſſos.

O *Irmaõ Arſenio* já reparou, em que a repetiçaõ do adverbio *Mas* no primeiro, e terceiro verſo era inſipida, e que nem na oraçaõ ligada, nem na ſoluta ſe podia admittir hum contraditorio taõ manifeſto, como o de ſer bella, e feia ao meſmo tempo, e no meſmo ſentido: o que ſe faz mais reparavel, tendo o *Anonymo* condenado tanto as *dulces tyranias*, e os *agradables daños* da primeira Oitava da Phyllis. Tanto vay de criticar a compôr, e tanto nos enganamos com os noſſos meninos!

A fortuna, de que a enormidade conſiga os tributos de formoza, he hum penſamento taõ extravagante, que ſeriaõ neceſſarias muitas razões para fazer, ao menos, veroſimil eſte inaudîto paradoxo.

Cara taõ feia, coiza taõ paſmoza, já eſtá dito no primeiro quarteto, e repetilo no

Digitized by Google

no ſegundo he redundancia, que ſe naõ admitte no Soneto.

Mover a raridade, he termo imperceptivel: *a raridade* he, que move, e naõ he movida. *Curzidade* em lugar de curioſidade naõ ſe permitte na delicadeza deſtes Epigrammas: as ſyncopes ſó ſe conſentem em Poeſia menos conſiderada: neſta he crime da primeira cabeça. *Ter vaidade pela raridade de feia*, he outro paradoxo, de que naõ haverá exemplo. *Que te adula vaidoza*, he outra expreſſaõ bem pouco conhecida, e taõ amphibologica, que ſe naõ conhece, quem rége eſte adjectivo.

O primeiro terceto moſtra, que ſe póde ver a feialdade ſem aquella cegueira, que produz a formoſura. Paſſe na boa hora a reflexaõ, ainda que *ligar o penſamento* he hum termo bem arduo. No ſegundo terceto ſe moſtra, que por eſte motivo ſe póde ver melhor a feialdade, que a formoſura; e daqui conclúe o Author do Soneto, que *a dama deve eſtar muito obrigadr ao ſeu aſpeto*; *porque no enorme he, que tem o merecimento*.

Se hey de dizer, o que ſinto, como tenho promettido, ingenuamente declaro, que nunca vi conſequencia mais desbaratada; pois ninguem póde negar, que quanto mais ſe obſervar a feialdade da dama, tanto mais ſe diminuirá o ſeu merecimento.

Se o *Anonymo* pertende, que toda a vangloria de huma mulher, e tudo, o que ella merece, conſiſta em ſe olhar muito para o ſeu

Digitized by Google

o ſeu ſemblante, ou ſeja bello, ou feio, celébro a novidade da imaginaçaõ; porêm ſe todos quizérmos perſiſtir na maxima innegavel, que quanto mayor for a attençaõ para o objecto diſforme, mais horror, e mais faſtio cauſará ao penſamento, devo aſſentar, em que o conceito he naõ ſó quymerico, e eſcuro, mas deſordenado, e inſofrivel. A'lem diſto, vêmos nos dois tercetos o concurſo de toantes, e conſoantes: *afeto*, *penſamento*: *ojeto*, *portento*: *aſpeto*, *merecimento*; e eſte he dos mayores erros em qualquer Poeſia vulgar, e muito mayor em hum Soneto, aonde ſempre ſe aſpira á perfeiçaõ; e ſe vay a dizer a verdade, para quem tem dado tantas regras Poéticas, e eſtá taõ nauſeado, que todos os noſſos Poétas lhe parecem *Verſejadores*, naõ he muito digno eſte parto de huma concepçaõ taõ fecunda.

Emfim ſempre tarde, ou cedo viémos a conhecer na cabeça do *Anonymo*, que naõ he, como a de Jupiter, de que naſceo Minerva; verificando-ſe, o que eu já tenho dito, de que ha huma grande differença entre a eſpeculaçaõ, e a prática. Fazer verſos, como os deſte Soneto, he muito peór, que o naõ fazêlos; e quem os faz taõ mal, ou naõ os faz, diz Monſieur Ménage, (13) que naõ he capaz de os julgar.

Cuſta pouco o dizer, que os verſos ſe devem fazer deſte, ou daquelle modo: que

N naõ

[13] N'ayant donc jamais fait de verſ, n'eſt pas capable de juger des verſ. Anti Baill. p. 1. cap. 85.

Digitized by Google

haõ de ter estas, e outras prerogativas: que deve haver nellas várias cautélas, e delicadezas: que haõ de ser claros, e energicos, cadentes, e harmoniosos, e ao mesmo tempo sublimes, e cultos. Porêm quando o Poéta quer pôr algumas destas regras em exercicio, quasi sempre se tropeça no *hoc opus* de Virgilio.

He mais facil (diz Quintiliano (14) falsar da arte, do que dizer conforme a mesma arte; e S. Jeronymo nos adverte, (15) que seriaõ felices as artes, se dellas fossem só Juizes os artifices; e para isto he, que pedia Cicero os óllios eruditos.

Porêm mostrando o *Anonymo* taõ pouca noticia do exercicio Poético, como se justifica nôste Soneto, bem pudéra escusar de se meter na critica da Poesia Portugueza; e se me deve permittir, que eu lhe diga com as palavras do mesmo Monsieur Ménage: (16) que estou totalmente persuadido, que nunca fará taõ bons versos, como os peóres, que elle reprehende.

Se o *Anonymo* se lembrasse, do que era necessario para se fazer hum Soneto completo, talvez, que senaõ atrevêra a dar-nos este por exemplar. Monsieur Despreaux, que me parece, que tem bom voto na materia, nos intima, que

Un

[14] Facilius est de arte dicere, quam ex arte.

[15] Felices essent artes si de illis soli artifices judicarent. Epist. 26.

[16] Je suis très-persuadé, que M. B. ne pourroit pas faire de si bons vers, que le plus mauvais de ceux, qu' il reprend. Ibid.

Digitized by Google

Un Sonnet sans defaut, vaut saul un long
(poême;
Mais en vain mille Auteurs y pensent arriver;
Et cet heureux Phenix est encore à trouver.

E se me diz, que se naõ satisfaz com a opiniaõ de hum Francez, eu lhe dou a de hum Italiano, como Stephano Guazzo. (17)

Sendo quasi impossivel o achar-se assumpto, que justamente caiba no corpo do Soneto, ou se haõ de introduzir nelle palavras inuteis, ou mutilar os conceitos, de sorte, que a composiçaõ fique languida, ou escura; e porisso se póde affirmar, que tem conseguido huma louvavel, e laboriosa empreza, e que he filho legitimo de Apóllo, o que felizmente compoz hum Soneto, e que chegou ao devîdo fim com estes proporcionados meyos.

Com tudo entre estas difficuldades acho hum Soneto muy estimado dos Criticos, e he de Monsieur des Barreaux, que sendo dos mayores libertinos de França, fez nelle igual a sua discriçaõ ao seu arrependimento; e naõ fallando na harmonîa do verso Francez, a que naõ posso acõmodar os meus ouvidos, pelo que respeita ao assum-

[17] Essendo quasi impossibile il trovar soggetto, che giustamente capisca nel corpo del Sonetto, conviene per lo più ò aggiungerve parole oziose, ò troncar i concetti in cosi fatta guisa, che'l componimento riesci, ò languido, ò oscuro; la onde se può dire, che á fatta una non meno lodevole, che faticosa empreia, ed é figliuolo legittimo de Apollo colui, il quale felicemente á tirato un Sonetto con tutí questi proporzionati mezzi al suo debito fine. Dial. da Poes. Latin. e Toscan.

Digitized by Google

pto, deducçáõ, decóro, unidade, e penſamentos, bem o podemos trasladar para modêlo, ficando em lugar do que produzio o *Anonymo*.

Grand Dieu, tes jugemens ſon remplis d' équité,
Toujours tu prens plaiſir à nous être propice;
Mas j'ai tant fait de mal, que jamais ta bonté
Ne me pardonnerá ſans choquer ta juſtice:
Oui, mon Dieu, la grandeur de mon impieté
Ne laiſſe à ton pouvoir, que le choix du ſuplice:
Ton intereſt ſ' oppoſe á ma felicité;
Et ta clemence méme attend, que je periſſe.
Contentes ton déſir, puis qu' il t' eſt glorieux,
Offenſes toi des pleurs, qui coulent de mes (yeux;
Tonne, frape, il eſt temps, rends moi guerre (pour guerre:
J' adore en periſſant la raiſon, qui t' aigrit;
Mais deſſus quel endroit tombera ton tõnerre,
Qui ne ſoit il couvert du ſang de Jeſus Chri- (ſte?

Ainda que o *Anonymo* ſe deſagrada muito das traducções, eu me reſolvo a dar a deſte Soneto para aquelles, que naõ entendem a lingua Franceza; e para os que a ſabem eſpero, que a ſua benevolencia me deſculpe os defeitos, attendendo á grande difficuldade da empreza.

Tudo, Senhor, em Vós he equidade,
Tudo de hum grande amor piedoſo indicio;
Mas nunca podereis ſerme propicio,
Sem queixar-ſe a juſtiça da bondade:

De-

De meus erros na antiga gravidade
Naõ tendes que eſtolher mais q' o ſupplicio,
E da meſma clemencia o doce offocio
Quer que Vós caſtigueis tanta maldade.
Satisfaça ſe pois a voſſa offenſa,
Naõ valha de meu pranto o ardẽte enſayo;
Trovejay, fulminay, que eu naõ inſiſto:
Eu adoro taõ juſta recompenſa;
Mas onde vibrareis o voſſo rayo,
Que o Sangue naõ acheis de Jeſus Chriſto?

Naõ reparo na accuſaçaõ, que o *Anonymo* faz a vários Sonetos dos noſſos Poétas; porque me leva todo o ſentido o naõ eſcaparem deſte flagello os mais louvados do noſſo Camoens: quero dizer: *Sete annos de paſtor*; e *Alma minha gentil, &c.*

Diz do primeiro, que conta huma hiſtoria ſem artificio: eu digo, que mais alguma coiza faz; e ainda que naõ fizeſſe outra, que contar taõ clara, e limpamente em verſo, o que talvez ſe naõ poderia contar em proſa, baſtaria para ſer eſtimavel.

Tambem lhe naõ agrada o fecho, por ſer cumprimento muito ſabido. Bem ſabido he o cumprimento nas cartas: *Fico para ſervir a V. m.* e mais ninguem o deſpreza. Na verdade, que he bem perigoſa eſta critica do *Anonymo*. Se o conceito he claro, e natural, diz, que naõ goſta: ſe agudo, e engenhoſo, diz, que naõ entende. Eu naõ ſey, que geito lhe havemos de dar para contentarmos eſte Italiano.

Proſe-

Digitized by Google

Proſegue, que ha outro defeito mayor no Soneto, que he a impropriedade do *amor longo, curta vida*. O *amor longo* reputa por parvoíce: ſe Camoens as diz, que faraõ os outros? Queria o *Anonymo*, que elle diſſéſſe: *amor grande*; e eu digo, que ſe Camoens puzéſſe *grande* em lugar de *longo*, que quando naõ foſſe parvoíce, ſeria huma grande impropriedade.

O intento do Poéta era moſtrar a extenſaõ do amor de Jacob, e com ella provava ainda melhor a ſua grandeza; pois póde haver amor grande ſem extenſaõ, *& vidi, & periit*; mas naõ póde haver amor longo ſem grandeza, o que até conhecem os rapazes, quando cantaõ pelas ruas:

Quem quiz bem, nunca o perdeo:
Quem o perdeo, nunca o teve.

Como o *Anonymo* diz o meſmo do ſegundo Soneto, he eſcuſado reſponder-lhe: baſta advertir, que *Alma minha gentil*, naõ deſmerece nada de *Ay dulces prendas* de Garcilaſſo, e que eſte Soneto Caſtelhano foy tido atégora, entre nós, pelo mais ſuave, e harmónico, dos que tem produzido huma paixaõ amoroſa. Eu nunca o leio ſem me virem as lagrimas aos ólhos; porêm o *Anonymo* naõ ſerá taõ enternecido.

Quaſi tudo, o que ſe ſegue deſde eſta pagina, que he a 253. até 258, ſaõ diſtinções da idade de ouro, prata, e bronze da lingua Latina, o que eſtá repetido em vários lugares deſtas *Cartas*; e dizer-ſe mal

das

Digitized by Google

das obras de Marcial, Conde Thesauro, Juglar, Masenio, Labbé, &c. o que tambem naõ he novidade.

Passo igualmente sem reparo pelas Inscripções lapîdeas; porque para fallar nellas com a extensaõ devîda, seria apartar-me muito do meu intento. Em Portugal ha pouca noticia desta delicada composiçaõ, e naõ sey se o *Anonymo* tem a necessaria para distinguir as mais estimáveis: saõ muito differentes as da Republica Romana, e as do tempo dos primeiros Imperadores, daquellas, em que trabalháraõ ao depois os engenhos menos sincéros. Nas primeiras tudo era concisaõ, limpeza, e magestade: nas outras tudo apparato, e affectaçaõ.

Das Inscripções passa o *Anonymo* para as Eglogas, Elegîas, Odes, &c. Das Eglogas nos diz, que naõ ha uso em Portugal, sem embargo de se lembrar das de Camoens. Reprova-lhe a variedade dos métros: eu tambem a naõ louvo; mas se Camoens naõ basta para fazer uso, aqui temos as de Henrique Caiado, que fez nove, e foy taõ soberbo com ellas, que deixou de fazer dez, por naõ ficar em competencia com Virgilio. Temos tambem as de Diogo Bernardes, temos as de Francisco Rodrigues Lobo, e taõ boas, que se duvîda, se saõ melhores os Idyllios de Theocrito: eu pudéra dizer, que o *Pina* tinha humas poucas, que merecéraõ hum distinto louvor do Conde da Ericeira; mas será melhor, que as passe em silencio, para

para que o *Anonymo* lhe naõ faça outra critica, como a que fez aos Sonetos; que he condenálas sem as ter visto. O mais, que nos diz de Elegías, Odes, Tercetos, Silvas, Romances, Redondilhas, naõ nos obriga a deter-nos. Sobre a Satyra nos adverte, que he parte da Comedia, e que muitos, que naõ fazem Comedias, se divertem em fazer Satyras. Receyo, que lhe digaõ, que nesta advertencia faz elle huma satyra a si mesmo.

Para ella nos dá vários preceitos, e toma a cautéla, de que falla da Satyra em cómum, e que naõ aconselha o ninguem, que a faça a pessoas particulares. O conselho he santo, e bom; mas seria melhor se fosse com o exemplo: *Si doces exemplo, doces ex templo.*

Diz mais, que naõ léra em Portugal huma Satyra boa, ainda das particulares, e que as que vira, eraõ afrontas, e injurias, e naõ Satyras. Bem me custa o defendêlo de alguns, que me querem provar, que elle viéra aprender este máo costume á nossa terra; ainda que reconheço, que os Italianos naõ necessitaõ destas lições, porque lhas está dando o seu Pasquino todos os dias.

Depois de huma dilatada transiçaõ pertende outra vez fallar na Epopeia. Assenta, em que naõ merece este nome por confissaõ dos Portuguezes de melhor doutrina o *Condestavel* de Francisco Rodrigues Lobo. He digno de reparo, que o *Anonymo* nos faça mençaõ de hum Poéta com a sua obra mais

Digitized by Google

mais indigna, qual he a do *Condeſtavel*, e que o deixe em ſilencio com as ſuas *Eglogas*, ſendo merecedoras da mayor eſtimaçaõ. Iſto parece, que naõ he fazer juſtiça, e que naõ ha outro intento mais, que o promover o noſſo diſcrédito.

O peór he, que na meſma conta do *Condeſtavel* méte o *Machabêo* de Miguel da Silveira, e a *Ulyſſea* de Gabriel Pereira de Caſtro: eu entendia, que ſó nas tendas, e naõ em huma eſtante eſcolhida eſtavaõ miſturadas as fitas de pezo com as de cadarço.

O Silveira, e o Caſtro peccáraõ em Adam, como os demais Epicos; porque a imperfeiçaõ da Epopeia he culpa original da Poeſia; (18) mas naõ devem ſer deſprezados, pelo muito, que tem de excellentes. Naõ me poſſo deter na diſtinçaõ dos ſeus louvores, e ſó direy, que o Silveira he taõ nervoſo, e culto no eſtylo, que até agora o naõ tem igualado algum Poéta das Heſpanhas.

O que mais eſtranho neſte lugar, he, que diga o *Anonymo*, que pertence á meſma claſſe qualquer outro Poêma, que haja manuſcrito. Naõ ha critica mais terrivel; pois até pertende condenar *ante prævisa demerita*.

A'lem dos tres nomeados, fiz tençaõ de lembrar ao *Anonymo* a *Lisboa edificada* de Antonio de Souza de Macedo, e a *Arzila* de Vaſco Mouzinho de Quevedo, e até pudéra introduzir o meu *Templo da Fama*,

O a mi-

(18) D. Franciſco Manoel.

Digitized by Google

a minha *Goa conquiſtada*, e o meu *Mundo reſtaurado*, o que naõ faço, pelos naõ ſugeitar á meſma condenaçaõ, e tambem por acodir mais depreſſa, á que elle faz ao noſſo Camoens.

O *Anonymo* nos confeſſa, que eſte noſſo Principe da Poeſia teve muito engenho, e imaginaçaõ fecunda, muitas qualidades de Poéta, e que para aquelle tempo, em que naõ havia o conhecimento, que hoje ha, que foy maravilha, que eſcreveſſe taõ bem.

De hum *Critico* taõ arriſcado nunca eu preſumî, que pudéſſemos tirar ſemelhante confiſſaõ. Julga porêm, como temeridade o quererem-no fazer mayor, que Homéro, e que os Epicos das outras Nações. Com menos nos contentamos: baſta, que ſe nos conceda, que aſſim como Homéro foy o Epico da Grecia, Virgilio do Lacio, Taſſo da Italia, Milton de Inglaterra, Voltaire de França, que o noſſo Camoens o ſeja das Heſpanhas.

Accreſcenta o *Anonymo*, que ha muito bons Poétas Italianos, que naõ ſabem, que o houve no mundo. E que culpa tem a fama de Camoens deſta indeſculpavel ignorancia? Porêm eu ſey de hum Poéta Italiano, que vale por todos os deſta Provincia, que naõ ſómente ſoube, que o havia, mas que ſendo o homem mais ſoberbo neſtes eſtudos, naõ ſe dedignou de lhe fazer aquelle elogîo, que anda na *Vida* do meſmo Camoens, e nos *Cõmentos* de Manoel de Faria, e nas *Rimas* de Taſſo,

Taſſo, impreſſas em Veneza no anno de 1608.

Accuſa o *Anonymo* a Camoens de muitos defeitos. Atéqui irá igual com os outros Epicos, que lhes naõ faltaráõ outros tantos. Proſegue, que os defeitos naſcem de dois pontos? I. falta de erudiçaõ: II. de juizo, e diſcernimento.

Se o *Anonymo* toma a palavra *erudiçaõ* na accepçaõ cómua, naõ ſey, que nenhum outro Epico ſe moſtraſſe mais erudito na ſua Epopeia: Taſſo, e Virgilio, ſe o foraõ, naõ o moſtráraõ. Dizer, que Camoens teve falta de juizo, a iſto ſó ſe póde reſponder, que ſeja pelo amor de Deos.

Que errára (continúa) o titulo do Poêma; e conſiſte a razaõ do erro, em que os Meſtres da arte tomáraõ o titulo da peſſoa, como Odyſſêa, e Eneida; ou do lugar da acçaõ, como Iliada; e que Camoens, devendo o tomar de Vaſco da Gama, o tomára de todos os Portuguezes, buſcando para iſſo hum termo Latino; que tanto *caſſa* (he palavra do *Anonymo*) aos Portuguezes, que ficáraõ no Reyno, como aos navegantes, julgando por peór, que o tomaſſe no plural, por naõ ter exemplo na antiguidade.

Porêm ſe Camoens errou o titulo, tambem Homéro, e Virgilio o naõ acertáraõ, o que talvez pareça ao *Anonymo* bem novo. A obrigaçaõ do Epico he cantar huma unica acçaõ de hum Heróe; e naõ muitas, de ſorte, que ſe alguem fizeſſe hum Poêma dos doze trabalhos de Hercules, já ſe lhe naõ po-

Digitized by Google

deria chamar Epopeia: o titulo de Eneida ſignifica naõ huma, mas muitas acções de Enéas: o de Odyſſêa ſignifica naõ huma, porêm muitas acções de Ulyſſes: o de Ilîada naõ ſe cinge ás acções de Achilles, mas a todas, as que ſe obráraõ no aſſédio de Troya pelos Capitães, ou Dynaſtas da Grecia; e aſſim o Taſſo he, que naõ errou o titulo, chamando ao ſeu Poêma *Jeruſalém Libertada.*

Eu me confórmo com o reparo do *Anonymo* em acuſar a Camoens da deſordem, com que propoz a ſúa Epica; pois he certo, que devîa propôr hum unico Heróe, e naõ muitos, ſem que o deſculpe a imitaçaõ, que fez de Valerio Flaco, que he Poéta, de que naõ devîa tomar o exemplo. He verdade, que Manoel de Faria pertende ſalválo deſte defeito, levando a propoſiçaõ para a Oitava terceira, aonde diz no ſingular, que *canta o illuſtre peito Luſitano*; e quer, que ſejaõ aceceſſorias as Oitavas antecedentes, aſſim como o faõ em Virgilio os primeiros quatro verſos da Eneida, que principiaõ: *Ille ego, qui quondam*; mas naõ ſey ſe baſta eſta eſcuſa, depois de ter dito Camoens, que cantava *as armas, e os vareens aſſinalados.*

Diz tambem, que errára em naõ ſuſtentar o caracter do ſeu Heróe. Devîa moſtrar, em que lugares o naõ ſuſtentou. Eu vejo, que Vaſco da Gama ſe moſtrou magnanimo, zeloſo, e obediente ao ſeu Principe na aceitaçaõ do deſcobrimento da India, que era a empreza

Digitized by Google

empreza mais formidavel daquelle tempo. Móſtrou-ſe ao depois terrivel em Moçambique, agradecido, e affavel em Melinde, acautelado em Calecut, religioſo nos horrores da tempeſtade, impávido com o gigante Adamaſtor, erudito na deſcripçaõ da Europa, modeſto com as Nymphas, e delicias da Ilha de Venus. Faça o *Anonymo* outro tanto, que ainda que ſeja hum Capuchinho, eu o terey pelo Heróe do noſſo ſeculo.

Que errára da meſma ſorte nas declamações, com que acaba quaſi todos os Cantos. Aqui o naõ defendo. E que proſeguira os erros em introduzir as divindades Ethnicas, ſem allegorizar ás coizas ſantas, como puerilmente pertende o Faria. Agora naõ ſó o defendo, mas affirmo, que ſó poderia fazer eſta accuſaçaõ, quem nunca leſſe as *Luſiadas*. As divindades da Ilha de Venus todas ſaõ allegoricas, como o meſmo Poéta declara na Oitava 89. deſte Canto:

Que as Nymphas do Oceâno naõ formoſas,
Thetis, e a Ilha angelica pintada,
Outra coiza naõ he, que as deleitoſas
Honras, que a vida fazem ſublimada.

O meſmo ſe prova com ás Oitavas 90. e 91. E he provavel, que tambem naõ leſſe os *Cõmentos* de Faria, quando affirma, que elle puerilmente pertende ſuſtentar a meſma allegoria. Manoel de Faria foy hum engenho muito ſevéro para ſe deter em puerilidades.

Pela

Digitized by Google

Bella exquisita, e profunda erudição; que mostrou neste *Cõmentor*, adquirida com a leitura de trinta annos successivos, e naõ (como elle mesmo diz) com a tintura dos *Diccionarios*, merecia, que o *Anonymo* o tratasse com mais algum respeito: lêo, e meditou com incrivel applicação tanto os Poétas vulgares, como os Latinos, assistio muitos tempos em Roma, donde o *Anonymo* suppoem o domicilio da Poesia; e quando naõ bastassem todas estas qualidades para lhe dar o magisterio na especulação Poética, nenhum homem judicioso deixará de se admirar, lendo a apologia, que elle fez aos mesmos *Cõmentos*, obra das de mayor esforço, que tem apparecido no prélo; mas os *mayos*, em que a divisão, a huns allumiaõ, a outros cégaõ.

Os erros, que o *Anonymo* encontra na medida dos versos, e consoantes das *Lusiadas*, devem attribuir-se á inércia das nossas impressões, e aos Revedores daquelle tempo, que em muitos lugares desfiguráraõ este Poêma, por lhes parecerem atrevidos alguns termos, que se permittem ás expressões Poéticas. Quanto á escuridade digo, que tem em algumas Oitavas termos difficeis, o que se acha em todos os professores desta arte; mas que a mayor parte das estanças saõ claras, e corrétes.

Finalmente as vozes, que nada significaõ, he hum defeito transcendente a todos os Poétas, o que adiante mostrarey em Homéro, e Virgilio.

Esta he toda a acculação, que o *Anonymo*

Anonymo faz ao noſſo Camoens, não ſey ſe com juizo proprio, ſe trasladando as reflexões do P. Rapin. Mas ainda que nos venha eſta crítica de França, nunca ſe conſeguirá, que eſta polîda Naçaõ deixe de conſiderar ao noſſo Poéta, naõ ſó como hum Marcial, hum Ovidio, hum Horacio, mas como o Virgilio da Luſitania; (19) e para mayor demonſtraçaõ deſte conceito vejamos tambem as accuſações, que ſe tem feito ao Poéta da Grecia, e do Lacio, para ver ſe nos conſolamos huns com os outros. E já que o *Anonymo* ouvio ao P. Rapin para accuſar as *Luſiadas*, ouça tambem a Monſieur Perrault para os defeitos de Homéro, e ao depois fallaremos nos do Mantuano.

Argúe eſte Francez (20) ao Poéta Grego, de que pertenda inſinuar pelo caracter de Achilles, que baſta a hum Capitaõ ter o animo intrépido, e os pés ligeiros para ſe lhe permittir, que ſeja brutal, injuſto, cruel, e ſem ley. Que ſe naõ póde ver tem indignaçaõ, que hum dos Heróes da Ilîada, como o famoſo Ulyſſes, ſe deite á noite a dormir com os póreos, e que pela manhã ande ás punhadas com hum miſeravel mendigo ſobre os reſtos da cozinha de Penélope.

Que

(19) Le Camoens paſſe dans le Monde pour le Martial, le Ovide, le Horace, et le Virgile des Portugais.... Mais nous ne le conſidererons ici, que comme un Poéte heroïque, et comme le veritable Virgile de ſa Nation, a cauſe de ſon celebre Poeme des Luſiades, ou des conquêtes des Indes par les Portugais. Baillet, tom. 4. Jugem. des Sçav. pag. 440

(20) Nos Parallêlos dos antigos, e modernos.

Digitized by Google

Que se naõ póde considerar sem desgosto a comparaçaõ de se deitar o mesmo Ulysses na cama, sem poder dormir, com a morcéla assada nas grélhas.

Que finge Homéro, que no palacio do pay da Princeza Nausica eraõ as paredes de bronze, e as portas de ouro, e que naõ valia esta grande riqueza, para que sua filha naõ fosse a sua lavandeira, e os seus filhos os seus móços de mulas: *palafreneiros* diria o *Anonymo*.

Repara mais, em que sendo cento e dezoito os amantes de Penélope, fossem mortos sem alguma interpreza só por quatro pessoas, quaes eraõ Ulysses, seu filho Telemáco, o seu porqueiro, e o seu vaqueiro; e aqui distingue, e expoem as grandes impropriedades deste combate.

No estylo descobre, que Homéro se empregou muito em ornar os Deoses, e todos os seus Heróes de vários epîtetos com differentes numeros de syllabas, para acabar pompozamente os versos, attendendo menos á propriedade dos adjectivos, que á necessidade da medida, e que se lhe vêm repetidas todas estas vozes inuteis, quando falla nas mesmas pessoas, e que usou com toda a indifferença de huma copiosa variedade de vocábulos estranhos, quando necessitava delles para encher os versos com syllabas breves, ou longas.

Deixo de trazer outros defeitos de Homéro, para passar tambem aos de Virgilio,

Digitized by Google

lio, com quem o mesmo Perault naõ está menos rigoroso; e sem me aproveitar da sua critica, direy, que para a guerra dos Latinos, e Troyanos escolhêo este Poéta hum inverosimil fundamento na morte do veado. O caracter de Enéas he, que eu naõ vejo sustentado neste Poêma; pois injustamente lhe conserva Virgilio o titulo de *Piedoso* com a ingratissima ausencia, que fézi de Carthago, deixando entregue á sua bemfeitora á ultima desesperaçaõ, e tristeza da vida; e com a morte de Turno, que depois de lhe pedir a sua vida, o matou a sangue frio, o que só se podia esperar de hum salteador de caminhos, e naõ de hum Capitaõ insigne. Os seus amores com Dido estaõ tratados com summo indecóro. As suas náos convertidas em Nymphas he huma ficçaõ sem ordem, nem gosto. Matar Camilla, que pelejava a pé, hum soldado de cavallo, e occupar ao mesmo tempo o bruto, tirando-lhe sangue com as espóras, que naõ tinha, he outra impropriedade, que se naõ esperava de Virgilio. Os jógos, que se celebráraõ nas exequias de Anchises estaõ muito puerís, e impertinentes. Aquelle continuo temor, que mostra o Heróe em todas as acções arriscadas, hé indigno do seu caracter. Tambem na morte de Turno, parece, que se naõ acaba o Poêma; pois sendo a sua acçaõ a de constituir o Imperio de Roma na origem dos Troyanos, era indispensavel na Eneida o casamento de Lavinia.

Digitized by Google

Mas o defeito mayor, que se acha em Virgilio, he naõ dirigir o animo do leitor a fazer-lhe amavel o seu Heróe, e o Competidor aborrecido, estando aqui tudo pelo contrario. Quem se naõ ha de irritar contra Enéas, vendo, que elle, depois de pedir hum pobre agazalho ao Rey Latino, lhe pertenda usurpar o Reyno, e casar com a sua unica filha, violentando os interesses de huma Naçaõ, que pertendia conservar a posteridade dos seus Principes no parente mais digno daquella Casa, e muito mais, sendo Turno taõ benemerito deste casamento? Naturalmente se desgosta, e se compadece, quem lê a Eneida á vista da desgraça deste Rutulo, e da fortuna daquelle Troyano.

O estylo naõ he menos censurado, que o de Homéro; porque está igualmente cheyo de termos estranhos, tomados da lingoa Grega, a que os Criticos chamaõ *Hellenismos*. Em varias personagens do Poéma, como em Gyas, Menesteo, Sergeste, Cloante, Vnaõ ha outro epiteto mais, que o de *fortes*, que sam distinguir muito o caracter de cada huma destas figuras, só se aproveita para completar a medida do verso.

Outras muitas culpas se observaõ no Tasso, no Voltaire, no Milton. A mayor culpa do Tasso foy misturar tanto nos seus episódios o sagrado com o profano, e ser o seu estylo mais historico, que poético. A de Voltaire he a de arrebatar S. Luiz ao Céo a Henrique IV. no tempo, em que ainda era

Hugono-

Digitized by Google

Hugonote, naõ deixando de ter bastantes espinhas, o que elle lhe diz do Inferno, e o que discorre sobre a casa do Destino. A do Milton, que he o mais famoso dos modernos, he fazer, com que o diabo nos pareça o Heróe do seu *Paraíso perdido*; e naõ he muito de admirar em hum hereje, que foy nutrido na escóla de hum pay, que só para se habilitar nos interesses da sua pátria, se separou da Religiaõ Romana, e nóto de caminho, que injustamente se dá o titulo de *Epopeia* a este Poèma; porque a perda do Paraíso só podia ser assumpto de huma Tragedia; pois sendo a Epica pela definiçaõ de Aristoteles a imitaçaõ de huma acçaõ illustre, e digna de ser imitada, naõ he digna de se imitar a perda do estado da innocencia, diga, o que disser Monsieur Addisson nas observações, que fez a este Poêma.

Dilatey-me mais, do que quizéra, no juizo desta *Carta*; e ainda naõ posso deixar sem reposta a accusaçaõ, que nos faz o *Anonymo*, de que a mayor parte da eloquencia Hespanhóla, e Portugueza se funda em pensamentos escuros, e em agudezas desconhecidas. Presumo, que naõ tem outro motivo para condenálas, mais que custar-lhe a percebêlas, o que naõ he culpa das obras, mas do pouco uso, ou inadvertencia dos leitores. O *Anonymo* deseja achar tudo claro, e facil á primeira vista, e este genero de composições sempre sayem froxas, e insipidas. Para terem algum gosto os escritos, parece, que

Digitized by Google

ha de trabalhar mais o juizo, do que os olhos. Da novidade he, que procede a admiraçaõ, e da admiraçaõ o gosto. Do cõmum, e do facil naõ se póde deduzir nem admiraçaõ, nem gosto, nem novidade.

Naõ digo, que o conceito seja incoguito, mas quizéra, que o naõ alcançasse logo o rustico, e que o advertido sem muito trabalho o concebesse. Esta he a regra, que nos dá Aristoteles (21) para distinguirmos o estylo humilde do sublime.

Confesso, que os Hespanhóes, e Portuguezes tem hum particular gosto, ou caracter de tratarem a agudeza; porêm este gosto especial de cada Naçaõ naõ deve estar sugeito ao de outras; pois cada qual abundará no seu costume, ou no seu sentido.

Dirá o *Anonymo*, como já disse em outro lugar, que as regras saõ as mesmas em todo o mundo erudito; mas a isto responde Monsieur Voltaire, (22) que os homens tem em todo o paiz hum nariz, dois ólhos, e huma boca, e com tudo as feições, que constituem huma formosura em França, naõ serão aceitas na Turquia, nem huma belleza Turca parecerá bem na China, e o que ha de mais amavel na Asia, e na Europa, será avaliado por hum monstro na Guinéa; e que se a natureza he taõ differente em si mesma, que força pódem fazer as leys geraes das artes,

[21] Jambicus, vulgaris oratio est, sed oportere ampliorem Orationem facere, ac vulgo alienam. Lib. 3. Rhetor. cap. 8.

[22] Essay sur la Poes. Epiq. pag. 290.

Digitized by Google

tes, aonde o coſtume, ou para melhor dizer a inconſtancia, tem tanto dominio.

O grande Bacon de Verulamio na ſua *Philoſophia natural* prova a força, que tem o coſtume com os exemplos do uſo do vinho, e do café, e de outros licôres, que ao principio ſendo pouco agradáveis ao goſto, ſe vem a fazer deleitáveis pela continuaçaõ.

O meſmo, que ſe experimenta nos ſentidos, ſe verifica igualmente nas potencias; e poriſſo póde goſtar huma Naçaõ de hum genero de Eloquencia, de que outras ſe deſagradem.

O Spectateur (23) nos affirma, que ouvira dizer a hum grande génio, e applicado a toda a literatura, que entrando no enfadonho exercicio de examinar em hum cartório vários papeis antigos, viéra a ſentir neſta applicaçaõ hum taõ grande goſto, que a antepuzéra á leitura de Virgilio, e de Cicero.

Os Francezes differem muito de nós, e ainda dos Inglezes, e Italianos no methodo, e no goſto da Eloquencia. O meſmo Voltaire (24) nos adverte, que a exactidaõ Franceza naõ admitte palavra, ou phraſe, que tenha deſculpa; e neſta deſculpa, que damos ás phraſes, e palavras he, que conſiſte huma das partes mais brilhantes da noſſa elegancia.

Antonio de Sóſiz, deſcrevendo hum edificio de Montezuma, que ſe chamava *a Caſa da*

[23] Lib. 4. diſc. 72. [24] No referido Enſayo.

Digitized by Google

da triſteza, profére, *que tinha hum genero de pequenas clarabóyas, que davaõ pezada a luz, ou parmittiaõ ſómente, a que baſtava para ſe ver a eſcuridade.*

Eſta eſpecie de agudeza naõ ſe ſofre em França; mas os Inglezes, taõ amigos, e eſcrupuloſos da propriedade dos termos, a conſentem, e applaudem no *Paraiſo* do ſeu Milton, ſendo eſte Poêma o exemplar do eſtylo ſublîme, o que lhe confeſſaõ todos os Criticos. O Soliz a trasladou de Milton, e eu de ambos na Oitava ſeguinte do meu *Mundo reſtaurado*:

Hum phoſphoro eſpantoſo, e quaſi extinto
Palpita na fatal concavidade,
E parece, que neſte labyrinto
Serve ſó para ver-ſe a eſcuridade:
Aos ſuſpiros do raya, mal diſtinto,
Se revolve a groſſeira denſidade,
E as meſmas refracções da luz informe
Repreſentaõ a ſombra mais enorme.

Porêm ſe os Francezes, naõ obſtante irem a Roma (como nos diz o *Anonymo*) a aprender Arquitéctura, Pintura, Eſcultura, nenhum delles vay a inſtruir-ſe na Eloquencia, bem que ſe préza a Italia de ſer taõ bem a Meſtra deſta arte, e eſtaõ muy ſatisfeitos com a ſingelleza do ſeu eſtylo, qual ha de ſer a razaõ, para que igualmente o naõ eſtejamos com as agudezas do noſſo? Pelo voto do meſmo *Anonymo* naõ ſe pódem chamar elogîos, aos que nos vem de França; pois naõ

Digitized by Google

naõ observaõ nelles as regras, que lhes dá a Rhetorica, e mais nem porisso se vay dizer aos Francezes, que lhes convêm mudar de methodo; e com melhor fundamento naõ se nos deve dizer, que o mudemos; pois nos conformamos mais com os exemplos, e preceitos de Aristoteles.

Os que naõ estaõ costumados ao gosto das agudezas, as accusaõ de violentas, paradoxas, e escuras. Humas o merecem, e outras naõ. Mas os Francezes a todas as agudezas chamaõ *galimatias*, que he o mesmo, que *discurso embaraçado*, ou *confuso*; e o mesmo observaõ alguns dos nossos Portuguezes, que sem arbitrio juraõ em tudo, o que nos vem de França: com tudo este tal *galimatias*, ainda no sentir de muitos Francezes, serve de capa para os homens grosseiros desculparem a sua ignorancia.

PHILOSOPHIA.

SE eu intentasse fazer este papel para mostrar erudiçaõ, ou para provar algum engenho em contradizer, quanto o *Anonymo* produz contra os nossos estudos, pudéra lançar-me agora para a parte dos Peripateticos, e soccorrer a froxidaõ, com que nesta materia se houve o *Irmaõ Arsenio*; porêm este intento he muito alheyo da minha natural sinceridade.

Entra

Digitized by Google

Entra o *Anonymo* a ponderar neſta *Carta*, como ſe perde laſtimoſamente o tempo no noſſo Reyno com o enſino da Philoſophia: as materias inuteis, que ſe eſtudaõ, e defendem: as deſordenadas digreſſoẽs, que fazem os Meſtres nas poſtillas, dando-nos juntamente huma idéa, do que ſe póde chamar Philoſophia; e conſiſtindo eſta ciencia em conhecer as coizas pelas ſuas cauſas, e effeitos, e notando-ſe bem, como ella ſe trata nas eſcólas de Portugal, ſó poderá contradizer eſta evidencia, quem eſtiver preoccupado da meſma barbaridade, com que os Gétas amavaõ a incultura da ſua pátria entre as delicias de Roma.

Todos os modernos tem ponderado, que toda a Philoſophia Heſpanhóla ſe funda em certas vozes, e termos facultativos, que ſeparados das poſtillas, naõ reſulta alguma differença no lente, e no ruſtico para o conhecimento da natureza, o que irey notando em alguns lugares, que ſe forem offerecendo ao pezo da minha *Balança*; pois aqui ſó me compete, para naõ me deſviar da deduçaõ, o reparar, que o *Anonymo* nos diga na Hiſtoria de Philoſophia, que baſtará ao eſtudante, que conheça os Philoſophos da Grecia; quando me parece, que eſte aſſumpto neceſſita de mais alta origem.

A Philoſophia he taõ antiga, como a creaçaõ do mundo; pois ninguem póde duvidar, que Adam foy o primeiro, e o melhor Philoſopho entre os homens, ainda que o naõ

Digitized by Google

naõ quizésse reconhecer assim a vaidade dos Chaldêos, dos Phenicios, e Egypcios, pertendendo cada huma destas Nações ser a inventora desta ciencia.

Principiando pois o *Anonymo* pela seita Jónica, da qual foy Author Thales Milesio, e pela Italica, de que foy fundador Pythagoras, deixa sepultada no esquecimento a dos Egypcios, Phenicios, e Chaldêos, a dos Persas, a dos Gymnosophistas, a dos Libycos, a dos Thraces, e a dos Druidas, de que o estudante naõ perderia nada, se tivésse alguma noticia.

Antes do *Anonymo* entrar na relaçaõ das seitas Gregas, nos adverte, que naõ será necessario, que se saibaõ todas as suas opiniões; mas que ao menos deve saber-se, quando começáraõ, e quaes foraõ as mais famosas. E eu disséra, que seria mais util o saber as principaes opiniões, por onde estas seitas se distinguiaõ, que alcançar a sua origem, por cuja causa tomo a confiança de dizer alguma coiza sobre ellas; porque ás vezes se permitte, que o discipulo amplifique o argumento do Mestre.

As seitas mais distintas, que se fundáraõ na Grecia, e de que faz mençaõ o *Anonymo*, se reduzem á Jónica, á Italica, á Cyrenaica, á Elíaca, á Megarica, á Cynica, á Estoica, á Académica, á Peripatetica, á Eleática, á Pyrrhonica, á Epicurea, e á Eclectica. Tocarey brevissimamente nas principaes opiniões de cada huma.

Digitized by Google

A mayor gloria dos Poêmas de Homéro he dizer-ſe, que Thales fundára a ſeita Jónica na doutrina deſte Poéta. Neſta eſcóla aprendêraõ os Gregos a Geometria, e Aſtrologîa, e allî ſó ſe reconhecia a agoa por unico elemento. Nella ſe explicou a formaçaõ de alguns meteoros, e ſe conhecêraõ os ſolſticios, os equinocios, e os eclypſes. Deſcobrio ſe o curſo da Urſa menor ao redor do pólo, com que os Phenicios adiantáraõ muito a ſua navegaçaõ. Naõ ſó ſe conheciaõ muitos Phenomenos naturaes, mas tambem ſe trabalhava na prática das virtudes; pois Thales coſtumava dizer, que nada havia taõ forte, como a neceſſidade; taõ rápido, como o eſpirito, nem taõ difficil, como o vencer-ſe hum homem a ſi meſmo.

Na ſeita Italica muito ſe podia dizer de Pythagoras, ſe a minha preſſa mo concedeſſe. Foy muito, que elle tivéſſe tantos diſcipulos, ſendo obrigados a ſofrer na ſua eſcóla hum noviciado taõ rigoroſo, como o de guardarem hum inviolavel ſilencio nos cinco primeiros annos. Naõ ſó affectou eſte Philoſopho tanto myſterio nas ſuas lições, mas tambem nos ſeus eſcritos; pois deixando-os a huma ſua filha, lhe poz o preceito de os naõ fazer cõmunicáveis. Nos ſeus famoſos Symbolos ſe obſervou o meſmo ſegredo, eſpecialmente no da *abſtinencia das favas*, que deo tanto, que entender á antiguidade.

A metempſicoſe, ou tranſmigraçaõ das almas, he das ſuas mais célebres opiniões: muitos

Digitized by Google

muitos querem, que ella pertença ao numero dos Symbolos, reputando a por huma profunda allegoria.

Foy eſte o Philoſopho, que melhor ſe empregou na Phyſica. Reconheceo, que havia antipodas, e que a terra era redonda. Deſcobrio a obliquidade do Zodiaco: alcançou, que a Lua recebia a claridade do Sol: que o Iris he huma refracçaõ da luz; e que Lucifer, e Veſper ſaõ a meſma eſtrella: eſtes conhecimentos o fizeraõ cahir na jactancia, de que percebia a harmonia, que faziaõ os Orbes com as ſuas revoluções.

A ſeita Cyrenaica, fundada por Ariſtippo, diſcipulo de Sócrates, deſviando-ſe da ſua origem, a foy de todas as impiedades dos homens. Sócrates converteo os barbaros em ſabios, e politicos: Ariſtippo começou a mudar os Philoſophos em brutos, pondo toda a felicidade humana nos deleites corpóreos.

Fez tambem pouco caſo da Phyſica, tendo-a por huma ciencia cheya de duvidas, e que naõ tinha alguma utilidade para a vida. Succedeo-lhe huma ſua filha na eſcóla, e ao depois ſe dividio eſta ſeita em tres partidos, pelas diverſas opiniões de Hegeſias, Anniceres, e Theodoro. A humas, e outras olhaõ os ſabios com deſprezo, e baſtava ſeguilas para ſe perder o crédito.

Na ſeita Eliaca, ou Erétrica, fundada por Phedon (hum eſcravo) que comprou Alcibiades por recómendaçaõ de Sócrates, a

Digitized by Google

quem deo ao depois a liberdade) pouco, ou nada ſe ſabe das ſuas opiniões; mas ſendo taõ amigo de Platão, que eſte intitulou com o nome deſte eſcravo o ſeu *Tratado da immortalidade da alma*, e taõ parcial da doutrina de Sócrates, que ſempre o reputou por Meſtre, bem ſe póde inferir, que das opiniões deſtes dous Philoſophos he, que compoz a ſua eſcóla.

A ſeita Megárica, fundada por Euclides, outro diſcipulo de Sócrates, empregou todo o ſeu eſtudo nos ſophiſmas, coiza bem alheya do eſpirito de ſeu Meſtre. Daqui he, que principiáraõ os Dialecticos a enredar os argumentos, e a cativar os diſcurſos com a falſidade engenhoſa dos ſyllogiſmos.

A ſeita Cynica, fundada por Anthiſtenes, defendia, que ſendo bom tudo, o que era influído pela natureza, que ninguem devia ter pejo de executar qualquer aeçaõ em publico, que a natureza lhe influiſſe. Deo-ſe a eſta ſeita o appellido de *deſaforada*, e della foy Diogenes o mais famoſo diſcipulo.

A ſeita Eſtoica, fundada por Zenon, ſe conformou em muita parte com a Cynica. Conſtituío ſe toda dogmatica, procurando meyos para decidir todas as duvidas, e por eſta cauſa ſe fez a mayor emula do Pyrrhoniſmo.

Da ſeita Platonica, e Peripatetica, ainda que ſe pudéra dizer muito, diz o *Anonymo*, o que baſta neſte lugar.

Da

Digitized by Google

Da ſeita Eleática nos adverte, que huns a attribuem a Xenocrates; outros a Democrito. Eu acho nos Eſcritores, que Xenophanes, e naõ Xenocrates, fora o ſeu fundador. Xenocrates foy ſucceſſor da eſcóla de Speuſippo, e ſeguio nella a Philoſophia de Platão, miſturando algumas opiniões de Ariſtoreles: Xenophanes apartou-ſe da ſeita Jónica, e Italica, e ainda que ſeguio em parte a Pythagorica, em muitas opiniões ſe ſeparou da ſua doutrina.

A ſeita Pyrrhonica, fundada por Pyrrhon, foy bem differente do conceito, que outros fizéraõ della. Os inimigos deſte Philoſopho lhe attribuîraõ huma univerſal indifferença a todo o conhecimento, que coſtumaõ dar os ſentidos, e o eſpirito, e levantáraõ lhe, que elle enſinava, que naõ havia coiza alguma, que foſſe evidente, duvidando até do tempo, em que ſe velava, ou ſe dormia, e da exiſtencia, e vida do meſmo homem. Porêm ſe elle eſtivéſſe perſuadido deſta viciosa imaginaçaõ, eſtaria em hum continuo perigo; e prova o contrario a duraçaõ, que teve de noventa annos. Os que diſcorrem melhor de Pyrrhon, pertendem, que eſta ſua indifferença era ſó para as opiniões Philoſophicas, querendo-ſe apartar da facilidade dos Dogmaticos, que intentavaõ reduzir tudo a demonſtraçaõ com os ſeus argumentos. Com tudo ſahio do conceito, que ſe fez deſta ſeita aquelle rigoroſo, e inſenſato Pyrrhoniſmo, que ſe eſtendeo

Digitized by Google

deo ás verdades da Religiáõ; e ſe ha algum Atheiſta no mundo, daqui he, que tira os delirios da ſua miſeravel fantaſia.

A ſeita Epicurea, fundada por Epicureo, quizéraõ alguns confundir com a Cyrenaica, imaginando, que eſte Philoſopho conſtituîra tambem toda a noſſa felicidade na ſatisfaçaõ dos appetites; porêm os louvores, que elle recebe de Seneca, de Diogenes, Laercio, e eſpecialmente de S. Jeronymo, e a Apologia, que lhe fez o memoravel Pedro Gaſſendo, lhes reſtituem a ſua devîda opiniaõ. Neſta eſcóla ſe enſinou a Phyſica, a Aſtronomia, e a Philoſophia moral, e ſe dava pouca eſtimaçaõ á Dialectica, e Rhetorica.

Da ſeita Eclectica foy fundador Potamon, e ſe reputa pela melhor de todas as ſeitas, por ſer hum compendio de tudo, o que havia bom, e eſcolhido na mayor parte das outras. Eiſaqui o methodo, que devêraõ ſeguir todos os Philoſophos. Se os modernos ſe naõ diſtanciaſſem deſte exemplo, nem a Heſpanha nos gritaria tanto com Ariſtoteles, nem França com Deſcartes, e Gaſſendo, nem Italia com Galilêo, nem Inglaterra com Nevvton.

Para aqui he, que eu quizéra hum ſeſudo Pyrrhoniſmo, desfazendo-nos das preoccupaçóes da eſcóla, e ſeguindo o mais veroſimil, e provavel, e eſcolhendo entre os Philoſophos, os que ſe applicáraõ a inquirir a verdade com hum deſejo ſincéro, e hum maduro juizo.

Todas

Digitized by Google

Todas eſtas ſeitas tomáraõ o nome dos ſeus fundadores, ou dos lugares, em que ſe inſtituîraõ, e ſeria melhor, que o tomaſſem dos ſyſtemas, que as differençáraõ. Com o tempo ſe foraõ perdendo de viſta, e ſó ficou o Peripatetico, até que foy expulſada pelos modernos, de que faz menção o *Anonymo*, e apenas ſe conſerva na Heſpanha; pois nas outras Provincias já ſe ouve com faſtio o nome dos Ariſtotelicos, e com applauſo o dos Carteſianos, Gaſſendiſtas, &c.

Em Portugal ainda ſe tem por culpa grave o deſviar-ſe algum Philoſopho da doutrina de Ariſtoteles; (1) poriſſo o *Irmaõ Arſenio* ſe eſcandaliza tanto, de que o *Anonymo* o trate ſem hum profundo reſpeito, e o que mais o magôa, he negar-lhe as fórmas ſubſtanciaes, e accidentaes. Aqui ſe conhece a grande força das preoccupações da eſcóla, e eſte he o defeito tranſcendente de todos os noſſos eſtudos: eu, que me tenho conſtituîdo na mayor indifferença das opiniões, nem me faz novidade a das fórmas ſubſtanciaes, e accidentaes, nem a de ſerem indiſtintas da materia; porque tudo ſe defende, e ſe ſuſtenta com bons, ou máos diſcurſos, ſem nunca ſe poder encontrar a evidencia. O que para mim he novo, he o querer-nos provar o *Irmaõ Arſenio* a verdade das fórmas Peripateticas, com que a alma he fórma ſubſtancial do corpo; porque a Philoſophia moderna naõ falla

(1) Piaculum erat aſſerere quidquam, quod non ante aſſeruiſſet Ariſtoteles. Auctor. Obſerv. ſelect.

Digitized by Google

falla de huma fórma eſpiritual, mas ſim das fórmas materiaes; e he digno de mayor eſtranheza o querer-nos provar eſtas com o cap. 8. do Apocalypſe, aonde ſe faz menção, que os peixes tem alma, devendo ſaber o noſſo bom *Irmaõ*, que tambem no cap. 38. de Job ſe diz, que o gallo tem intelligencia, e quizéra, que elle uſaſſe melhor dos lugares da Eſcritura. Para as fórmas accidentaes nos traz a graça ſantificante, actos da vontade, e entendimento, habitos infuſos da Fé, &c. e accreſcenta, que ſe naõ podem negar *ſalva Fide*. Nenhum Carteſiano, ou Gaſſendiſta Catholico nega eſſes habitos infuſos, eſſa graça, &c. o que ſómente nega he, que ſejaõ fórmas accidentaes no ſentido Ariſtotelico. Quando a Igreja diſſer, que o ſaõ, o confeſſaremos, e em quanto o naõ diz, podemos negálas, deixando a Fé muito a ſeu ſalvo. Pois que ſaõ eſtes habitos, eſtes actos, eſta graça? pergunta o *Irmaõ Arſenio*. Eu naõ tenho tempo para lho dizer, e aſſim o remetto para a *Philoſophia Sacra* do Padre Maignan.

Tomey a confiança de accreſcentar eſtas duas palavras á Apologia do *Anonymo*, por me parecer, que baſtariaõ para deter os clamores deſte noſſo *Irmaõ*: quando chegarmos á Theologia, póde ſer, que diga mais alguma coiza; e aqui ſó me reſta confeſſar, que tudo, o que o *Anonymo* nos pondéra, nos influe, e nos adverte ſobre o máo uſo da Logica, e o methodo, que nella nos dá

para

Digitized by Google

para aproveitarmos o tempo, deve ſer muito applaudido, e óxalá, que fora exercitado.

A Logica he huma arte cientifica, que enſina a definir, dividir, diſtinguir, argumentar, e a differençar o verdadeiro do falſo. Para ſe conſeguir eſta maravilhoſa empreza, em que obraõ todas as operaçoẽs do entendimento, parece, que he preciſa huma plena noticia de tudo, o de que ſe compoem o Univerſo.

Nas dez Categorîas, que ſe attribuem a Ariſtoteles, ſendo inventadas por Achytas Tarentino, he que fundaõ os Peripateticos eſte circular conhecimento. Eſtas dez claſſes, a que elles dizem ſe reduzem todas as coizas, ſaõ: *ſubſtancia*, *quantidade*, *qualidade*, *relaçaõ*, *açaõ*, *paixaõ*, *lugar*, *tempo*, *ſituaçaõ*, *habito*.

Porêm eſtes predicamentos, de que fazem tanto myſterio as noſſas eſcólas, he hum diſcurſo arbitrario dado por hum homem, que por nenhum titulo tinha authoridade para inſtituîlo, nem para offerecêlo por regra infallivel de termos univerſaes, de que ſe póde tirar todo o genero de noçoẽs; poîs os modernos, diſcorrendo por outro modo, reduzem eſtas dez Categorîas a ſete, comprehendidas neſte diſthico:

Mens, menſura, quies, motus poſitura, figura
Sunt cum materia cunctarum exordia rerum.

E dizem tambem, que com ellas pódem dar razaõ de tudo, o que ſe inclúe na natureza.

Digitized by Google

Na palavra *Mens* conecebem o eſpirito, ou huma ſubſtancia, que cogita: na *materia* huma ſubſtancia extenſa: na *menſura* o tamanho de cada huma das partes da materia: na *poſitura* a ſituaçaõ reſpectiva de humas, e outras coizas: na *figura*, a que tem cada huma deſſas meſmas coizas: no *motus* o ſeu movimento: no *quies* a ſua quietaçaõ.

Mas ſendo o fim da Logica o conduzir a razaõ ao verdadeiro conhecimento de todas as coizas, parece, que nenhumas deſtas claſſes nos ſerve para eſte intento; porque o ſeu eſtudo fará coſtumar os homens a ſe ſatisfazerem de vozes arbitrarias, que naõ pódem dar alguma idéa clara, e diſtinta, ſenaõ que eſta diſtinçaõ, e clareza das idéas he o unico meyo, com que ſe pódem conſeguir as artes, e as ciencias, e aſſim o melhor modo de formar hum bom juizo, que deve ſer todo o empenho da Logica, he recorrer ás reflexões, que devemos fazer ſobre as quatro principaes operações do entendimento, que ſaõ: *conceber*, *julgar*, *diſcorrer*, e *ordenar*.

Chamo *conceber*, ao que inſtantaneamente ſe nos repreſenta, ſem paſſarmos daqui a hum juizo expreſſo, e ao módo, com que nos he repreſentado, he que dou o nome de *idéa*.

Chamo *julgar*, quando ajuntamos diverſas idéas, e affirmamos, ou negamos de humas, o que eſtá, ou naõ eſtá nas outras.

Cha-

Digitized by Google

Chamo *discorrer*, quando formamos hum juizo de outros muitos.

Chamo *ordenar*, quando formamos de hum mesmo sugeito diversos juizos, e discursos, e o dispomos por modo, que o damos melhor a conhecer. E a isto he, que tambem se chama *methodo*. E como no methodo dos estudos he, que só se emprega a minha *Balança*, devo deixar as tres primeiras operações do entendimento, que dependem de mayor extensaõ, e dizer com o *Anonymo*, e com a brevidade, que sigo, que a falta deste *methodo* he dos mayores defeitos da nossa *Logica*.

Falta o *methodo* na primeira operaçaõ do entendimento; porque se pertende conceber muitas coizas, de que naõ póde haver alguma idéa; como por exemplo, o ente da razaõ. Falta o *methodo* no julgar; porque sendo a sua verdadeira regra a de conhecer primeiro, o que se julga, quantas coizas se julgaõ na escóla, que se naõ conhecem? Eu naõ quizéra para aqui outro exemplo mais, que a mesma consciencia dos Mestres: ainda das coizas mais conhecidas, como, por exemplo, o *homem*, se julga taõ impropriamente, como se vê na definiçaõ de *animal racional*. Dizer, que esta definiçaõ naõ he propria, será das mayores blasphemias, que se digaõ aos Peripateticos; mas nenhum Philosopho ignora, que para ser boa huma definiçaõ, deve ser mais clara, que a coiza definida. Deve constar de genero pro-

Digitized by Google

ximo, e de ultima differença, e naõ deve ter nada ſuperfluo.

E a definiçaõ de *animal racional* he muito mais eſcura, que a meſma coiza, que ſe define; porque ſe naõ póde julgar com ella, que o homem he huma coiza vivente; que entende, e imagina; que quer, e naõ quer; e que anda de huma para outra parte, ſegundo lhe dá na vontade.

O *animal* tambem naõ he o ſeu genero proximo, nem o *racional* a ſua ultima differença; porque o homem mais convêm em genero com os Anjos, que com os brutos, e naõ póde haver differença ultima, aonde ha taõ proxima ſemelhança. Se eſta definiçaõ naõ tem nada de ſuperfluo, he innegavel, que tem muito de diminuta; pois conſtituindo ſe o ſer de homem na uniaõ, que tem a alma com o corpo, fica ſendo tambem eſſencial a uniaõ na definiçaõ do homem.

Falta o *methodo* no diſcorrer pelo muito, que inutilmente ſe diſcorre em buſca da verdade; como, por exemplo, no grande apparato, e continuas ſubtilezas, que os Dialecticos inventaõ na ordem dos ſyllogiſmos, podendo todos reduzir-ſe á regra, de que a concluſaõ ſeja contida em huma das premiſſas, e que a outra premiſſa moſtre, que ella he manifeſtamente contida, eſcuſando-ſe por eſte caminho as famoſas figuras de *Barbara*, *Celarent*, &c. que cuſtando tanto a comprehender, ſervem de taõ pouco na acçaõ do argumento.

Falta

Digitized by Google

Falta o *methodo* no ordenar; porque ſe ventîla huma immenſidade de queſtões, que naõ tem alguma utilidade, nem para a ſabedoria, nem para os coſtumes; pois ſe fundaõ em objectos muy ſuperiores ao noſſo entendimento, e por mais, que nellas ſe trabalhe, mais diſtantes ficaõ da noſſa comprehenſaõ, como por exemplo, em tudo, o que ſe queſtiona da Omnipotencia, da Eternidade, do Infinito, &c.

E neſta conta devem entrar aquellas, de que naõ temos idéas claras, e diſtintas e que ſaõ vagas, e abſtractas, e apartadas de principios conhecidos, de que eſtaõ cheyas as noſſas eſcólas, preſumindo os Meſtres, que ſublimaõ com ellas o ſeu entendimento; ſendo certo, que he a mayor ignorancia o intentar conhecer, o que ſe naõ póde alcançar, e que

---- *Neſcire quædam magna pars ſapientiæ.*

METAPHYSICA.

PRova muito bem o *Anonymo* neſta *Carta*, que a Metaphyſica foy ſeparada das outras partes da Philoſophia, fazendo-ſe della ſem alguma razaõ hum Tratado particular; pois tudo, o que ſe póde chamar Metaphyſica, ou pertence á Logica, ou á Phyſica. Mas ou ſeja ſem diviſaõ, como obſervaõ os Peripateticos, ou dividindo a em Metaphy-

Digitized by Google

Metaphyſica real, e intencional, como fazem os modernos, naõ ha Metaphyſica real, que naõ pertença á Phyſica, nem intencional, que naõ pertença á Logica.

O ente em cómum (como diſcorre o *Anonymo*) naõ tem differença de huns puros univerſaes, que eu quizéra ver deſterrados da Philoſophia, pelo modo, com que ſe explicaõ nas noſſas eſcólas: *Univerſal à parte rei. In eſſendo, aut prædicando*, he huma coiza, que naõ ſerve de mais, que para perverter, e confundir o diſcurſo dos pobres rapazes.

(1) A natureza humana ſó ſe póde dizer univerſal de algum modo, pela ſemelhança dos individuos, de que ſe compoem; eſta palavra *natureza* he hum termo abſtracto, que naõ tem exiſtencja, nem realidade alguma, e ſó ſe póde applicar a muitas coizas entre ſi ſemelhantes; e á natureza humana, que chamamos *Natura, ut ſic*, fóra do conceito, he huma quyméra.

Dizer, que quando concebemos *homem*, naõ concebemos mais, que todos os homens em cómum, ou que naõ diſtinguimos, ſe he Pedro, Paulo, ou Diogo, e que por eſta razaõ concebemos huma coiza univerſal, he huma ſubtileza bem deſneceſſaria para a firmeza dos conceitos; pois a idéa, que eu fórmo de homem, he inſeparavel de qualquer individuo racional, e ſenſitivo, que com

(1) Manoel de Azevedo Fortes, Log. Racion pag. 145. no Appendic. da prim. P.

Digitized by Google

com eſta palavra ſe me repreſenta; pois por mais, que a pertenda ſeparar o meu diſcurſo, eſtá de tal ſorte unîdo á ſingularidade, que ainda que finjaõ o contrario os Peripateticos com as ſuas preciſões intrinſecas, ou extrinſecas, ſe quizérem proceder de boa fé, haõ de confeſſar, que nunca pudéraõ conceber a idéa de *homem*, ſem juntamente conceberem a ſua differença individuante; e ſuppoſto, que ſe me nomeia hum homem, que eu naõ conheça, inſtantaneamente concebo, que eſſe homem ha de ter, ou Pauleidade, ou Petreidade, &c.

Póde-ſe admittir algum univerſal *in repræſentando*, *aut ſignificando*; mas eſtes univerſaes ſervem mais para a Rhetorica, que para a Philoſophia.

Hum Ariſtotelico, quando ouve ſemelhantes diſcurſos, tem o homem, que o faz, por hum inſenſato; porêm o que attende mais a achar a verdade, que as ſubtilezas, ſe eſtá rindo deſte conceito.

Na diverſidade do ente (como o *Anonymo* obſerva) ha outro labyrinto naõ menos prejudicial ao bom juizo, que devemos formar das coizas: para que he enredar tanto a idéa da unidade, da verdade, da bondade? &c. O bom conhece-ſe pela carencia do máo: a verdade pela carencia do engano, ou da mentira: a unidade pela carencia dos numeros.

Diraõ, que ſe naõ devem conhecer as coizas pela ſua privaçaõ, ſenaõ pela ſua exiſten-

Digitized by Google

exiſtencia; mas o Evangeliſta S. Joaõ, (2) nos dá a conhecer a gloria por aquelle meſmo methodo, quando diſſe: *Et ego Joannes vidi ſanctam civitatem.....; & mors ultra non erit, neque luctus, neque clamor, neque dolor erit ultra.*

Que ſerventia tem o diſputar em tantos cadernos, ſe Deos póde, ou naõ póde fazer ente da razaõ? Que utilidade tudo o mais, que ſe ventila ſobre o Ente Divino, e creado: ſobre a poſſibilidade, actualidade, ſer potencial, eſſencias ab æterno? &c. Mas eu vou a dizer o meſmo, que o *Anonymo* nos tem ponderado, e para evitar eſta redundancia, paſſo para a *Carta* da

PHYSICA.

AInda que cayaõ ſobre mim todos os Collegios do noſſo Reyno, nunca deixarey de condenar o abuſo, que nelles ſe tem introduzido com o eſtudo da Phyſica, e de dizer com o *Anonymo*, que tudo ſe trata em cómum, ſem ſe deſcer para os particulares objectos deſta ciencia, que ſegundo a etymologia Grega, comprehende o ſeu nome todo o conhecimento palpavel da natureza; e aſſim ſe deve averiguar nella com toda a diſtinçaõ os principios das cauſas, e effeitos naturaes: as leys do movimento,

(2) Apocalyp. cap. 21. v. 4.

Digitized by Google

to, e a quietaçaõ: o lugar, o vazio, o tempo, os Phenomenos celeſtes, e terrenos, &c. e tudo iſto ſe eſtreita nas eſcólas Portuguezas á generalidade da Materia, Fórma, Privaçaõ, &c.

O meſmo P. Feijó, que ſe naõ póde apartar do Peripato, eſtranha, que quando ſe trata, como por exemplo, do compoſto natural, ſeja com hum diſcurſo taõ generaliſſimo, que nunca chega a paſſar o Ariſtotelico naõ ſó para o homem, para o cavallo, ou para a águia, que ſaõ eſpecies infimas, mas nem ainda para a razaõ cõmua de animal, que ſe reputa por genero, ou eſpecie ſubalterna.

Que coiza mais imperceptivel, que a Materia prima dos noſſos Philoſophos? Ella, ſegundo a definiçaõ de Ariſtoteles, (1) he hum *neque quid, neque quale, neque quantum, neque aliquid eorum, quibus ſit ens determinatum.*

Póde haver melhor definiçaõ do nada? A fórma Peripatetica he outro traſgo Philoſophico: he huma coiza, que naõ he corpórea; pois naõ he impenetravel, nem he materia; e naõ he tambem incorpórea, porque naõ he eſpirito.

A infinita diviſibilidade do continuo he outra contradiçaõ da Philoſophia Ariſtotelica. Quem ſe ha de capacitar, que hum graõzinho de moſtarda ſe poſſa eſtar dividindo ſempre, e ſempre por toda a eternidade,

[1] Lib. 7. Metaphyſ. cap. 3.

Digitized by Google

e que com as partes deſta inintelligivel repartiçaõ ſe poſſa encher naõ ſó hum, mas muitos mundos? O ſer iſto ou em acto, ou em potencia, naõ diminúe a difficuldade; pois com a diſtinçaõ do *potentialiter* ſe concebe ſempre, que o meſmo graõzinho inclúe em ſi partes infinitamente diviſiveis; e ſe houver hum Anjo, que reduza eſta potencia a acto, ficará ſem alguma força o recurſo da diſtinçaõ, o que ſe naõ póde acreditar, nem comprehender, nem ſey, como ha juizo, que a tal ſe capacite, e he neceſſario, que para iſſo eſteja mais que allucinado com as preoccupações da eſcóla.

E fatigando ſe tanto os noſſos Philoſophos no eſtudo de ſubtilezas taõ couſuſas, e inuteis, he de admirar, que pelo que reſpeita ao conhecimento da natureza, que he o objecto eſſencial da Phyſica, quaõ deſcanſada, e pobre he a ſua Philoſophia! Pois ſe lhe perguntarmos, qual he a razaõ, porque creſce o homem, o bruto, e a planta? diz hum Author moderno, e de penetrante juizo, que elles naõ diraõ mais, do que creſce; porque tem huma faculdade augmentativa; e da meſma ſorte, que o que ſe coze, he pela faculdade coctiva: o que ſe expélle, pela faculdade expulſiva: o que ſe retêm, pela faculdade retentiva: o que ſe nutre, pela faculdade nutritiva, &c.

Aqui entenderá o Peripatetico, que eu ſou hum rigoroſo, e inflexivel ſectario dos ſyſtemas modernos; porêm eu já lhe tenho

nho affirmado, que naõ ha pessoa, que nestas materias faça melhor o officio de Palemon. Reconheço, que ainda que estes systemas sejaõ mais claros, e conducentes para se averiguarem os Phenomenos naturaes, com tudo naõ deixaõ de ter suas confusoẽs, e inintelligencias.

A Materia prima dos Cartesianos saõ aquelles córpos, de que procede a materia subtil, a globulosa, e a estriada dos seus tres elementos; mas chamar elementos a estas tres materias, sem reparar na implicancia, de que naõ pódem ser verdadeiros principios, o que precisamente deve deduzir-se de outra origem pelo mesmo sentido de Descartes, he outro enredo igual ao dos Aristotelicos. Deixo as contradições da fábrica do seu *novo mundo*, pelas terem batido com felicidade outras pennas mais bem aparadas, do que a minha.

Os Gassendistas, que poem a sua materia prima nos átomos, discorrem, que sendo taõ limitadas as forças da natureza, he evidente, que ella páre em alguma parte da divisaõ, que os Peripateticos suppoem no *continuo*, ainda que páre com a mesma divisaõ em alguns minutissimos corpusculos, e assim os consideraõ absolutos, e indivisiveis.

Porêm ou estes corpusculos saõ figuráveis, ou naõ: se tem figura, haõ de ter extensaõ: tendo extensaõ, haõ de ser compóstos de algumas partes: tendo partes, haõ de ser divisiveis; e ainda que respondaõ, que

Digitized by Google

eſtes corpuſculos ſaõ abſolutamente ſimplices, neſta meſma ſimplicidade ha, ou naõ ha extenſaõ: ſe a naõ ha, ſaõ nada: ſe a ha, naõ he poſſivel conceber-ſe, de que modo ſejaõ ſimplices.

Naõ deixa de padecer tambem baſtantes difficuldades tudo, o que dizem os modernos ſobre a eſſencia, e exiſtencia dos córpos: ſobre o ſeu tamanho, figura, e ſitio: ſobre a quietaçaõ, e leys do movimento: ſobre o que ſe diſcorre da luz, da côr, do cheiro, do calor, frialdade, humidade, fluxibilidade, ſecura, firmeza, raridade, denſidade, liſura, aſpereza, dureza, brandura, tranſparencia, opacacidade, diutibilidade, fogo, ar, terra, agoa, em que a minha preſſa me naõ concede as meſmas reflexões. Cuido, que ſatisfaço com dizer, que quaſi tudo he diſputavel, verificando-ſe o texto: *Mundum tradidit diſputationi eorum.*

Mas tambem eſtou obrigado a advertir, que das diſputas, com que melhor ſe pódem alcançar os ſegredos da natureza, naõ ſe faz caſo nas noſſas eſcólas, e poriſſo lhes parece huma coiza inaudita, que ſe diga: Que a Arithmetica, a Algebra, e a Geometria ſaõ neceſſarias na Phyſica. Fingemſe-lhe eſtas tres vozes, como tres fantaſmas, que lhes apparecem em ſonhos para lhes inquietarem o deſcanſo, com que enſinaõ os diſcipulos, e provaõ com eſte aſſombro, que naõ ſaõ Ariſtotelicos; pois ouvindo Ariſtoteles a Platão por

(1) Eccleſiaſtes cap. 3. v. 11.

Digitized by Google

por mais de vinte annos, era preciso, que fosse Geometra; pois na porta da Academia estavaõ escritas estas palavras: *Nemo Geometriæ expers huc ingrediatur.*

Porêm todos os defeitos, com que se ensina a Philosophia em Portugal, naõ me atrevo eu a imputálos aos nossos Mestres; porque naõ está no seu arbitrio o evitálos, antes se lhes faz necessario o proseguîlos. Aqui naõ ha outra Theologia mais, que a Escolastica, e para fundamento della tambem naõ póde haver outra Philosophia mais, que a Peripatetica; pois estabelecendo nella Santo Thomás o corpo Theologico, quem houver de ser Theologo no nosso Reyno, naõ tem mais remedio, que estudar esta Philosophia de Aristoteles.

Naõ desconheço, que ha Theologia fundada em outro systema, como he a do P. Maignan, e a do P. Saguens; mas a continuar-se o estudo da Theologia Escolastica, antes quizéra fiar o léme do Doutor Angelico, que destes dois famosos Minimos. Vejo tambem, que esta Theologia serve hoje de bem pouco á Religiaõ Catholica; porque já naõ persiste a causa, que teve o Santo Doutor para compôla, (que direy, quando chegar ao juizo da Theologia) e que só póde ser util a Dogmatica, que he, a que hoje se estuda nas Universidades mais advertidas; mas assim como o *Anonymo* favorece á Naçaõ, em lhe ensinar o methodo, com que se ha de applicar á Philosophia, lhe ficariamos ainda

mais

mais agradecidos, se nos promovesse algum arbitrio, para que as nossas Universidades desterrassem o abuso das ciencias.

Como pertence a este lugar a famosa questaõ: Se os brutos tem discurso; (em que assentaõ muitos dos modernos) ou: Se naõ tem sensaçaõ; (como disse Descartes, e antes delle hum certo Medico de Medina del Campo, chamado Gomes Pereira) ou: Se tem *instinto*; (palavra, de que usaõ os Peripateticos, e que nada significa) naõ posso passar adiante, sem reparar na desesperaçaõ, com que as nossas escólas recebem este conceito Cartesiano.

Os brutos cómem, dórmem, sonhaõ, andaõ, vêm, ouvem, e gritaõ: os brutos em patentes, e repetidas acções nos mostraõ todos os finaes de industria, cautéla, vergonha, alegria, resentimento; pois como póde haver discurso táõ insensato, (exclamaõ os Peripateticos) que seriamente affirme, que os brutos naõ apprehendem, naõ concébem, naõ sentem?

Mas qual seria o bruto, que declarasse a algum destes Philosophos, que todas estas funções, que lhes parecem sensitivas, procedem dos mesmos principios, com que as faz o homem?

A mayor prova, que se nos póde dar para a sensaçaõ dos brutos, he a da imitaçaõ, que elles fazem das nossas operações sensitivas. Fogem do nocivo, procuraõ o deleitavel, gritaõ com a dor, acautélaõ-se do perigo,

Digitized by Google

rigo, vêm, ouvem, cheiraõ, góſtaõ, apalpaõ, e parece, que tudo iſto fazem da meſma ſorte, que nós o fazemos; e como ſaõ os effeitos identicos, daqui inferîmos, que o ſeraõ as cauſas.

Mas ainda que ſe aperte o argumento com toda a força da paridade, nunca podemos tirar outra evidencia, que a que nos póde dar a ſemelhança, em que póde haver pouca ſeguridade, e muito engano.

Quanto mais, que o bruto tanto ſe aſſemelha ao homem com as funções ſenſitivas, como com as diſcurſivas; pois conſta de muitos exemplos, que eu ſupponho ſabidos, que o bruto imita pontualmente o diſcurſo humano, formando em varias occaſiões, ao noſſo parecer, hum perfeito ſyllogiſmo.

Diz o Ariſtotelico, que iſto he *inſtinto*; porêm eſta voz naõ tem ſignificado, e he hum valhacoito da eſcóla para ſahir do aperto; pois ou ſignifica puramente huma faculdade ſenſitiva, ou alguma coiza mais. Se ſó a faculdade ſenſitiva, he deſneceſſario recorrer a ſemelhante vocábulo: ſe mais alguma coiza, ha de ſignificar faculdade diſcurſiva; porque entre huma, e outra faculdade ainda naõ tem admittido meyo a Peripatetica.

Havendo pois no bruto muitos actos, que parecem diſcurſivos, ou, ao menos, mais que de ſenſaçaõ, nunca a eſcóla nos confeſſará, que o bruto tem diſcurſo, ainda que lho perſuada com toda a poſſivel demonſtraçaõ o argumento da ſemelhança; e ſe para

ſe

Digitized by Google

ſe para ſe conceder o diſcurſo ao bruto naõ baſta eſte argumento, qual ha de ſer a razaõ, de que baſte o meſmo argumento para ſe lhe conceder a ſenſaçaõ?

Se o meſmo argumento me engana com as ſuas operações diſcurſivas; porque naõ me poderá enganar com as ſenſitivas? Entre os noſſos Philoſophos parece ridicula a queſtaõ, ſe os brutos ſaõ automatos, ou ſenſitivos; e ella vay parecendo das mais ſérias da Philoſophia. Se perguntarmos a hum Ariſtotelico: Que idéa fórma do eſpirito: para reſponder com acerto, nos dirá, que por eſpirito concebe hum ente cogitante, intelligente, immortal, e indiviſivel. E ſe lhe pedirmos, que nos diga, que idéa fórma de tudo, o que chamamos materia, ou corpo, deve dizer, que he outro ente extenſo, impenetravel, figuravel, e diviſivel.

Depois de nos declarar eſtas duas idéas, dirá tambem, que o homem he intelligente; porque tem huma alma eſpiritual; e que o bruto he ſenſitivo; porque tem huma alma material.

Porêm alma material he coiza, que eu nunca pude comprehender.

A idéa clara, que eu concebo da alma, exclúe todo o genero de materia, ou de materialidade; pois ainda que eſſa alma, que ſe pertende dar aos brutos, ſe contenha na mais infima qualidade de alma, todas as vezes que proceder da materia, já naõ póde ſer ſenſitiva.

Eu

Digitized by Google

Eu convido aos mais engenhoſos Peripateticos, para que ſublimem, purifiquem, ratifiquem, e reduzaõ ao ultimo gráo da attenuaçaõ hum ente material, e veremos ſe no fim de taõ maravilhoſas operações concebem alguma eſperança de lhe darem o mais leve ſentimento.

Diraõ, que, o que naõ póde fazer a Hermetica humana, que o faria a Divina. Se recorrem a eſta ſahida, tambem ſe póde reſponder, que tanto cuſtaria á Omnipotencia o dar ſenſibilidade á materia, como fazer automatos os brutos.

Tudo, o que tenho dito, he o que me parece mais claro, e efficaz neſta queſtaõ, na qual ſe eu me quero guiar pelo coſtume, ou para melhor dizer, pela preoccupaçaõ, com que os meus ſentidos me propoem as funções dos brutos, naõ me poſſo capacitar, a que elles deixem de ſer ſenſitivos; porêm ſe advirto, que huma ſubſtancia corpórea nunca póde produzir a ſenſaçaõ, naõ para comprehender, como elles deixaõ de ſer automatos.

Eſta diſputa ſe podia reduzir á maxima, de que os brutos ou naõ tinhaõ ſenſaçaõ, ou, a têla, que tinhaõ tambem diſcurſo; e naõ pareça ao *Irmaõ Arſenio*, que ſe diz alguma hereſia; pois ſe acaſo elles ſentem, he muy provavel, que diſcorraõ; porque o meſmo argumento, que lhes prova a ſenſaçaõ, lhes prova igualmente o diſcurſo. Arnobio com ſeu diſcipulo Lactancio ſeguiraõ

raõ eſta opiniaõ, e he bem ſabido, o que diſſe Jeronymo Rorario, Nuncio do Papa Clemente VII. na Corte de Hungria; pois naõ ſó affirmou, que os brutos tinhaõ diſcurſo, mas que havia alguns, que diſcorriaõ melhor, que os homens.

Na Apologia do *Anonymo* pag. 21. diz eſte ao *Irmaõ Arſenio*, que ſe negarmos; que a alma dos brutos he eſpiritual de huma ordem inferior á noſſa, e ſem jus á Bemaventurança, que lá vay pelos áres a melhor prova de moſtrar aos Atheos, e Deiſtas a eſpiritualidade da noſſa alma; porque ſe a materia raciocîna nos brutos, como ſe convencerá, que naõ raciocîna em nós?

Porêm eſte argumento prova demaziadamente, e pódem daqui inferir os Deiſtas, e Atheos, que ſe a alma dos brutos tem eſpiritualidade, naõ ſó deve ter racionalidade, mas immortalidade. E naõ baſta a diſtinçaõ, que o *Anonymo* lhe poem; de que he de huma ordem inferior á noſſa; pois a inferioridade da ordem naõ diminúe, nem desfigura as eſſencias.

No Ceo ha diverſas Jerarquias, humas de ordem ſuperior, outras de inferior, ſem que nenhuma dellas altére a natureza Angelica.

Alem diſto, a eſpiritualidade dos brutos ou he mortal, ou immortal: ſe mortal, perde-ſe o conceito, que fazemos do eſpirito, e diraõ os meſmos Atheos, e Deiſtas, que tanto póde ſer mortal nos brutos, como

Digitized by Google

como nos homens: ſe he immortal, deve paſſar a alma dos brutos para a outra vida, e reſta, que ſe nos diga, que ha de ſer della no outro mundo?

Para ſahir deſtas, e de outras eſpinhas, he, que Deſcartes negou a ſenſaçaõ aos brutos: julgou por incrivel, que a materia pudeſſe produzir huma alma ſenſitiva, e por diſſonante, que concedida a alma nos brutos, bem que foſſe de huma ordem inferior, deixaſſe de ſer eterna, o que bem advertido, naõ he taõ desbaratado o conceito, como o fazem os Peripateticos.

ETHICA.

A Ethica naõ ſó he neceſſaria ao Philoſopho, ao Theologo, ao Juriſperîto, e ao Nobre, mas eu a julgo preciſa em toda a ſociedade civîl, deſde o Principe até o mais infimo Republicano; porque naõ ha alguem, que ſe deva izentar de ſer juſto, moderado, ſofrido, agradecido, conſtante, prudente, &c. virtudes, que nos enſina eſta precioſa ciencia, influîda pela meſma natureza.

No ſeu eſtudo ſó ſe póde advertir, que naõ baſtariaõ os documentos de Sócrates, que foy o primeiro, que a fez eſtimavel na Grecia, nem os que temos de Ariſtoteles nos ſeus dez livros dos Ethicos; porque eſſes ſó

Digitized by Google

falláraõ com o lume da razaõ, já confundida com a ſombra do peccado, e á noſſa Ethica ſe devem ajuntar as verdades reveladas, para ſe conſeguir aquella felicidade, que os Ethicos naõ conhecêraõ.

A unica felicidade, que ſe póde alcançar neſta vida, e que tanto procuráraõ os antigos Philoſophos, ſem nunca a poderem deſcobrir, he o ſocego do animo, que ſó póde dar a pureza da conciencia. O homem, que entrega todas as ſuas acções, e penſamentos á vontade do ſeu Creador, nem faz caſo das riquezas, nem das dignidades, nem dos trabalhos, nem dos infortunios, nem de alguma miſeria humana. Eiſaqui huma profperidade ſegura; porque naõ eſtá ſugeita á mudança exterior dos ſucceſſos; e eiſaqui o mortal, que a Eſcritura aſſemelha áquelle generoſo bruto, em cujo animo nunca entrou o receyo. (1)

E por eſta razaõ nos ſerá neceſſaria outra Ethica muy differente, da que nos deo Ariſtoteles. Reconheço, que elle faz neſte Tratado reflexões muito judiciofas; mas eſta Philoſophia moral, e por conſequencia a do Conde Theſauro, que a ſeguio pelos meſmos veſtigios, he muito humana, e como tal a julga S. Gregorio Nazianzeno. (2)

A verdadeira Ethica para o Catholico deve ſer tirada dos preceitos do Evangelho, que os naõ ha mais ſuaves, nem mais confór-

(1) Juſtus autem quaſi leo confidens, abſque terrore erit. Proverb. cap. 38. (2) Orat. 33.

Digitized by Google

conformes á razaõ, e á ſociedade humana. O noſſo Soberano Legislador nos manda amar ao proximo: que tratemos verdade nas noſſas promeſſas: que façamos huns aos outros todo o bem, que pudérmos: que ſejamos ſofridos, juſtos, conſtantes, &c. e aſſim deve conſiſtir todo o eſtudo da Ethica em trazer ao exercicio eſtes grandes principios, ſem fazer caſo das definições das virtudes, e vicios, que ſervem mais de ornar o aſſumpto, que de penetrar, e perſuadir o coraçaõ, e vencer os appetites, que he todo o objecto da Philoſophia moral.

Deſta ſorte he, que a enſinavaõ os antigos Padres da Igreja, de que ſahîraõ aquelles diſcipulos, que hoje ſaõ o ornamento da Religiaõ orthodoxa.

Aqui eſtá reſumido em breves palavras tudo, o que ſe póde dizer da verdadeira Ethica, e debaixo deſte titulo entra o *Anonymo* na queſtaõ da Nobreza, em que ſe dilata tanto, que parece, que eſte foy o unico intento de ſe fazer eſta *Carta*.

Poem todas as ſuas forças em moſtrar, que a Nobreza adquirida he ſó a verdadeira, e que a outra naõ vale nada.

Eu me deſgóſto de o naõ poder ſeguir neſta opiniaõ, e naõ ſey ſe me condôa, de que elle a puzéſſe em publico; porque ſempre a tive por final de hum naſcimento eſcuro.

Naõ ha homem de geraçaõ plebeia, que naõ deſeje verificado aquelle *Cives æqua-*

re

Digitized by Google

re potens de Silio Italico, (3) sem se querer persuadir, quaõ precisa he a distinçaõ dos nascimentos, assim nas Monarquias, como nas Republicas; porq̃ se todos fossem iguaes, se formaria outro cáos no mundo civîl; pois da differente condiçaõ dos elementos he, que se compoem a harmonîa do Universo, e ainda no Empyreo, aonde parece, que se escusava esta desigualdade, se estabelecêraõ diversas ordens de Jerarquias.

Diz o *Anonymo*, que os Grandes ignoraõ, que a origem de toda a Nobreza he a virtude: para isso nos traz os lugares sabidos da *Satyra VIII.* de Juvenal, e o da *Epistola XLIV.* de Seneca. Destes ha muitos, que eu omitto, por naõ serem necessarios.

Prosegue, que os homens nascêraõ todos livres, e nesta proposiçaõ pudéra allegar outra vez com Seneca; pois nos adverte, que todos tivémos o mesmo principio, e a mesma origem, e que nenhum he mais nobre, que o outro. (4) Porêm estas, e semelhantes reflexões se fazem com o mesmo intento dos jardineiros, que dóbraõ para huma parte demaziadamente as vergontas tortas, para que ao depois lhe fiquem direitas.

Demais, que Seneca naõ produz aqui alguma fé; porque era sectario da escóla Estoica, aonde se naõ reconhecia outra Nobreza mais, que a da sabedoria. (5) Juvenal, ainda

(3) Lib. 11. de Bello Punic. vers. 598. [4] Eadem omnibus principia, eadem origo nemo altero nobilior. Lib. 3 de Benefic. [5] Stoici solos sapientes nobiles vocant. Anthisthon. apud Pog. de Nobilitate.

Digitized by Google

ainda que ſe lhe póde dar mais credito pela profiſſaõ de Poéta, tambem fallava como jardineiro. He neceſſario procurar Authores civîs, e politicos, que ſem preoccupaçaõ de particular doutrina poſſaõ pezar com maduro, e ſólido juizo eſte ornamento da Republica.

O primeiro, que ſe me offerece, he Cicero, que o *Anonymo* me naõ póde regeitar, por ſer hum dos melhores Cidadaõs de Roma, e que nella alcançou o titulo *de Pay da pátria*, e que ſendo hum homem novo, como elle meſmo confeſſa em muitos lugares das ſuas Oraçõe, e que por eſta cauſa dêvîa ſeguir a opiniaõ, de que a Nobreza conſiſte na virtude, e naõ na aſcendencia, a força da verdade o fez proferir: (6) Que pela utilidade cõmua todos os bons favorecêraõ ſempre a Nobreza, para que os homens nobres naõ degenerem dos ſeus Mayores; e que ſe deve huma grande eſtimaçaõ á memoria dos claros varões, e dos benemeritos da Republica, e ainda daquelles, que já eraõ defuntos. E eſte he hum conceito, que ſe funda na meſma natureza; pois vemos, que os coſtumes paſſaõ dos pays para os filhos, como da raiz da arvore paſſa o humor para os ramos; que ainda que ſeja diſcurſo de Ovidio, (7) naõ o deve o *Anonymo* julgar por impro-prio,

[6] Omnes boni ſemper nobilitati favemus, & quia utile eſt Reipublicæ nobiles homines eſſe dignos maioribus ſuis; & quia valet apud nos clarorum hominum, & bene de Republica meritorum memoria etiam mortuorum. Orat. pro Sextio.

[7] Ut virct in foliis venit â radicibus humor,
Sic patrum in natos tranſcunt cum ſemine mores.

Digitized by Google

proprio, depois de nos ter allegado o de Juvenal; ſem que nos perſuádaõ as excepções, que nos traz em contrario, como a de Comodo, filho de M. Aurelio; e eu me admiro, de que tambem nos dê o lugar conhecido de Horacio, de que, *fortes creantur fertibus*; porque eſte teſtemunho he contra o ſeu ſentimento.

Ariſtoteles nos inſinúa, (8) que a Nobreza he muito differente da virtude; porque eſta pertence á peſſoa, a outra á geraçaõ; e que naõ he ſó a eſpecie humana, a que deve ſer attendida no naſcimento; porque até ſe procura a boa raça nos caens, e nos cavallos, ſem que baſte o ſer filho de hum homem virtuoſo para ſer nobre: que he neceſſario deduzir a origem de huma antiga familia.

Porêm eſcuſado ſerá, que alleguemos Authores profanos, quando nos diz a Sagrada Eſcritura, (9) que aquelles Iſraelitas, que naõ pudéraõ juſtificar a ſua nobreza depois do cativeiro de Babylonia, foraõ expulſos do Sacerdocio.

Refere-nos o *Anonymo* huns poucos de Principes famoſos, filhos de pays humildes; e muitos mais lhe pudéramos nomear, ſem que ſe offendeſſe com iſſo o noſſo conceito; pois de raças deſprezadas, e deſconhecidas ſayem algumas vezes excellentes ginetes, e nem poriſſo perdem a eſtimaçaõ,

os

(8) De Nobilitate.

(9) Hi quæſierunt Scripturam genealogiæ ſuæ, & non invenerunt, & ejecti ſunt de Sacerdocio. Eſdr. lib. 1. cap. 2. v. 62.

Digitized by Google

os que juſtificaõ na ſua herança a ſua bondade.

A mayor parte dos Reynos, que tem havido no mundo, foraõ deferidos por huma ſucceſſaõ continua de pays a filhos, e ſó na falta de ſucceſſores he, que ſe recorria á eleiçaõ; e aſſim naõ póde haver Principado hereditario, em que naõ ſeja muito nobre o ſeu Soberano. Em todos os ſeculos ſe continuou ſempre eſte coſtume, como ſe conhece nas Monarquias antigas, e modernas, o q̃ prova baſtantemente, que os póvos experimentavaõ melhores effeitos para reger o Reyno na nobreza hereditaria, que na virtude electiva.

E eſta taõ conhecida differença he, que fez dizer ao Oraculo Divino: (10) Que era bemaventurada a terra, em que o Rey era nobre: e falla da nobreza hereditaria, e naõ da adquirida; porque o *horim* dos Hebrêos, que correſponde ao *nobilis* dos Latinos, ſegundo a expoſiçaõ de Cornelio, he o meſmo, que *filius ingenuorum nobilium Principum.* Naõ ha homem humilde, que em ſe vendo com abundancia de bens, naõ pertenda igualar-ſe com a mais diſtinta nobreza, fundado no envelhecido proverbio, de que todos ſomos filhos de Adaõ. Eſte he o argumento, com que Seneca pertendia competir com os Patricios Romanos: *Todos* (dizia elle) *procedemos dos deoſes, ſe olharmos para a noſſa origem.* (11)

(10) Beata terra, cujus Rex nobilis eſt. Eccleſiaſtes, 10. 17.
(11) Omnes, ſi ad primum originem revocentur, à dijs ſunt. 1 p. 44.

Digitized by Google

Por outra parte discorria Juvenal: Que a pessoa mais esplendida naõ deixava de dar com hum pastor, ou outra coiza peór na sua raiz. (12)

Mas sem attender ao que dizem estes dois inimigos da nobreza hereditaria, he certo, que antes do diluvio já havia nobreza separada da virtude, que se conservou nas familias dos Patriarcas, o que se foy continuando: depois que os filhos de Noé se espalhárao pelo mundo, fazendo-se igualmente illustres, os que procedêrao dos Povoadores das Provincias, e observando os homens, que os costumes se faziaõ hereditarios, respeitárao sempre a descendencia dos mais beneméritos, de que eu pudéra referir muitos exemplos; mas por me naõ apartar daquelles, com que nos pertende argumentar o *Anonymo*, me cingirey aos da Historia Romana, aonde acho quasi tudo contrario, ao que elle intenta persuadir-nos.

E para fazer a demonstraçaõ pela mesma origem deste Imperio, bem sabido he, que na lista geral, que fez Romulo de todos os vizinhos de Roma, foy todo o seu intento fundar nella huma nobreza hereditaria, separando para isso os mais dignos, e dando-lhes o caracter de Senadores, e deixando ficar os mais na ordem plebeia.

Desta tirou ao depois, os que lhe parecêraõ melhores, a quem deo o titulo de *Celeres*,

[12] Maiorum primus quisque fuit ille tuorum,
Aut pastor fuit, aut illud, quod dicere nolo.

Digitized by Google

Celeres, formando com elles huma ſegunda nobreza, que mediaſſe entre a primeira, e a plebe; e ao meſmo tempo defendeo, que nenhuma peſſoa deſtas duas ordens pudéſſe ſer admittida no Senado; e nos Senadores, a que chamáraõ *Padres*, he, que ſe inſtituîo a primeira nobreza Romana, deduzida por muitos ſeculos nos ſeus deſcendentes com o nome de Patricios, ſahindo daqui todos aquelles esforçados varões, que admiramos nos prodigioſos ſucceſſos deſta Naçaõ, e chegando a ſer cento e tantas familias, que conſerváraõ por muitas idades os glorioſos coſtumes dos ſeus aſcendentes, como a Aurelia, a Calpurnea, a Cenſorina, a Claudia, a Cornelia, a Criſpina, a Fulvia, a Luctacia, a Manlia, a Murena, a Quirina, a Rufa, a Sempronia, a Servilia, a Sulpicia, a Valeria, &c.

E ſuſtentáraõ com tanto eſcrupulo o eſplendor da ſua origem, que por mais de trezentos annos, em que houve peſſoas muito benemeritas, ricas, e virtuoſas na ordem plebeia, nunca eſta pôde conſeguir alguma alliança nas caſas dos Patricios, nem nunca pudéraõ alcançar o indulto de ſer algum do povo admittido no Senado, fazendo-ſe taõ ſagrada eſta obſervancia, que a encorporáraõ nas leys das doze Táboas.

Huma compléta batalha, que os Romanos conſeguiraõ dos Volſques, enſoberbeceo de tal ſorte a plebe, que o ſeu Tribuno C. Canuleio, a pezar da reſiſtencia do Senado, obteve a derrogaçaõ da ley; e pou-

Digitized by Google

cos annos depois L. Sextio foy o primeiro Conſul, que ſofreo Roma da ordem infima, devendo eſta o triunfo á emulaçaõ de huma mulher, que naõ tolerava, que ſeu marido tivéſſe menos honra, que hum ſeu cunhado; e aqui ſe vê, quanto he neceſſaria para o bem publico a diſtinçaõ da nobreza herdada; pois em quanto Roma a naõ confundîo com a adquirida, a emulaçaõ deſtes dois encontrados partidos era hum venturoſo equilibrio, em que permanecia a gloria da Republica: depois que os Romanos na confuſaõ da nobreza ſe quizéraõ diſtinguir pelo fauſto, e ſe foy por eſta cauſa reduzindo a utilidade publica aos intereſſes particulares, principiou a ſer injuſta eſta Naçaõ, e eſte meſmo delicto, conſpirado com o da ſua ſoberba, a conduzio para a ultima ruîna.

Pertende tambem o *Anonymo*, que o filho de hum Grande, criado entre villaõs, ha de ſeguir o genio, que lhe infundîo a criaçaõ, e affirma, que ha diſto experiencias. Como as naõ refere, naõ temos obrigaçaõ de acreditálas, eſpecialmente, quando ha outras em contrario.

Tito Manlio, filho de Lucio Manlio, das mais nobres, e antigas familias de Roma, foy expulſo da caſa de ſeu pay para o exercicio paſtoril, por ſer tartamudo, e moſtrar huma irreparavel inercia nos ſeus primeiros annos. Alli viveo muitos entre a ruſticidade do campo, até que hum Tribuno da plebe diante do povo accuſou ao pay da crueldade;

Digitized by Google

eldade, que tinha uſado com o filho. Com eſta occaſiaõ veyo Tito a Roma, e entrando em caſa do Tribuno extemporaneamente, o fez jurar com hum punhal na garganta, de que havia de deſiſtir da accuſaçaõ. Por eſta piedade filial o elegêo o povo em hum dos Tribunos Militares, e diz o Abbade de Vertot, (13) que naõ tardou muito, em que Tito naõ moſtraſſe com acções illuſtres, quanto era digno deſta honra.

Quer igualmente o *Anonymo*, que todo o caracter da Nobreza conſiſta no fauſto das carruagens, criados, &c. e que deſpido o Grande deſte apparato, fica com toda a nobreza perdida. Terrivel opiniaõ!

Sem criados, nem carruagens, e deſfigurado em hum pobre veſtido, ſe introduzio Coriolano na caſa de Tulo, Governador dos Volſques, e baſtou ouvir-lhe o ſeu nome para o fazer General da guerra contra a ſua meſma pátria. Dirá, que eſta eſtimaçaõ ſe deo ao valor, e naõ á nobreza de Coriolano: eu digo pelo contrario; porque Tulo, dando o exercito a hum Romano para invadir os Romanos, fiaria do ſeu valor o bom ſucceſſo da acçaõ; mas ſó podia fiar da ſua nobreza, que naõ foſſe infiel áquella generoſa confiança.

Approva, ou celébra tambem o *Anonymo* a experiencia, de que para ſe diſtinguir o nobre do plebêo, que baſta deſpîlos, e mandálos fallar: eu diſſéra, que mandálos obrar.

[13] Hiſtor. das Revoluç. Roman. lib. 8.

Digitized by Google

obrar. A mona, ainda quando ſe vio no traje de Raînha, naõ deixou de ſe lançar a hum rato, que lhe ſahio debaixo da meſa. Ser a nobreza hereditaria coiza, que ſe poſſa dar, ou tirar, como o *Anonymo* pertende provar com o *lib. 5. tit. 92.* da noſſa *Ordenaçaõ*, he outra idéa bem deſordenada.

Eſtava o famoſo Duque de Cadaval D. Nuno no Paço, e dizia-lhe hum Biſpo do noſſo Reyno, vendo entrar hum filho de hum barbeiro nas caſas mais interiores, que naõ eſtranhava eſta ouſadia; porque o Rey podia fazer Duques deſta caſta de gente. Pegou-lhe o Duque da Cruz, que o Biſpo levava ao peito, e reſpondeo lhe: *O Rey poderá fazer Biſpos, como V. Illuſtriſſima; porém nunca Duques, como eu; pois ainda que me apague o Titulo, nunca me póde eſcurecer o ſer eu deſcendente da Caſa de Bragança.*

He capaz de dizer o *Anonymo*, que iſto he huma grande parvoice; mas ainda que o diga, todos ſabemos, que poderá ſer mais erudîto, que o Duque; porêm que nunca ha de ter tanto juizo, como elle.

Emfim o *Anonymo* eſtá trabalhando em toda eſta ſua diſſertaçaõ contra o geral conceito de todas as Nações polîdas. Em França, Inglaterra, Heſpanha, Suécia, Pruſſia, Dinamarca, Polonia, &c. bem eſtá patente a eſtimaçaõ, que ſe faz da Nobreza hereditaria, e em Alemanha he mais idolo, que privilegio. Na ſua meſma Italia he, aonde ſe obſerva mais eſcrupuloſamente eſta diſtinçaõ.

Em

Digitized by Google

Em Veneza reconhece o mundo todo, a que tem as doze familias, a que chamaõ *Eleitoraes*, conſiſtindo toda a ſua grandeza na antiguidade da origem, que paſſa de quatrocentos annos. Allî ſe vê tambem a differença, que ha deſtas Caſas, ás que modernamente entraõ nas do numero de nobres; pois eſtas nunca chegaõ aos cargos principaes da Republica, praticando neſte eſcrupulo toda a antiga circumſpecçaõ Romana. Deixo de fallar na Nobreza de Genova, emula, e imitadora da gloria Veneziana. Paſſo em ſilencio as familias da Roma Catholica, por me parecer eſcuſado dilatar-me em materia taõ ſabida.

Que homem tem havido, por mais triunfante, que ſe conſideraſſe com as ſuas proezas, ou mais eſtimado pelas ſuas virtudes, que naõ aſpiraſſe a fingir mais alto eſplendor ao ſeu naſcimento? Alexandre naõ ſe contentou com a nobreza de ſer filho de Filippe, quiz que o tiveſſem por filho de Jupiter; por final, que lhe eſcreveo ſua mãy, que a naõ puzeſſe em perigo com os ciumes de Juno. Romulo, e Remo ſe fizeraõ filhos de Marte, Enèas de Venus, Achilles de Thetis, Eſculapio de Apóllo, &c.

Em quanto os Moſcovitas foraõ barbaros, he, que fizeraõ pouco caſo da Nobreza; pois eraõ entre elles os mais illuſtres os de mayor barriga. Depois de Pedro o Grande tem mudado de conceito. A unica Potencia, que ha na Europa, que deſpreza a No-

Digitized by Google

a Nobreza hereditaria, he a dos Turcos: os cavallos saõ, os que gozaõ deste privilegio. Quando o Sultaõ faz delles presente a algum Principe, hum dos seus melhores arreyos he a sua genealogia. Em hum Imperio, em que se logra tanto o dispotismo, era precisa esta barbaridade, que a Porta tem convertido em politica; pois seria talvez incompativel hum dominio taõ absoluto nos vassallos, se elles tivessem grandezas hereditarias.

Parecerá bem pouco, quanto tenho dito, se ponderarmos, que Christo Senhor Nosso, naõ necessitando de alguma Nobreza temporal, pois se divinizou com a eterna, quiz tambem ser Nobre por aquelle lado, procedendo da Real Casa de David, e fazendo se por esta parte mais illustre, que todos os Monarcas do Universo, confórme a reflexaõ de Cornelio. (14)

Porêm se a Nobreza se ajunta á virtude, a isto dizem os nossos Portuguezes, que he ouro sobre azul. Eu nunca direy, que se deve dar tanta estimaçaõ ao Nobre, que for mal procedido, como ao que for virtuoso. Farey aqui huma differença. Se o Nobre faz, o que fizeraõ os seus mayores, deve estimar-se

[14] Vide hic nobile Christi stemma, quod Lucas, & Matthæus ab ipso JESU per tot Reges, & Patriarchas ad ipsum Adam Protoplastum, imò ad ipsum Deum per quatuor annorum millia continua generatione serie producunt. Nemo est Principum, vel Regum totius mundi, qui continua serie suam prosapiam ad mille annos pertexere, & producere potest. Cap. 3. in Luc. v. 38.

Digitized by Google

timar-ſe tanto, ou mais, do que elles: ſe faz menos, ſerá neceſſario advertir-ſe ſe eſte menos desluſtra, ou naõ a familia: ſe a desluſtra, deve reputar-ſe em peór eſtado, que o do homem plebêo: ſe a naõ desluſtra, devem ſe ſofrer eſtes leves defeitos, como aquelles, que coſtuma fazer o tempo nas eſtátuas, quando as toca, e as naõ desfigura.

E ſe os ſimulácros dos progenitores ſe veneraõ tanto nas ſalas dos Cavalheiros, como em outro tempo ſe reſpeitavaõ as imagens de cera nos veſtibulos Romanos, com mayor razaõ ſe deve eſtimar mais hum traſlado vivo, que huma cópia inanimada.

Pelo que toca ao modo, com que os Grandes uſaõ tratar as peſſoas, que naõ ſaõ da ſua jerarquia, naõ ha duvida, que nos pódem fazer ſaudades os exemplos, que o *Anonymo* nos traz do tempo de Auguſto. Eſta foy a idade de ouro, naõ ſó para a lingua Latina, mas para todos os homens de engenho: veyo ao depois a de prata: ſeguioſe a de bronze, e a de ferro, em que eſtes exemplos perdêraõ a ſua força.

Naõ ſe faz caſo nas Heſpanhas deſtas veneráveis antigualhas. Em França ha outro eſtylo. Qualquer Gentilhomem entra nos coches, e gabinetes dos Grandes, e ſaõ recebidos com agradavel benevolencia. Tarde advertio neſte bom uſo o Duque de Oſſuna, que eu conheci em Madrid com baſtante ſóberba; porque depois que eſteve em Paris, ſe confeſſava arrependido de ter fallado tan-

Digitized by Google

to (dizia elle) com Duques tôlos, podendo o ter feito com Gentilhomens discretos.

Vejo queixar os Fidalgos das Provincias do despego, com que os tratão os Grandes do nosso Reyno. Póde ser, que se queixem sem fundamento. Eu tenho algumas experiencias, que muitos destes Senhores dão a cada huma das pessoas, a quem fallão, o que se lhe deve pelo seu nascimento; e em se obrando por este modo, já se não faz injustiça. Alguns particulares pertendem mais, do que se lhes deve, e porisso ás vezes ficão com menos, do que se lhes devia dar.

Nas cartas ha outro embaraço, a que tem acodido os Senhores, e Senhoras Francezas com o dictame, que a honra he de quem a cõmunica. Conheci huma pessoa muito grande do nosso Portugal, que quando o seu Secretario punha o sobrescrito, tratava ainda os homens de distinçaõ, como se fossem seus criados. Quando o amo o fazia do seu proprio punho, naõ se mostrava taõ soberbo, como o amanuense.

Naõ me admiro da sua má criaçaõ; porque de alguma desta gente se naõ póde esperar outra civilidade: estranho, que estes Senhores admittaõ estes homens no seu serviço, e em serviço taõ delicado, como o de huma Secretaria.

Tambem se naõ póde negar, que em alguns Grandes ha huma certa ferocidade quasi inseparavel do conceito, que fórmaõ da sua nobreza; e talvez, que esta fosse a razaõ

Digitized by Google

zaõ de esforçar o *Anonymo* a idéa, de que a nobreza conſiſte ſó na virtude. Os Caſtelhanos déraõ ao ſeu Affonſo VIII. o titulo de *Nobre*, e de *Bom*, e adverte o Conde de Cervelhon no ſeu excellente *Retrato Politico*, que melhor lhe chamava Nobre, quem Bom lhe chamava.

Ainda em tempos menos adornados ſe conhecia na Grandeza eſte genio feróz, ſem que baſtaſſe a virtude a temperar eſte arrojo. Quem mais virtuoſo, que Metello? e devendo ao valor de Mario todos os triunfos, que alcançou de Jugurtha, que lhe déraõ o titulo de *Numidico*, naõ podia tolerar, que eſte homem novo aſpiraſſe ao Conſulado.

Mas ſendo eſta ſoberba taõ pouco louvavel nos Grandes, he inſofrivel nos pequenos, quando a fortuna os colloca em póſtos ſublîmes. He excellente a ley, de que ſe naõ admittaõ mais, que os Nobres aos cargos civîs; mas tem ſido muitas vezes infringida com diſpenſas. Eu quizéra aproveitar o aſſumpto para a utilidade publica; porêm inſta-me a minha brevidade, e ſó direy, que diz o *Anonymo* muito bem, em que para eſtes, e outros inconvenientes he muy neceſſaria a Ethica. Ella he ſó, a que poderia deter aſſim os Grandes, como os pequenos, e tambem a ſegunda Nobreza na ſua juſta medida, e reduzîlos á igualdade dos ſeus proprios limites.

Digitized by Google

MEDICINA.

DEpois do *Anonymo* tratar na Ethica da Medicina do espirito, justo era, que tambem tratasse da Medicina do corpo.

Se erramos na Orthographia, na Eloquencia, na Poesia, na Philosophia, serão erros, que merecem perdaõ; mas na Medicina naõ póde haver erro, que naõ seja formidavel; porque a vida, e a saude he o bem mais precioso do homem.

Devemos agradecer ao *Anonymo* o mostrar-nos nesta *Carta*, o quanto esta ciencia está descaîda no nosso Reyno; temo porêm que naõ baste está evidencia, para que os nossos Physicos queiraõ mudar de methodo nos seus estudos.

Lastima he, que tenhaõ conspirado todas as Naçoès cultas para manifestarem os absurdos, em que cahio a Medicina, depois que as subtilezas Peripateticas corrompêraõ a doutrina de Hippocrates, e que o nosso Reyno ainda esteja enredado na falsidade dos systemas, e no abuso dos raciocinios. Póde-se dizer, que o *Anonymo* nesta *Carta* nos propoem huma Carta de marear, em que nota com toda a distinçaõ todos os párceis, que se tem descoberto na derrota da Medicina, e aonde continuamente tropeçaõ os Pilotos, que pertendem guiar a nossa saude; e por teima, ou por capricho nem dos bancos,

Digitized by Google

cos, nem dos penedos se desviaõ, seguindo a maxima, de que a náo delRey naõ deve torcer o caminho; e o que se tira desta bizarria, he meter-se o navio no fundo.

Em Italia, França, Inglaterra, Hollanda, Alemanha, &c. estaõ todos os Medicos persuadidos, que nas obras do insigne Hermano Boerhaave he, que se acha o verdadeiro methodo de se acodir aos enfermos; e talvez, que á primeira occasiaõ, em que se ouvisse o seu nome na nossa Universidade de Coimbra, fosse o anno passado, pela casualidade de se mandarem a hum livreiro Francez huns poucos de exemplares, e segundo a noticia, que se me deo, raros foraõ, os que se resolvêraõ a empregar nelles o seu dinheiro, reputando-os por coiza bem inutil, e na verdade, que naõ póde ser mayor a nossa demencia. Eu, que naõ sou Medico, e só leio algum bocado de Medicina por curiosidade, e por naõ fazer escravo o meu juizo do dominio Galenico, naõ me atrevî a ficar sem elles.

Naõ faltaráõ nas livrarias de alguns destes senhores Heredia, Villa Corta, Mercado, Riverio, &c. e se acaso houver Baglivio, e Sydenham, que foraõ, os que abriraõ o caminho á melhor Medicina, que he, a que se funda na observaçaõ, e na experiencia, estaráõ taõ novos, como no dia, em que se metêraõ na estante, se o pó, ou a traça os naõ tiver desencadernado.

Boerhaave naõ só se fará barbaro aos Medi-

Medicos Portuguezes pela pronunciaçaõ do seu nome, mas pela simplicidade das curas, e dos remedios, tendo muitos para si, que a amontoaçaõ dos ingredientes he, que só póde vencer a enfermidade; e ainda seria mais horrivel aos boticarios, se soubessem, que a mayor parte dos seus auxilios se reduz a huns simplices innocentes, desterrando a desordem de se enriquecerem as boticas, tanto com o estrago da saude, como da bolsa dos enfermos.

A primeira vez, que eu li a receita da confeiçaõ dos jacintos, (que taõ judiciosamente desterrou da sua Pharmacopêa o Collegio Real de Londres) entendi, que era o rol da matalotagem de algum Capitaõ de navio, que hia para a India. Eu conheço boticarios sem outro fundo mais, que o das receitas, que vivem com a mesma abundancia, que as casas mais ricas da sua vizinhança: esta he a verdadeira Pedra Philosophal; pois só aqui se converte o Mercurio em ouro.

Mas passando, para o que se póde esperar ainda da Medicina moderna, se ella fosse tal, como o *Anonymo* a propoem, eu naõ me applicára a outro estudo; porêm he esta huma Faculdade, de que eu ha muitos tempos desconfio.

Estou pela opiniaõ contraria de Asa, que toda a sua confiança punha nos Medicos, o que lhe condena o cap. 16. do Paralipómenon, vivendo Asa em tempo, em que Ezechias naõ tinha queimado a Botanica de Salomaõ;

Digitized by Google

lomaõ, ſe he verdade, o que diz Suidas, e Cedreno, livros, em que ſó ſe podia eſtabelecer huma Medicina mais demonſtrativa.

Nas noſſas enfermidades devemos confiar-nos muito em Deos, e muito pouco nos Medicos, e abaixo de Deos na natureza, que he mais inſigne Doutora, do que Hippocrates, e que ſabe por hum movimento occulto attender melhor á conſervaçaõ do homem, que todas as idéas, e conjecturas dos Phyſicos.

O Medico menos máo he, o que com remedios ſuaves, ſingellos, e pouco repetidos vay ajudando, e ſeguindo os veſtigios das ſuas operações; porêm deſtes naõ ha muitos, e a mayor parte delles fundaõ o conceito da ſua ſabedoria em ſucceſſivos ſoccorros, que em lugar de auxiliarem a natureza, lhe pervertem muitas vezes as ſuas criſis.

O mayor numero de doenças ſe venceriaõ, ſem recorrer á officina da morte, nome, que alguns tem dado ás boticas.

Nos ermos, aonde nem pelo nome ſe conhecem os Medicos, tem moſtrado a experiencia, que vivem os homens mais annos, e com melhor diſpoſiçaõ. Baſta eſta certeza para produzir huma grande deſconfiança contra a Medicina; e naõ deve tirar nos della a jactancia, com que muitos Medicos nos inculcaõ várias curas, que fizeraõ; pois naõ nos conſta ſe os enfermos alcançáraõ a ſaude pelos esforços da arte, ou da natureza.

Com tudo a Divina Sabedoria nos

aviſa,

Digitized by Google

aviſa, que *Deos creára da terra os medicamentos, e que naõ deve aborrecêlos o varaõ prudente*: (1) mas eſta advertencia confirma mais a minha opiniaõ; porque eu aceitarey todos os remedios, que Deos creou na terra, que a mayor parte delles conſiſte na ſimples virtudes das hervas, e ſempre deſconfiarey, dos que ſe criaõ na fantaſia dos ſenhores Phyſicos; pois ainda aquella medicina, que Deos influîo nos animaes para attenderem á ſua conſervaçaõ, ſe eſtabelece em remedios ſingellos: o cavallo marinho ſe ſangra com o bico de hum arbuſto, quando ſe ſente plethorico: o leaõ ſe purga nas ſuas indigeſtões com a carne do bugîo: a cegonha buſca como theriága a verbena contra o veneno das ſerpentes: o veado cura as ſuas feridas com o dictâmo: as andorinhas a ſua cegueira com a celidonia, &c. Venturoſos foraõ os Medicos, ſe o ſeu livre raciocinio ſe naõ deſviaſſe da regra, a que ſe acha ligado o conhecimento natural dos brutos.

Os dois mayores remedios da Medicina, que ſaõ ſangria, e purga, bem ſe vê, que os aprendêraõ os homens do leaõ, e do Hippopotamo. Horrivel coiza he, que toda a Medicina de Portugal ſe funda ſó neſtas duas operações! Depois da purga, e da ſangria: naõ digo bem: depois de muitas ſangrias, e purgas, ſe a enfermidade ſe naõ vence, naõ ha outro remedio mais, que entregar o doente á Igreja, ou para os exorciſmos,

[1] Eccleſ. cap. 38.

Digitized by Google

mos, ou para a ſepultura. He bem engraçada ſobre eſta reflexaõ a Redondilha de hum Caſtelhano:

Te purgámos, te ſangrámos;
Pues no te puſiſte bueno,
O' no ſupo más Galeno,
A el Sancriſtan te entregamos.

Conhecem os brutos, quando devem recorrer á purga, ou á ſangria; mas eſte conhecimento ainda eſtá por ſe dar aos homens. Quantos eſtragos tem feito a Medicina, purgando tantas vezes, quando deve ſangrar, e ſangrando, quando ſe deve dar a purga? A dijudicaçaõ, que os Medicos pertendem tirar da cocçaõ, ou da indigeſtaõ dos humores, he dos delirios Galenicos.

A tudo iſto pertende acodir o *Anonymo* com os oito requiſitos, que deve ter o bom Medico. I. Que ſe ha de ſaber, que coiza he corpo: II. que coiza he corpo humano: III. que coiza he vida do corpo humano inteira, e perfeita: IV. que coiza ſeja vida mutilada, e imperfeita: V. que coiza ſeja ſaude perfeita. VI. que coiza ſeja ſaude imperfeita: VII. que he, o que até aqui ſe tem deſcuberto para recuperar, e conſervar a ſaude: VIII. ſaber applicar eſta medicina em certo tempo, em certo modo, e em certas doſes, &c.

Na verdade, que ſe todos eſtes requiſitos ſaõ neceſſarios para ſe affirmar, que o Medico he bem, ſerá mais difficil achálo, que o ſepulcro de Jupiter.

Digitized by Google

Quanto ao primeiro requisito bem se alcança, pelo combate, que ha entre os Physicos sobre a essencia, existencia, tamanho, sitio, figura, &c. dos córpos, a grande difficuldade de se acertar com a genuîna idéa da sua constituiçaõ.

No segundo requisito quer o *Anonymo* tirar pela Anatomîa todo o conhecimento do corpo humano; mas naõ sey se a dissecçaõ dos cadáveres seria bastante para conseguir esta grande empreza. O mesmo *Anonymo* nos confessa, que a nossa estructura he huma máquina hydraulica, sustentada pelos ossos, em que se firmaõ todos os vasos, por onde circulaõ os liquidos. Considerada a máquina com esta figura, pouco podemos alcançar com a Anatomîa nas enfermidades, que procedem da alteraçaõ dos liquidos; pois cessando as funções do corpo, tambem cessa a averiguaçaõ, com que êlle se deixou vencer da enfermidade, ou da força estranha, que combatêo a harmonîa do seu temperamento. As doenças, que nascem dos defeitos dos sólidos, melhor se podem conhecer na divisaõ dos membros, bem que muitas secaõ imperceptiveis.

No microscopio percebemos em hum piolho a circulaçaõ do sangue, e os outros liquidos se móvem com huma tal subtileza, que se naõ conhece, se entraõ, ou naõ nos seus vasos competentes, de cuja desordem se origîna huma multidaõ de achaques, causados (como dizem os modernos) *ab errore loci*.

Valho-

Digitized by Google

Valho-me do meſmo exemplo do *Anonymo*. Quando o relogio fica parado no ſeu curſo, ou ſe atraza, ou ſe adianta, ou recebe algum conſideravel defeito, abre o relogeiro a máquina, e ſe a corda eſtá quebrada, ou alguma corda torcida, ou a pendula inclinada, facilmente ſe vê, donde procede o dano; porêm ſe acha tudo (ao ſeu parecer) compoſto, ſem que a máquina regúle o ſeu curſo, o que muitas vezes ſuccede, he neceſſario desfazêla muy meudamente, e tornála a compôr com a mayor attenção; e he o que não póde executar a Anatomîa nos cadáveres; porque naõ he máquina, que depois de deſconcertada, poſſa ſer reduzida ao ſeu primeiro movimento. E ſe for certo o ſyſtema, de que toda a circulaçaõ dos liquidos, e os effeitos das ſuas qualidades pendem dos elaſtes, ou molas dos nervos, artérias, entranhas, e muſculos, mais ardua nos ficará a confiança da Anatomîa para o conhecimento das doenças; pois he certo, que no cadáver naõ ſe póde perceber a elaſticidade dos ſólidos, nem como infundem as qualidades nos liquidos.

Ainda no famoſo deſcobrimento de Harveo ficou muy confuſa a arte ſobre a circulaçaõ do ſangue; porque huns a attribuem á ſyſtole, e diaſtole do coraçaõ; outros ao impulſo dos glóbos elaſticos, de que, dizem, que o meſmo ſangue ſe compoem; e de qualquer engano, que haja em alguma deſtas opiniões, póde reſultar hum grande prejuizo na

Digitized by Google

eleiçaõ, ou applicaçaõ do remedio.

Para o terceiro, e quarto requiſito, que he ſaber, que coiza he vida perfeita, e imperfeita do corpo humano, cuido, que naõ baſta conhecer tambem pela Anatomîa a organizaçaõ dos ſólidos; porque naõ ſabemos ſe eſtes obraõ nos liquidos, ou ſe nelles aperfeiçoaõ, ou pervertem os liquidos as ſuas qualidades. Conforme o que nos diz Hippocrates, a mais perfeita conſtituiçaõ do corpo coſtuma ſer ás vezes a cauſa de huma perigoſa doença; e poriſſo temem alguns Medicos mais a ſaude de hum Athleta, que a de hum valetudinario.

Tambem concorda toda a Medicina, em que a origem principal de toda a ſaude perfeita, e imperfeita, he a boa, ou má digeſtaõ dos alimentos; e até agora ainda naõ eſtá decidido, quaes ſaõ os melhores para alongar a vida, nem porque modo ſe faz eſta grande obra no eſtomago. Huns dizem, que a digeſtaõ ſe conſegue com o calor: outros com a fermentaçaõ: outros com a trituraçaõ: outros com a putrefaçaõ; e até Aſclepiades proferio, que os alimentos ſe naõ degiriaõ no eſtomago; pois apenas deſciaõ da garganta, ſe diſtribuîaõ logo por todas as partes do corpo.

Porêm em tantos pareceres, que conſelho dará o Medico ao doente para recuperar as forças pelo meyo da nutriçaõ, ou acodir a huma Atrophia, cauſada de huma viciosa elaboraçaõ do eſtomago? Eu poſſo dizer de

Digitized by Google

de mim, que até agora naõ achey Medico, por grande Anatomico que foſſe, que me fizeſſe eſte beneficio.

O quinto, e ſexto requiſito, que he ſaber, que coiza he ſaude perfeita, e imperfeita, como ſaõ conſequencia de quarto, e terceiro, tambem pelas meſmas razões padecemos nelles as meſmas duvidas; e da meſma ſorte no ſetimo, e oitavo, que he conhecer o Medico os melhores remedios, e alcançar a ſua devîda applicaçaõ; pois ainda que os houveſſe, e delles tiveſſemos cathegorica noticia, ſempre neceſſitamos de penetrar primeiro a cauſa das doenças, que he, aonde trabalha a Medicina com a mayor difficuldade; pois a mayor parte dellas, bem que uſuaes, ſaõ muito mal conhecidas. Sabe-ſe, que ha febres continuas, intermittentes, podres, agudas, ardentes: que ha phreneſis, eſquinencias, hecticas, pleurizes, que humas vezes ſe declaraõ, outras enganaõ pelos ſymptomas; mas de que ſorte as fomenta, e encaminha a noſſa máquina hydraulica, iſſo totalmente ſe ignora, e todos os diſcurſos, e raciocinios, que ſe fazem na capitulaçaõ deſtas, e ſemelhantes queixas, ſaõ arbitrarios; e debaixo deſta ignorancia quem naõ ha de eſtremecer na confuſaõ, com que procede a Medicina?

Na diverſidade de pareceres, que ha ſobre o methodo de curar as bexigas, he, que muito bem ſe manifeſta o deſconhecimento das doenças. Huns ſangraõ, outros prohi-

Digitized by Google

prohibem a ſangria: huns pertendem dar mais agilidade ao ſangue, outros a hebetaõ: ha quem promova a tranſpiraçaõ, e ha quem a embarace. Já houve Medico de grande nome, que mandava meter os bexigoſos em agoa fria; outro em azeite. Em tanta confuſaõ de opiniões, quem deſcobrirá o acerto?

Quem duvidará, que ſerá melhor entregar a cura á natureza, eſpecialmente ſendo bem fundada a opiniaõ, de que as bexigas ſe devem reputar por huma verdadeira criſis; e ſendo aſſim, he muito provavel, que naõ haja remedio, que deixe de ſer muito ſuſpeitoſo.

Naõ fora humano Boerhaave; mas todos o reputáramos por divino; ſe deſempenhára o titulo *de cognoſcendis, & curandis morbis*, que deo aos ſeus Aphoriſmos; nem a prodigioſa *Cadeira Mathematica* de Sanctorio, em que elle pertendeo pezar todas as funções do corpo humano, ſerve mais, que de hum teſtemunho do ſeu raro engenho.

Depois de tantos ſeculos, que ſe tem paſſado deſde o principio do mundo, apenas tem ſahido a Medicina com hum par de eſpecificos, que humas vezes curaõ, outras mátaõ. O ópio para as vigilias, o azougue para o gallico, a Kina-kina para as intermittentes, as agoas Marciaes para as obſtruções, a laranja de Sans, e o eſpecifico de Sala para a epilepſia, a decoada de ſabaõ para a pedra, e nenhum Medico ſabe ainda, como eſtes remedios obraõ no corpo.

Depois

Digitized by Google

Depois de ſe fazer taõ applaudido o remedio da pedra em Inglaterra, inventado por Joanna Stephens, em cuja approvaçaõ conſpiráraõ os homens mais doutos, e judicioſos daquella Ilha, recebendo a inventora o premio de cincoenta mil cruzados pelo beneficio de o cõmunicar á utilidade publica, parece, que ſe tem obſervado, que, ainda que cura inteiramente a queixa, perverte de tal ſorte a maſſa do ſangue, que nenhuma peſſoa, que o tomou, viveo mais de tres annos.

Mil prodigios nos dizem os Chinenſes das celebradas raîzes do ſeu *niſi*, e do *gingſeng*, attribuindo-lhe huma virtude univerſal para todas as enfermidades; e baſta eſte encarecimento para deſconfiarmos muito deſtes famoſos vegetaes.

Outras doenças ha, que naõ foraõ conhecidas dos antigos, e que fizeraõ hum grande eſtrago a primeira vez, que appareceraõ. Pareceo, que a Italia, a Heſpanha, a França receáraõ ver-ſe deſpovoadas, quando ſe deſcobrio aquella contagioſa malignidade, que cada huma deſtas Nações pertende attribuir á outra a ſua origem. Nós lhe chamamos *mal Francez*, França *mal Italiano*, e Italia *mal Caſtelhano*; porêm eſte argumento da incerteza da Medicina he taõ vaſto, que ſeriaõ neceſſarios muitos volumes para concluîlo. Naõ quero dizer com tudo, que deixe o doente de confiar a ſua doença de hum Medico douto, prudente, e advertido, e que ſe tenha bem capacitado, que o ſeu

Digitized by Google

ſeu officio he ſer hum Coadjutor da natureza. Quem ſeguir a doutrina de Boerhaave poderá conſeguir eſte caracter. O ponto eſtava, em que Portugal aceitaſſe o methodo de pôr todo o ſeu eſtudo na obſervaçaõ, e na experiencia, como novamente o tem feito Caſtella com a Inſtituiçaõ da Sociedade Real de Sevilha, e acabemos de relegar Galeno para Pergamo, e Avicena para a Arabia.

Tambem naõ he o meu intento proferir, que a Anatomîa deixe de dar hum grande auxilio á Medicina; mas naõ he todo, o que ella preſume. O meſmo digo da Quimica, e da Philoſophia moderna, e de tudo, o que a experimental tem felizmente deſcoberto.

Para a perfeiçaõ, a que póde chegar eſta arte, ſaõ os meyos, que adverte o *Anonymo*, os mais conducentes, e o que tenho dito, he ſó, para que ſe naõ faça taõ alto conceito de huma Faculdade, que naõ póde obrar, ſenaõ por conjecturas, em que ſaõ inevitáveis os erros; e erros de tanta conſequencia, como o de perder-ſe a vida, ou a ſaude.

Pertendo, que neſta deſconfiança eſperemos mais da natureza, que da Medicina, para que nas moleſtias ſem perigo naõ façamos coſtume de nos entregar a hum auxilio taõ arriſcado.

Diz-nos o Spectateur, (2) que ſendo hum valetudinario o *Tratado de febres* de Syde-

[2] Tom. 1. Diſcurſ. 19. pag. 128.

Digitized by Google

Sydenham, concebêra, que eſtava com febre actual: ao depois que ſe imaginára phtiſico, lendo tambem outros Authores, que tratáraõ da phtiſica: que naõ tardou muito, que naõ preſumiſſe, que era gotoſo, formando huma enfermidade de cada apprehenſaõ. Muitos recorrem aos Medicos para os ſararem deſtas preſumidas doenças: ſe o Medico he ignorante, mete-lhe no corpo o achaque, que naõ tinha: ſe he douto, e experimentado, baſta duas palavras para lhe dar a ſaude.

DIREITO CIVIL.

A Refórma da Juriſprudencia no noſſo Reyno ſeria taõ neceſſaria, como a da Medicina; porque os Miniſtros ſaõ os Medicos, que podem curar os achaques da Republica. O methodo, que nos dá o *Anonymo* neſta *Carta* para ſe conſeguir eſte intento, he o mais natural, e proveitoſo, ſe foſſe capaz de admitillo o abuſo radicado dos eſtudos.

Saye hum eſtudante da Univerſidade com as ſuas Cartas de Formatura, ſem mais conhecimento das leys, que, o que recebêo da ſuccinta, e particular materia de huma poſtilla, e do ponto de Bacharel, e de outro acto, em que lhe daõ o gráo de Licenciado, que ambos ſe reduzem a huma operaçaõ da memoria, e muito pouco de ciencia,

Digitized by Google

e de diſcurſo, e o que nelles teve mais confiança, leva, ou traz o conceito de mayor capacidade.

Segue ao depois o eſtudante a vida de Advogado, ou de Miniſtro, e como ſaye pouco menos ignorante, do que entrou nos geraes, em qualquer delles padece muito a utilidade publica; porque a Advogacia ſe conſtitúe huma officina de demandas, de violencias a Judicatura. Naõ attende o Advogado ao bom, ou máo direito das partes; procura ſó o numero, e a qualidade dos pleiteantes para tirar mayores ſalarios; que eſte foy o projecto, com que fez tantas jornadas a Coimbra para naõ faltar ás matriculas.

Ainda naõ achey alguma peſſoa, que conſtituiſſe o ſeu patrimonio na banca, que naõ achaſſe ley, ou opiniaõ para defender a cauſa mais injuſta, nem Juiz, que naõ tiveſſe Authores para deſculpar a ſentença mais iniqua.

Naſcem todas eſtas deſordens de ſe naõ eſtudar na Univerſidade a Ethica, e a Politica, em que ſe deve fundar a Juriſprudencia. Eu antes quizera hum Miniſtro Politico, e Ethico, que muito Juriſperito; porque ſe naõ ſouber muito Direito, lá eſtaõ os Tribunaes, que remedêaõ eſta falta na appellaçaõ, ou no aggravo, e faltando lhe as outras qualidades, naõ ſaberá governar as povoações, e em lugar de as manter na ſua devîda harmonîa, ſerá o meſmo, que promova as deſordens.

Mas

Digitized by Google

Mas ainda na Juriſpericia, que ha de fazer hum Juiz, ou hum Advogado, que ſó trouxe da Univerſidade huma leve tintura do Direito dos Romanos, ſem ter o menor conhecimento do Direito particular do Reyno? Todos vemos, o que elles fazem, e eu naõ quero outro teſtemunho mais, que a meſma conciencia dos Juizes, quando entraõ nos primeiros lugares.

Dizer, que primeiro, que os deſpachem, devem moſtrar certidaõ do tempo, que exercitáraõ a prática das noſſas leys, naõ he boa ſahida; porque a mayor parte deſtas certidões ſaõ falſas, e quando foſſem verdadeiras, ſerviria de mais dano, que proveito, a aſſiſtencia dos auditorios; pois quaſi todos ſe compoem de trapaças.

Adquirir eſta prática pelo uſo do deſpacho, tem terriveis conſequencias, e muito ſemelhantes ás dos Medicos, que ſaõ menos máos, os que tem morto mais gente. (1) Subindo dos Miniſtros inferiores para os dos Tribunaes, já aqui conſidéro menos perigo daquelle, que o *Anonymo* nos repreſenta; porque eſtes ſenhores, ainda que adquiriſſem a ciencia de julgar com taõ cuſtoſa experiencia, eſtaõ em eſtado de reconhecerem muito bem o direito das partes. Fallo daquelles,

(1) Que ſea Medico el mas grave,
Quien mas aforiſmos ſabe,
Bien puede ſer;
Mas que no ſea mas experto
El que mas huviere muerto,
No puede ſer.

Digitized by Google

que chegaõ por degráos a eſtes lugares, que os que vaõ da Univerſidade para as Relações, levaõ o meſmo perigo, que os que vem para as Judicaturas; pois a falta de prática, e do neceſſario conhecimento das noſſas Leys, os faz entrar no juizo das cauſas, como em hum mundo novo; o que ſe prova evidentiſſimamente, quando algum dos Lentes tem alguma demanda; pois ſe vale do conſelho, e das direcções dos Advogados para haver de produzíla, e ſuſtentála.

Daqui ſe ſegue tambem, que os que ſe próvem nos Tribunaes da Fazenda, Ultramar, &c. neceſſitaõ de outro eſtudo. Da meſma ſorte, os que ſayem para Enviados, ou Secretários de Embaixadas. De pouco lhes ſerve o Direito Civil para emprego. Mais lhes póde ſervir a Ethica, a Politica, a Rhetorica, e ſobre tudo a grande ciencia, ou arte de comprehender o mundo, e de tratar os homens, o que melhor ſe conſegue pelo trato das gentes, e pela aſſiſtencia das Cortes polidas, e pelas reflexões, que hum genio advertido coſtuma fazer nos coſtumes, aſſim naturaes, como nos eſtranhos.

Aquelle agrado, e gravidade civil, a viveza, a efficacia, a condeſcendencia, o ſemblante, o modo, as palavras, e os termos, que ſe devem introduzir em várias occaſiões com todas as peſſoas, que ſe cómunicaõ, penetrando ao meſmo tempo todos os intereſſes da pátria, e do Principe, e procurando os meyos mais fortes, e ſuaves para

dirigi-

dirigîlos, humas vezes diſſimulando, outras combatendo, ſaõ os melhores requiſitos para eſte genero de Miniſtros, e he huma ciencia eſta, que ſe naõ acha nas eſcólas.

Tudo, o que o *Anonymo* nos diz ſobre o Direito Civil, ſó póde ter ſerventia em hum memorial, que ſe déſſe ao Rey para a reforma dos eſtudos; e pouco aproveita aos eſtudantes, que naõ tem mais remédio, que ſeguirem os veſtigios dos Meſtres. Devo confeſſar com tudo, que me agrada muito o juizo forenſe de Roma, pela facilidade, com que nelle ſe acabaõ as demandas, acodindo-ſe por eſte modo á fadiga, e deſpezas dos litigantes, e á impaciencia, com que no noſſo Reyno ſe eſperaõ as ſentenças definitivas, depois de ſerem paſſados vinte, e trinta annos de combate.

Hoje attendem muy eſcrupuloſamente á brevidade dos pleitos as Provincias mais cultivadas: Alemanha, Inglaterra, Hollanda tem feito grandes eſforços para deſatar eſtes terriveis embaraços: o Rey da Pruſſia empregou muito cuidado neſta utilidade.

Porêm vejo, que França, que ſe pica da Naçaõ mais advertida, ainda conſerva eſta demóra nos ſeus Juizos: Montagne (2) accuſa a ſua meſma Naçaõ deſte defeito. Em Cyrene havia huma ley para condenar os trapaceiros a huma multa infame; (3) mas naõ ſey ſe para ſe dar a cada hum, o que he ſeu, que

(2) Lib. 2. cap. 12. (3) Puffendorf, Direit. da Natur. e das Gent. lib. 2. cap. 5. §. 3. not. 4.

Digitized by Google

que he todo o fim da Juſtiça, ſerá melhor o breve, que o dilatado decurſo das cauſas. Parece, que mais ſe deve eſperar de huma materia debatida, e em que tem trabalhado a advertencia de muitos Juizes, que de huma reſoluçaõ repentina. Seja, como for, que eu naõ decido a duvida, e ſó poſſo dizer com alguma experiencia, que ainda nas cauſas bem ventiladas ſe allucinaõ muitas vezes os Miniſtros com as interpretações da ley, e com a cavilloſa perſuaſaõ dos arrazoados; e quer tambem o *Anonymo*, que ſe caia no meſmo perigo pelo cêgo reſpeito, que ſe dá ao Código, ás Pandectas, e ás Inſtituições de Juſtiniano, affirmando, que eſte Principe pela ſua imprudencia, e inconſtancia era pouco habil para ſer Legislador.

Naõ ſe póde negar, que alguns Eſcritores lhe maculáraõ a fama com a narraçaõ de muitas acções indignas, que naõ ſe acórdaõ bem com os louvores, que lhe daõ os Juriſtas. Ha homens, que preſumem, que naõ deſempenhaõ o officio de Hiſtoriadores, ſem que digaõ mal dos varões inſignes, goſtando de adornarem a ſua Hiſtoria com vicios abomináveis.

Razões houvè, para que Juſtiniano padeceſſe eſta deſgraça; ou já procedida da humildade do ſeu naſcimento; (pois ninguem ignora, que elle ſubio ao Throno pela adopçaõ de ſeu tio Juſtino, homem de ſangue eſcuro, e que teve a vida de vaqueiro) ou pelas calumnias, que lhe moveõ o partido de

Digitized by Google

de Pompeio, e de Hypatio, que queria conſervar o Imperio na Caſa do Imperador Anaſtaſio; ou pela ſeveridade, com que pertendeo a obſervancia das ſuas leys, que lhe grangeou muitos inimigos; ou finalmente pelas ſuas victorias, que lhe motivárão implacáveis emulos.

Entre os Eſcritores, que mais maculárão a ſua opiniaõ, foy Procopio na ſua *Hiſtoria Secreta*, aonde o deſcreve, como hum dos mayores monſtros da natureza, chegando a proferir, que era filho de hum incubo, e verdadeiro demonio em fórma humana, e que os ſeus Camariſtas o virão algumas vezes na mais execravel figura, tendo a cabeça ſeparada do corpo. Porêm quanto mais Procopio apura o veneno da tinta, tanto mais ſe fazem incriveis, e ſe juſtificaõ as ſuas falſidades, eſpecialmente ſendo criado do Imperador, em cuja lingua ſe faziaõ mais horroroſas eſtas injurias, que naõ tinhaõ outro fundamento, ſenaõ a vingança de naõ deixar ſeu amo a ſua ambiçaõ ſatisfeita com os deſpachos, que elle pertendia; e toda eſta maldade ſe podia fiar de hum homem, que diſſe no livro I. da ſua *Hiſtoria Gothica*: = *Que era loucura andar trabalhando ſobre a crença das coizas Divinas; pois ſe devia deixar crer a cada hum, foſſe Sacerdote, ou leigo, o que melhor lhe pareceſſe.*

Evagrio he outro calumniador de Juſtiniano, e neſtes dois Authores he, que ſe fundáraõ todos os eſcritos, que ſahîraõ

raõ contra a posteridade deste Principe, que, aliás, por outras pennas mais circumspectas tem sahido defendida a sua memoria, lembradas talvez dos elogîos, que lhe fez Cassiodoro, S. Gregorio Magno, o Pontifice Agathon, e o Concilio Constantinopolitano III, que lhe chama Principe Christianissimo, Imperador de piedosa memoria, Monarca santo, e que está entre o numero dos Bemaventurados.

Naõ escapou aos Hypercriticos o famoso Treboniano, Jurisconsulto do mesmo Imperador, e a quem se attribúe a Collecçaõ do Direito Civil. Dizem, que a ordenou de sorte, que admittisse vários sentidos para terem lugar as interpretações, que elle quizesse dar a favor da parte, que o sobornasse com mayor somma de dinheiro; e na verdade, que me escandaliza, que assim nestas, como nas outras noticias, siga o *Anonymo* o partido mais cruel, quando se deve sempre seguir o mais piedoso no conceito dos homens illustres, especialmente depois que hum Escritor, como o P. Nicoláo Causino, desfez com a sua costumada eloquencia, e pureza de animo todas as sombras, que sobre esta materia arrojáraõ os Zoilos. Naõ posso omittir, o que diz este egregio Jesuita no *Epitome das acções de Justiniano.*

Elle foy, o que sobre todos os Imperadores mostrou hum zelo muy ardente na gloria de Deos, a quem dedicou a mais sumptuosa Igreja, que havia naquelle tempo

po em todo o mundo: elle, quem lhe conſagrou hum altar, adornado das mais preciosas pedras, e da mais magnifica riqueza, que em outra alguma parte ſe conhecia: elle, quem antes de todos publicou claramente pelos ſeus edictos a preeminencia do Papa ſobre todos os Patriarcas, e Biſpos do Univerſo: elle, quem cuidou affectuoſiſſimamente de todas as Igrejas do ſeu Imperio, e o que por todos os caminhos enriquecêo a Caſa de Deos: elle, quem deo grandiſſimas honras aos Biſpos, e o que ſe fez Pay, e Protector dos Moſteiros, Provedor dos hoſpitaes, Refugio de todos os neceſſitados, e Aſylo dos affligidos: elle, quem moderou todo o mundo com as ſuas ſantiſſimas leys: o que vingou, perſeguio, caſtigou os delictos, que reſpeitaõ á infecçaõ do povo: elle, quem toda a ſua vida fez guerra aos herejes, e manteve a gloria do Imperio Romano, que ſe achava muy abatido depois da morte de Conſtantino: elle, quem fez tremular os eſtandartes na Aſia, Europa, e Africa debaixo do nome de JESU Chriſto com força incomparavel, e com acontecimentos, que parece, que naõ podiaõ vir ſenaõ do Ceo: elle, quem deſterrou da companhia dos Chriſtaõs os feiticeiros, e infames, e que por todas as partes ſemeou os bons coſtumes: elle, quem fez florecer as letras, que remunerou os benemeritos, que eternizou as leys, e poz as armas na ſua mais elevada repu-

Digitized by Google

taçaõ: elle, quem ſempre ſe moſtrou zeloſiſſimo da juſtiça de Deos, ouvindo de ordinario por ſua propria peſſoa as partes com hum trabalho infatigavel: elle, quem perdoou as injurias, e recebeo em ſua graça os meſmos, que haviaõ intentado de o matar: o que Deos livrou de mil perigos, e traiçoẽs, e a quem coroou com huma larga idade, e infinitas bençaõs.

Deveſe-me deſculpar a extenſaõ deſte elogîo, para poder dizer ao *Anonymo*, que naõ condiz muito bem com elle a inconſtancia, e imprudencia, de que accuſa a Juſtiniano; e agora me ſeja licito o perguntar, a quem havemos de crer? A Procopio, a Evagrio, ao *Anonymo*; ou a Caſſiodoro, a S. Gregorio Magno, ao Papa Agathon, ao ſexto Concilio, e ao P. Cauſino?

Quer tambem o *Anonymo*, que ſejaõ injuſtas algumas leys deſte Imperador, e traz por exemplo, a que ordena, que percaõ a herança os herdeiros, *quos necem teſtatoris inultam omiſiſſe conſtiterit.* Como nos naõ argumenta com outras, naõ temos mais obrigaçaõ, que reſponder a eſta, e digo, que ainda que ella anda na Collecçaõ de Juſtiniano, naõ he propriamente ſua; pois havia perto de tres ſeculos, que tinha ſido conſtituida por Severo, e Antonino, tempo, em que eſtava gentilico o Imperio Romano, e que entre eſta Naçaõ era acçaõ glorioſa a da vingança dos inimigos. E no Imperio Catholico ſó ſe poderia reputar a meſma ley por injuſta,

Digitized by Google

juſta, quando ella diſpuzéſſe, que o herdeiro devîa vingar por ſi meſmo a morte do teſtador, o que talvez queira entender o *Anonymo* das palavras da meſma ley; porêm eſta intelligencia he muito alheya, da que ſe lhe dá na noſſa Univerſidade, e he tambem ignorar a Gloſſa de Accurſio ſobre a palavra *inultam*, aonde declara, fundado na *L.* 1. *Cod. de precib. Imperat. offerend.* que os herdeiros devem accuſar, e naõ vingar com a ſua propria authoridade o delicto do homicida. (4)

Dirá o *Anonymo*, que ſe os herdeiros foſſem homens de bem, ſerá contra a ſua honra o propôr eſta accuſaçaõ em Juizo, e que antes quereriaõ perder a herança, do que ſugeitar-ſe a eſta indignidade; porêm eſte ponto de honra he falſiſſimo, e eu quizéra perſuadir a todo o homem de bem, que ſe naõ deſacredita em ſe conformar com as leys da ſua pátria, antes ſerá diſcredito ſeu o deſprezálas.

No tempo da Republica Romana eraõ accuſadores dos delictos os homens de mayor nobreza, e de mais ſevéros, e inculpáveis coſtumes. Até os Catoens entráraõ neſte numero, e naõ ſe izentavaõ de ſerem accuſados os Dictadores, e os Conſules. Com eſte louvavel eſtylo ſe conſervou a Republica na mayor felicidade do ſeu governo; porque aſſim o plebêo, como o Magiſtrado, e o Patricio

[4] Ulciſci, enim debet ab hæredibus, accuſando homicidam. L. 1. Cod. de prec Imperat. offer. non ſua auctoritate occidendo.

Digitized by Google

cio ſe continha nos ſeus devîdos limites, conſiderando, que o povo, ou o Senado lhe tomaria conta das ſuas acções. O pundonor, que antigamente pertendeo eſtabelecer a Nobreza Franceza, em que cada hum devîa deſaggravar-ſe pelas ſuas proprias forças, poz em huma terrivel conſternaçaõ aquella Monarquia, ſem que os homens de mayor prudencia pudéſſem embaraçar os diſturbios, que ſe originavaõ deſte deſordenado conceito. Para deter de alguma ſorte hum furor taõ precipitado, ſe ajuntáraõ os Barões, e os Biſpos, e formáraõ debaixo de grandes penas aquella celebrada diſpoſiçaõ, de que ninguem deſde a quarta feira á noite de cada ſemana até a manhã da ſegunda feira ſeguinte pudéſſe fazer alguma hoſtilidade; e eſtas ſaõ as famoſas *tregoas*, que confirmáraõ depois quatro Concilios: memoria, que ainda ſe conſerva hoje em hum titulo das *Decretaes*; e por mais de dois ſeculos ſe conſentio o indigno reſto deſte terrivel abuſo, até que S. Luiz acabou de reduzir, e ſugeitar as paixões particulares ao Direito publico.

Naõ ſey como ao *Anonymo* lhe naõ pareceo tambem, que a noſſa *Ordenaçaõ* tinha alguma ley injuſta. A de tirar os filhos do poder da mãy, ſem eſta paſſar a ſegundas nupcias, naõ me parece muito piedoſa. Dizia Cataõ, (5) que poucas leys havia, em que naõ combateſſe o rigor com a equidade: por eſta cauſa ſempre concebî, que era melhor

(5) Apud Agrip. de Vanit. Scient. cap. 91.

Digitized by Google

lhor haver poucas leys, ſendo bem executadas. Quantas leys Agrarias fizeraõ os Romanos para conciliar a plebe com a Nobreza? Quantas leys ſumptuarias para regular o luxo? e todas ſem effeito. Naõ ha coiza, que mais arruîne hum Eſtado, que o deſprezo das leys.

Depois que Luiz o Grande promulgou a dos deſafios, a dos ladrões, a do exterminio geral dos Hugonotes, nunca eſtes delictos na ſua vida alcançáraõ indulto, e até os Senhores da primeira jerarquia naõ pudéraõ livrar ſe da execuçaõ.

Pertende o *Anonymo*, que para o eſtudo da Juriſprudencia ſeja neceſſario o da Hiſtoria Romana. Tenho ouvido dizer aos Meſtres, e Doutores da noſſa Univerſidade, que naõ diſcorrem, para que eſta Hiſtoria lhes ſeja preciſa; e aſſim tinha obrigaçaõ o *Anonymo* de lhes moſtrar com alguns exemplos a neceſſidade, que ſuppoem deſta noticia; porque iſto de documentos vagos pouco, ou nada perſuadem. He verdade, que os noſſos Meſtres confeſſaõ, que podem neceſſitar da meſma Hiſtoria para a intelligencia de algumas Leys; mas que eſtas ſaõ taõ poucas, que ſe naõ deve carregar a Faculdade com hum pezo taõ deſmedido.

Vejo, que póde importar ao Legiſta, ou para adorno, ou para melhor fundamento do Direito Romano: como, por exemplo, a noticia das leys de Romulo, a diviſaõ das Tribus, e authoridade da plebe, e a

do

Digitized by Google

do Senado, a inſtituiçaõ do Cenſo no Reynado de Servio Tullio: como ſe extinguîraõ os Reys, como ſe creáraõ os Conſules, os Tribunos Militares, e os do povo, os Pretores, os Cenſores, os Queſtores, os Ediles, os Duumviros, os Decemviros, os Dictadores, os Proconſules, e os poderes, e funçoes de todos eſtes Magiſtrados: as leys, que fizeraõ, como as Agrarias, e as Sumptuarias, a Oppia, a Orchia, a Tanitua, a Cornelia, a Valeria, a Manilia, a Terentila, a Licinia, &c.

Que coiza eraõ Decretos, Senatuſconſultos, Plebiſcitas, e leys das doze Táboas, e tudo o mais, que reſpeita a eſte aſſumpto, de que a minha brevidade naõ conſente fazer mais larga mençaõ. Porêm nada importa ao Legiſta o ſaber, como os Sabinos, os Latinos, e os Albanos ſe confundîraõ com os Romanos, nem como a Republica ſe fez Senhora da Europa, da Aſia, da Africa com as ſuas armas, e politica, nem como tratou a guerra Jugurthina, e huma, e outra Punica, nem do que C. Ceſar obrou nas Heſpanhas, e nas Gallias; Scipiaõ na Africa, Pompeio com os Piratas, e com Mithridates; nem dos ſucceſſos de Mario, de Sylla, dos Gracchos, da conjuraçaõ de Catilina, e outras acçoes da Republica, e Imperio, de que ſe compoem o corpo da Hiſtoria Romana; termos, em que ſe póde dizer, que ſe naõ verifica a propoſiçaõ generica de ſer neceſſaria ao Direito Civil, baſtando ſó a Hiſtoria deſte Direito para dar a preciſa inſtrucçaõ aos ſenhores Juriſtas,

Digitized by Google

Juriſtas, ao meſmo tempo, que receyo, que ainda deſta tenhaõ muitos pouco conhecimento.

Julga tambem o *Anonymo*, como huma idéa impoſſivel, o fundar-ſe hoje huma Republica com a ſeveridade da Eſpartâna, e com a liberdade da Romana. Eu naõ quero agora averiguar a bondade, ou os defeitos deſtes dois famoſos governos: affirma-ſe ſómente, que nada teria de impoſſivel eſte intento, ſe houveſſe, quem o produziſſe. Pois o obſtaculo de ſerem os homens modernos differentes dos antigos, (que he, no que o *Anonymo* imagîna a difficuldade) naõ ſeria difficil o vencêlo; porque ſe os coſtumes fazem outra natureza, tambem a natureza póde fazer outros coſtumes. A preſumpçaõ, de que os antigos eraõ mais robuſtos, que nós, he falſiſſima. Nós ſomos da meſma conſtituiçaõ, que foraõ os outros, e ſó ha a differença, de que elles foraõ mais ſobrios: os noſſos deſmanchos he, que nos encurtaõ a vida, e nos tiraõ as forças; e aſſim digo, que ſomos capazes de todo o trabalho, e de todo o esforço, e falta ſó o arquitecto, que deſtes materiaes pertenda formar o edificio.

Aquelles Jeſuitas, que pela ſua imaginada fraqueza naõ podiaõ ir a pé do Collegio de Coimbra para a quinta de Villa Franca, em que naõ ha mais diſtancia, que hum quarto de legua, caminháraõ muitos dias tambem a pé pelos horriveis areáes da Ethiopia, levando ás coſtas a matalotagem dos

Patriar-

Digitized by Google

Patriarcas, e fervendo o Sol ſobre as ſuas cabeças. (6)

Mas parece, que quer o *Anonymo*, que fundemos huma nova Republica, ou huma Monarquia nova debaixo dos preceitos, que nos dá neſta *Carta*. Grande Republica he a de Plataõ, e grande Monarquia a de Cyro, ideada por Xenophonte; e qualquer dellas he huma idéa bem digna de ſe pôr em prática; porêm ainda me agrada mais a do inimitavel Fenelon, diſpoſta pelo velho Mentor nas Aventuras de Telemaco.

Dirá o *Anonymo*, que iſto he fallar para o vento: eu digo o meſmo, e com a meſma juſtiça de quaſi tudo, o que elle nos propoem neſtes dois volumes. O meſmo *Anonymo* reconhecerá talvez, melhor do que eu, que em quanto nos adverte, falla debalde; porque ſem outros meyos mais urgentes, que os conſelhos das ſuas *Cartas*, ſe naõ póde eſperar a grande difficuldade de mudar huma Naçaõ inteira dos ſeus *prejuizos*, que he palavra, de que uſa o *Anonymo* em lugar de preoccupações. (7)

Poriſſo ſe murmura, que todo o ſeu projecto foy deſacreditar-nos com o pretexto das advertencias, dando-nos na cara com a noſſa ignorancia, ou querendo moſtrar, que ſabia

[6] Telles na Hiſtoria Ethiopica.

[7] Dico ego, tu dici, ſed denique dixit, & ille:
Dictaque poſt toties, nil, niſi dicta vides.

Cu fallando em Portuguez: Tu dizes, eu digo, e aquelle tambem diz, o que lhe occorre; e depois de tantos ditos, nada reſta mais, que vozes.

Digitized by Google

ſabia mais, do que nós; o que he contra a doutrina, que nos dá neſta meſma *Carta*, pag. 149. dizendo-nos: *Que hum homem verdadeiramente douto, e que tem penſamentos proporcionados, naõ deve moſtrar exceſſo com as peſſoas, com quem falla.* Donde ſe ſegue, que fallando elle entre nós *com tanto exceſſo*, nem tem penſamentos proporcionados, nem he homem verdadeiramente douto: *De ore tuo te judico.* (8)

THEOLOGIA.

AInda que no corpo deſte capitulo ſe manifeſta ſufficientemente o ſentido, em que fallo, para mayor ſegurança, e para evitar melhor o reparo de alguns eſcrupuloſos, declaro, que por Theologia Eſcolaſtica, contra a qual aqui ſobſcrevo ao *Anonymo*, naõ entendo aquella veneravel Faculdade, que das verdades reveladas, e algumas naturaes deduz as ſuas concluſoẽs com eſtylo arguitivo, e dialectico, da qual muito antes do Meſtre das Sentenças, Santo Thomás, e Eſcoto, tiveraõ algum uſo os antigos Padres, como S. Juſtino Martyr na *Apologia pro Chriſtianis*, S. Clemente Alexandrino nos *Eſtromas*, Euſebio na ſua *Preparaçaõ Evangelica*, os Santos Biſpos Athanaſio, e Hilario contra os Arianos, S. Jeronymo contra Helvidio,

(8) Luc. cap. 19. v. 22.

Digitized by Google

vidio, Joviniano, Sigilancio, e Santo Agoſtinho contra os Academicos Manichêos, Donatiſtas, e Pelagianos; e cuja utilidade, e neceſſidade para convencer os inimigos da Fé reconhecêo, e confeſſou muitas vezes a Igreja pela voz dos ſeus Oraculos, até condenar o contrario nos erros de Vviclef; e ſó entendo aquella, que pelo decurſo dos annos foy lentamente introduzindo nas eſcólas, eſpecialmente de Heſpanha, e Portugal, o abuſo dos Meſtres Peripateticos, cheya de queſtões, meramente metaphyſicas, e de muitas ſubtilezas, que mais ſervem para a oſtentaçaõ, que para a utilidade; e poriſſo juſtamente o reprováõ muitos Authores, naõ menos doutos, que pios, e o que he mais, profeſſores do ſyſtema de Ariſtoteles, como Melchior Cano, Gravezon, Gotti, Serry, e outros, cuja doutrina, praticada já nas aulas de Portugal, ainda antes que o *Anonymo* nos enviaſſe o ſubſidio do ſeu *Methodo*, tem produzido alguns actós literarios, nos quaes, reſtituîda á ſua antiga pureza, tem feito a verdadeira Theologia fermoſiſſimo papel. I>

Se a Theologia he huma ciencia, que enſina a conhecer, a defender, e ſuſtentar as verdades da noſſa Religiaõ, bem pouco attendem a eſta definiçaõ os noſſos Theologos; pois debaixo deſte nome eſtudaõ huma coiza, que parece, que he menos Theologia, do que Metaphyſica: eu aſſim o julgo, por mais que me digaõ, que eu offendo com eſte conceito a huns Varões taõ veneráveis na Igreja,

Digitized by Google

Igreja, como Santo Thomás, e Eſcoto, que ſaõ os Coryphêos da Theologia Eſcolaſtica, e de quem os noſſos meſmos Theologos dizem, que ſeguem a doutrina. Oxalá, que aſſim como elles o dizem, tambem o executáraõ, e naõ quizeraõ cobrir com o manto do Doutor Subtil, e com a capa do Angelico aquellas queſtões inuteis, que eſtaõ continuamente ſahindo das delicadezas Peripateticas.

Empenha ſe o *Anonymo* em moſtrar, que eſta Theologia, que ſe aprende nas noſſas Univerſidades, e que ſe funda no eſtylo das eſcólas Arabicas, naõ tem alguma utilidade; pois naõ ſerve para explicar claramente os dogmas da noſſa Religiaõ, nem para convencer os herejes. Deſde que eu li a *Hiſtoria Eccleſiaſtica*, ſempre deſejey influir eſta verdade aos Portuguezes, e o *Anonymo* o faz com tanta evidencia, que ſeria eſcuſado, que eu introduziſſe entre as ſuas, algumas das minhas reflexões; mas como naõ terey melhor occaſiaõ de eſcrevêlas, direy com a brevidade coſtumada, o que me parece, ſe he, que hum leigo póde ſem temeridade meter-ſe em materia taõ ſublîme.

Ninguem póde duvidar, que a relaxaçaõ, aſſim da doutrina, como da ciencia Sagrada, teve a ſua origem no capricho de muitos Doutores, que ſe apartáraõ do methodo, que nos ſeus eſcritos obſerváraõ os Santos Padres, querendo moſtrar mayor agudeza, e engenho nos ſeus eſcritos; e para ſe ſaber ſe eſtá relaxada eſta diſciplina, e eſta

Digitized by Google

ciencia, naõ ha mais, que cotejála com a dos primeiros Doutores da Igreja.

Todos os Padres daquelle tempo, que eſcrevêraõ Theologia, foy ſó para combaterem as hereſias da ſua idade, e nella, (como bem adverte o *Anonymo*) ainda o Peripato naõ era conhecido no mundo Chriſtaõ, donde ſe prova, que ſem o methodo dos Arabes, ou foſſe a Theologia Eſcolaſtica, Poſitiva, ou Polemica, muito bem ſe podiaõ convencer os herejes.

Diraõ os Peripateticos, que por aquelle modo ſe combatem melhor; pois allî tem mais força os argumentos: eu deixára paſſar eſte conceito, ſe foſſem hoje os Arabes, os que ſe puzéſſem em campo com a Philoſophia Ariſtotelica contra os principios fundamentaes da noſſa Fé; mas eſte eſpectaculo ſó ſe logrou em tempo de Santo Thomás, e poriſſo eſte Santo ſe valêo da meſma Philoſophia para vencer os inimigos da Igreja com as ſuas proprias armas, empreza bem digna do ſeu profundo talento, e dilatada ſabedoria.

Hoje os Arabes nem ſaberâõ talvez o nome ao Eſtagirita; porque eſtaõ reduzidos ao mayor deſconhecimento das ciencias; e os emulos das noſſas verdades, quaes ſaõ os ſucceſſores de Luthéro, de Calvino, de Zvvingle, &c. naõ ſe armaõ de ſemelhantes ſubtilezas para os ſeus combates: elles ſabem taõ perfeitamente a Biblia, aſſim no original, como nas verſoẽs, e os eſcritos dos Santos Padres,

Digitized by Google

Padres, aſſim Gregos, como Latinos, como o póde ſaber o mais habil Theologo da noſſa cómunhaõ; e aſſim deſde quaſi o meyo do decimoſexto ſeculo, em que eſtas hereſias ſe foraõ eſtendendo pela Europa, de que tem recebido baſtantes vapores a Aſia, a Africa, e a America, deviaõ os noſſos Theologos depoſitar eſta eſpecie de Theologia, e veſtirem-ſe de outras armas para pugnarem com eſtes novos combatentes, que naõ fazem caſo do ruído das eſcólas, reconhecendo, que a victoria naõ eſtá nas vozes, mas na execuçaõ das feridas.

O P. Bluteau, (1) que tinha baſtante conhecimento deſtes combates, diſſe muy claramente aos Portuguezes: *que a Theologia Eſcolaſtica tinha pouca utilidade para a confutaçaõ dos herejes.*

E ſe voltarmos para os herejes antigos, e para o methodo, com que os Padres entravaõ na batalha, ſe conhece evidentiſſimamente, que nunca ſe aproveitáraõ das ſubtilezas da eſcóla, em que os noſſos Portuguezes preſumem tanto esforço; porque entendêraõ, que naõ havia armas mais invenciveis, que a Tradiçaõ, e a Eſcritura.

O Abbade de Fleury nos diſcurſos da ſua *Hiſtoria Eccleſiaſtica* nos traz á memoria, de que elles provavaõ, como por exemplo, a Trindade contra os Sabellianos, Arianos, e Macedonianos, moſtrando lhes, que JESU Chriſto fora ſempre adorado pelos

(1) Verb. = Theologia = no Vocabular. Portug.

Digitized by Google

los Chriſtaõs, como ſeu verdadeiro Deos; e tiravaõ eſta demonſtraçaõ das Apologias, e Actas dos Martyres, e pelos teſtemunhos dos meſmos Pagaõs, como a carta de Plinio a Trajano, e as objecções de Celſo, e do apoſtata Juliano: daqui paſſavaõ á evidencia, de que a Ley Chriſtã naõ admittia, mais que hum Deos, e aſſim deviaõ ſer o meſmo Deos JESU Chriſto, e ſeu Eterno Pay. Que o Filho, ſendo Deos, devîa ſer perfeitamente igual, e ſemelhante ao meſmo Pay: de outra ſorte haveria dois Deoſes; e ſe foſſe menor, que o Pay, já naõ podia ſer Deos, ſenaõ creatura, e eſta, por mais ſublîme que foſſe, nunca podia encher a idéa, que a Biblia nos dá do Filho de Deos.

Moſtravaõ tambem: Que o Eſpirito Santo era igualmente Deos, procedido de ambos; porque em nenhuma parte da Eſcritura ſe lhe chama Filho; e ſe vê com a meſma igualdade nomeado na fórma do Bautiſmo.

Pelo meſmo eſtylo provavaõ a Encarnaçaõ contra Ebion, e Paulo de Semoſates, que diſſeraõ, que Chriſto era hum puro homem. Contra os Docitas, e Manichêos, que lhe davaõ ſó a apparencia humana: contra Apollinario, que diſcorria, que o Verbo eſtava em lugar da Alma de Chriſto.

A Graça ſe provava com a meſma ſingelleza contra os Pelagianos, que affirmáraõ, que todas as obras meritorias ſe deviaõ ao livre arbitrio: eſte era tambem o modo, com que juſtificavaõ o Myſterio da Euchariſtia, e

mais

Digitized by Google

mais Sacramentos contra os Donatiſtas, tudo com a Eſcritura, e Tradiçaõ, ſem algum principio metaphyſico.

Eſta he a verdadeira Theologia, que a outra ſó, mais que tudo, ſerve de atroar as aulas; e ſenaõ figuremos, de que ſorte ſe haverá hum Theologo da noſſa terra, fundado ſó nas ſubtilezas da eſcóla, com hum Lutherano, ou Calviniſta.

Chega, como por exemplo, ao Sacrificio da Cruz, e a diſputa de mayor applauſo, que daqui extrahe o ſeu diſcurſo, e que anda agora muy valîda na noſſa Univerſidade de Coimbra, he: Se a morte de Chriſto podia ſer voluntaria, obedecendo ao Decreto do Eterno Pay? Mas o Calviniſta, ou o Lutherano naõ ſe detêm neſtas delicadezas Theologicas, nem lhe importa a ſabida diſtinçaõ de *in ſenſu diviſo*, *aut in ſenſu compoſito*: entra no fundo, e na ſubſtancia da doutrina, e reduz toda a diſputa, a ſe eſte Sacrificio foy baſtante para a noſſa total juſtificaçaõ: ſe eſta ſe conſegue por huma juſtiça propria, ou imputada, externa, ou inherente: ſe devemos ajuntar as noſſas obras aos merecimentos de Chriſto; e ſe para nos juſtificarmos baſta a Fé ſem as boas obras.

Pertenderá o hereje, que o Sangue de Chriſto derramado na Cruz he, o que totalmente nos juſtifica, e para iſſo allegará o texto do Apoſtolo: (2) *Chriſtus factus eſt nobis juſtitia, & ſanctificatio.* Dirá tambem,

(1) 1. ad Corinth. cap. 1.

bem, que a juſtiça, com que nos ſantificamos, naõ nos he propria, e inherente, mas externa, e imputativa, e que ſaõ ſuperfluas as boas obras, eſtando cobertos os noſſos peccados do infinito merecimento de taõ precioſiſſimo Sangue, e que aſſim baſta a Fé ſem obras, para ſe produzirem os effeitos do Sacrificio, e ficarmos por elle juſtificados. Aqui ſe allegaráõ os dous famoſos textos do meſmo S. Paulo: (3) *Non juſtificabitur homo ex operibus Legis, niſi per fidem JESU Chriſti.* (4) *Arbitramur hominem juſtificari per fidem ſine operibus legis.* E dos Actos dos Apoſtolos: (5) *In Chriſto omnis, qui creditur, juſtificabitur.* E ſe o Theologo naõ for Dogmatico, q̃ repoſta dará a eſte argumento poſitivo? Recorrer ás diſtinções, e deſtrezas da Dialectica, he o meſmo, que com palavras querer ſuſpender a furia das armas offenſivas.

No meſmo aperto ſe verá o Eſcolaſtico com o ſeu diſcurſo eſpeculativo, ſe o hereje entrar na diſputa, de ſe ha Tradiçaõ Divina, e Apoſtolica; e ſe he neceſſario, que a Igreja ſeja univerſal, unifórme, e viſivel: ſe o Pontifice Romano he a ſua unica, e legitima Cabeça: ſe ha Purgatorio: ſe o Inferno conſiſtirá ſó na apprehenſaõ: ſe he culto religioſo, ou idolatrîa a veneraçaõ, que damos ás imagens ſagradas: ſe ha mais Sacramentos, que o Bautiſmo, e Euchariſtia: ſe a Miſſa he verdadeiro Sacrificio da Ley da Graça: ſe ha theſouro eſpiritual na Igreja: ſe

(3) Ad Galat. cap. 2. [4] Ad Roman. cap. 8. [5] Cap. 15.

Digitized by Google

se as Indulgencias livraõ da pena, &c.

E sendo hum discurso metaphysico taõ pouco habil para sugeitar aos inimigos domesticos, muito menos o será para reduzir os estranhos, como Atheistas, Cyrenaicos, Deistas, &c.

Já disse, que duvidava, que houvesse gente, que negasse a natural evidencia de hum Ente Increado, e fallo de alguma Naçaõ inteira, e naõ de individuos extraordinarios; porque algumas vezes tem apparecido estes monstros da natureza. Naõ ignoro, que diz Juricu, (6) que a Naçaõ dos Cannibales conhecia taõ pouco huma Divindade superior, que presumia, que o delicto mais enorme lhe naõ podia gravar a conciencia; porêm eu quizera esta noticia de outro Author menos suspeitoso; pois naõ he desamparada a opiniaõ, que hum Calvinista naõ está muito longe de ser Atheista. Tambem sey, que todos os discipulos de Argesiláo, e de Pyrrhon grangeáraõ o conceito de hum rigoroso scepticismo, presumindo-se delles, que até chegavaõ a duvidar da sua propria existencia; porêm outros observáraõ, que elles defendiaõ huma doutrina, que naõ seguiaõ.

Ha tambem quem refira, que entre as Nações do Cabo da Boa esperança se conhece a dos Hottentors, que naõ admitte Divindade alguma, e talvez, que por esta causa se veja notada nos Mappas modernos; porêm esta gente he taõ semelhante aos brutos, que

Cc se

(6) No Tract. do Direito dos dous Soberanos.

Digitized by Google

ſe deve envergonhar o Atheiſta de a ter por companheira.

Eſpinoſa, e Vanini, que ſaõ os dois Coryphêos do Atheiſmo, bem podiaõ pertencer á meſma eſpecie, e juntamente Caſimiro Liſzynki, que depois de queimado em Polonia, lhe metêraõ as cinzas em huma peça de artilheria, e as diſpáraõ para as partes da Tartaria, pertendendo os Polonezes livrar por eſte modo a ſua terra deſtas infames reliquias.

Para ſe introduzir o lume da razaõ em hum diſcurſo taõ tenebroſo, bem ſe vê a pouca ſerventia, que teraõ os argumentos, e queſtões eſcolaſticas: naõ ſó he neceſſaria huma Theologia ſólida; mas huma Philoſophia ſeſuda.

Deſcartes naõ tem mayor jactancia na ſua Philoſophia, que perſuadir-ſe, que prova evidentiſſimamente a exiſtencia de Deos com o célebre principio, *de que podendo ſe aſſegurar de huma coiza tudo, o que ſe contém na idéa, em que ella ſe repreſenta, e que repreſentando-ſe na idéa, que ſe concebe de Deos, hum Ser infinito, e perfeito, ſegue ſe, que exiſte eſte Ser perfeito, e infinito.*

Porêm o Atheiſta reſponderá, que ainda falta provar, que eſſa idéa ſeja verdadeira; e ſem eſta prova, fica reduzido todo eſte recómendado penſamento a hum puro paralogiſmo.

Nem o methodo, que o *Anonymo* nos traz na *Carta da Phyſica*, em que diz, ſe

se deve mostrar ao Atheo, que o mundo fora creado em tempo, e que a sua creação não fora casual, mas com summa advertencia por alguma causa intelligente, tem mais força, que o principio de Descartes; pois tambem lhe falta o dar nos as provas para se estabelecerem estas duas proposições.

Melhor me parece o designio de conduzir o Atheista desde a mais infima até a mais alta creatura, para ser isto a dar em hum Ente increado; pois, ou se ha de confessar este Ente, ou admittir huma infinita producção de entes; ao que me parece, que nenhum juizo reflexivo se póde capacitar.

Porêm se o houver tão desbaratado, que a siga, ainda procede com a mesma força a demonstração; porque toda esta infinidade de entes vay supponendo hum ente, produzido de outro ente: se esta infinita producção procede de hum ente produzido, damos em huma idéa inconcebivel: De algum ente improducto, estamos na existencia de hum Deos.

Quanto a mim julgo por superfluo todos os argumentos Theologicos, e Philosophicos para convencer os Atheistas: tudo quanto ha dentro, e fóra do homem, está clamando a existencia de huma superior Divindade: o natural temor, que o Atheista tantas vezes experimenta, ou nas trovoadas, ou nos perigos, ou nas doenças, o está continuamente desenganando das quyméras, que elle finge no pensamento.

A ſua meſma conciencia he o mais forte argumento para deſtruir a ſua negaçaõ. Em ſe me dizendo, que ha algum Atheiſta, ou o ſupponho louco, ou que falſifica o ſeu coraçaõ nas ſuas vózes.

Os Cyrenaicos, que negaõ a immortalidade da alma, tambem naõ acharáõ nas ſubtilezas da eſcóla alguma demonſtraçaõ, que os cõmova. He neceſſario fallar-lhes por outro eſtylo, e moſtrar-lhes, que confeſſando elles, que ha Deos, que o naõ póde haver, ſem que ſeja ſummamente juſto, e providente; e que perderia eſtes taõ eſſenciaes, como admiraveis attributos, ſe deixaſſe acabar os impios ſem o merecido caſtigo, e os bons ſem o devido premio: que, deſtes ha muitos, que vivem vexados, e ainda mais dos outros, que vivem proſperos; logo he preciſo, que haja outra vida, em que ſe dê a cada hum, o que elle merece. (7)

Concedido, que a alma ha de viver, ao menos algum tempo depois da ſeparaçaõ do corpo, para receber ou o premio, ou o caſtigo conforme o ſeu merecimento, tambem he innegavel, que ſe nella ſeparaçaõ tem alguma vida, que eſta vida ha de ſer eterna; porque naõ tem contrario, que a deſtruía. A conſequencia, que ſe tira da ſua immaterialidade, tambem he fortiſſima; e naõ menos a da alegria, que concebe no exercicio das virtudes, e a do

(7) Fili, recordâre, quia recipiſti bona in vita tua, & Lazarus ſimiliter mala. Nunc autem hic conſolatur, tu verò cruciaris. Matth. c. 16. v. 25.

Digitized by Google

a do horror, q̃ padece no dos vicios: o naõ poder chegar ao gráo da perfeiçaõ, em quanto viadora, he outra evidencia do ſeu ſer immortal.

Pelo meſmo modo, e naõ com agudezas eſcolaſticas ſe moſtra aos Deiſtas, (que negaõ todo o genero de Religiaõ, ſuppondo, que baſta adorar a Deos com hum culto interno) que nenhum mortal póde comprehender o modo, com que o meſmo Senhor quer ſer adorado, e ſervido; e ſendo neceſſario, que Deos o revéle, bem ſe vê, que ha neceſſidade de huma Religiaõ revelada, em que o noſſo Creador ſeja ſervido, e adorado ſegundo a alta diſpoſiçaõ da ſua Divina Mageſtade.

Deixo de ponderar outros argumentos, que ſe diſpoem contra os Turcos, Judêos, Indifferentiſtas, Libertinos, &c; mas ainda que exceda a minha brevidade, naõ me atrevo a paſſar em ſilencio, o que ſe funda naquelle formidavel prejuizo de negar-ſe a Divindade, a Immortalidade, e a Religiaõ revelada. Pois ſendo certo, que ninguem poderá provar legitimamente, que naõ ha hum Ente improducto, que a alma naõ he immortal, e que he quymérica qualquer Religiaõ; com tudo quero permittir a eſta gente por hum inſtante, que por huma, e outra parte haja huma grande duvida; e ſe nós nos enganamos em crer, que ha Deos, que ha Immortalidade, que ha Religiaõ revelada, tambem elles ſe podem enganar em ſe perſuadir, que nada diſto ha, e ſe o houver, em que eſtado

Digitized by Google

estado se achará a alma do Atheista, do Deista, do Cyrenaico? Terrivel ponderaçaõ! Ella tem a mesma força para todos os herejes modernos, que defendem, que na Religiaõ Romana tudo taõ ceremonias superfluas: e se estas ceremonias forem essenciaes? Lastima he, que em materia de tanto pezo, como a da salvaçaõ, ou condenaçaõ eterna, naõ se eleja o mais seguro.

Eu entendia, que o meu fraco juizo tinha sido o author desta inexpugnavel instancia; mas ao depois conheci, que he hum dos pensamentos mais illustres, que se celebraõ em Monsieur Pasqual, que tambem naõ conseguio a gloria de ser novo, porque se acha no *Phedon* de Blatoõ.

Naõ póde toleran o *Irmaõ Arsenio*, que diga o *Anonymo*, que a Theologia Escolastica he prejudicial aos dogmas da Religiaõ; e bem que se mostre com toda a evidencia na *Reposta* das *Reflexões* a verdade desta proposiçaõ, seja-me permittido, que eu lembre aos senhores Escolasticos o scisma, que no decimoquarto seculo se levantou entre os Frades Menores, que dividio a sua Religiaõ em dois partidos: hum com o nome de *Espirituaes*, outro de *Observantes*, fazendo-se esta escandalosa disputa nas subtilezas do Peripato.

Os *Espirituaes*, com o pretexto da perfeiçaõ, desprezaraõ as ordens dos seus superiores, bem que o Papa Joaõ XXII. lhes declarasse, que a Obediencia he a mayor virtude

tude dos Religiosos: elles interpretáraõ a voz do Oraculo, affirmando, que quando os Prelados intimavaõ algum preceito contra a perfeiçaõ, naõ deviaõ ser obedecidos. Esta idéa os encaminhou a outra da mesma especie, e aproveitando-se dos refinamentos escolasticos, se metêraõ nas questões: Se a Regra obrigava com peccado mortal, ou venial: se tinhaõ nella tanta força os conselhos do Evangelho, como os preceitos: se o mandato do superior tinha mais efficacia, que a admoestaçaõ, &c. e para estas, e outras semelhantes thesis he, que se estudava nas escólas, deixando ao mesmo tempo cursar descançadamente as heresias do seculo.

As demaziadas forças, que se empregáraõ nestes combates, fizeraõ estes Frades taõ precipitados, e taõ indóceis aos avisos da Igreja, que obrigou ao mesmo Pontifice a declarálos por herejes, de que elles appellaráõ para hum Concilio futuro, chegando a tanta desordem, que patrocinados pelo Imperador Luiz de Baviera, arrancáraõ do Throno ao referido Pontifice, e collocáraõ em seu lugar a Pedro de Corvara, hum dos seus partidarios, com o nome de Nicoláo V.

Eisaqui no que paráraõ tantas subtilezas Theologicas, que nunca parecêraõ mais Arabicas, do que neste sedicioso procedimento; e dellas hia tambem nascendo no nosso Reyno o Scisma Antisigillistico; pois com o mesmo pretexto da perfeiçaõ Christã esteve a pique de se relaxar o mayor propugnaculo

da

da noſſa Fé no abiſo: do confeſſionario, ſe as vigilantes Atalayas da noſſa Religiaõ, e a ſua ſuprema Cabeça naõ acodiſſem com o remedio, antes de ſe arreigar o veneno.

Se reflectirmos no methodo, com que os Santos Padres exercitavaõ a Theologia, bem ſe verifica, o que nos adverte o citado Abbade de Fleury, (8) de que a Theologia era tratada com mais ſeriedade, e nobreza por eſtes Paſtores taõ occupados, que pelos Doutores ocioſos, que ſó procuráraõ ſubtilizar, e encarecer novas queſtões huns ſobre os outros. Que aquelles Santos Biſpos nunca eſcrevêraõ Theologia ſem neceſſidade, e medindo com ellas as hereſias, que eraõ obrigados a combater.

Mas já que toquey em huma propoſiçaõ daquellas, que o *Irmaõ Arſenio* accuſa por dignas de huma grave cenſura, e o *Anonymo* lhe reſervou a repoſta para o lugar da Theologia, parece-me, que tambem devo dizer alguma coiza ſobre eſta accuſaçaõ, ainda que o *Anonymo* naõ neceſſita deſte auxilio, pelo bem que ſuſtenta a ſua palavra, e poriſſo tocarey ſómente, no que ſe poſſa fazer algum additamento á ſua ſatisfaçaõ.

Quanto á primeira propoſiçaõ cenſurada, de que o peccado de Adam nos trouxe por caſtigo ſermos ſugeitos ao engano, digo, que o P. Bento Pereira nos pondéra, (9) que com huma eſpecial aſſiſtencia de Deos gozava o homem de ſeis grandes bens no eſtado

[8] Diſc. IV. ſobre a Hiſtor. Eccleſ. art. 10.

Digitized by Google

do da innocencia. Naõ se enganava a sua intellecçaõ nas coizas singulares: detinha-se a sua vontade na eleiçaõ dos actos desordenados: apartava-se da sua fantasia tudo, o que podia contaminála, perturbála, e confundîla: reprimia se o appetite sensitivo, para que naõ fosse cõmovido, do que devîa fugir, ou abraçar antes do juizo da razaõ.

Toda esta saudosa felicidade se perdeo com a culpa, donde se origináraõ aquelles enganos, que os homens successivamente experimentaõ em quasi todas as suas acções; e assim naõ póde deixar de se confessar, que pelo primeiro peccado ficámos sugeitos, naõ só a hum, porêm a muitos enganos; e quem disser o contrario, he, que se faz digno de huma grave censura.

A segunda proposiçaõ coincide com esta, e tem quasi a mesma reposta.

A quarta, de tal sorte a enreda o *Irmaõ Arsenio* com as suas distinções metaphysicas, que ainda sendo taõ confusas, e intricadas, bem se conhece, que he só o seu intento desordenar a singelleza das palavras, de que *a natureza humana de Christo, unida á Pessoa do Verbo, naõ he Pessoa humana, mas Divina.*

[9] Ea verò assistentia Dei sex magna bona prestabat. Primò: servabat intellectum, ne deciperetur, circa singularia... Tum continebat voluntatem ne eligeret actos inordinatos: deinde arcebat à phantasia hominis omnia, quæ eam confundere, perturbare, & contaminare potuissem: ad hæc cohibebat appetitum sensitivum, ne ante judicium rationis ad aliquid appetendum, vel fugiendum commoveretur. Lib. 3. de Stat. Innocent. cap. 2.

A noſſa Fé nos enſina, que ſe daõ em Chriſto duas naturezas: huma humana, que recebeo de ſua Mãy; outra Divina, que lhe cõmunicou o Eterno Pay. Neſtas duas naturezas ha huma ſó Peſſoa, que preciſamente deve ſer Divina, e naõ humana; porque he a Hypoſtaſis do Verbo.

Saõ palavras de Cornelio, (10) e parecem de Eutyches, e naõ de hum Theologo Eſcolaſtico, como o *Irmaõ Arſenio*, as *de que homem, e peſſoa humana ſaõ ſynonymos*, como elle nos diz nas ſuas *Reflexões*; porque Chriſto naõ he peſſoa humana, e he verdadeiro homem.

Eſtou paſmado, de que hum Meſtre, ou Profeſſor de Theologia proferiſſe ſemelhante abſurdo; e ainda me paſmo mais, de que chegaſſe a paſſar do manuſcrito para a imprenſa.

Mas para fazer juſtiça direita, eu nunca diſſera, que *a natureza humana, unida á Peſſoa do Verbo, naõ he Peſſoa humana*; porque parece, que he ſuppôr, que da meſma natureza, que ſe unîa, pudéra reſultar peſſoa, ainda que fôſſe Divina; o que ſe naõ crê, nem ſe póde conſiderar na uniaõ hypoſtatica; porque no altiſſimo Myſterio da Encarnaçaõ naõ podia haver mais peſſoa, do que a Peſſoa do Verbo, a que ſe unîo a humana natureza, ficando Chriſto por eſte modo verdadei-

ro

(10) In Chriſto eſſe duas naturas, ſcilicet, humanam, hanc enim ſolum ei dare potuit Virgo Mater; & Divinam, quam ei ſolus communicavit Pater; ſed unam Perſonam, ſcilicet, non humanam, ſed Divinam; puta hypoſtaſin Verbi. In Luc. cap. 1. v. 43.

Digitized by Google

ro homem, e verdadeiro Deos; porêm homem com Peſſoa Divina, e Deos ſem humana Peſſoa. He neceſſario muita advertencia nos termos Theologicos; pois muitas vezes em huma palavra ſe póde explicar huma verdade, ou proferir huma hereſia.

Na ſetima propoſiçaõ, de que a Theologia, fundada ſobre as fórmas ſubſtanciaes, e accidentaes, he prejudicial aos dogmas da Religiaõ; devo cumprir, o que já deixo promettido, que he fallar outra vez deſtas fórmas Ariſtotelicas; e como tenho tocado no prejuizo, que á Religiaõ ſe podia ſeguir, de ſe fundar a Theologia neſtas ſubtilezas, e queſtões inuteis, agora me cingirey ao exame deſtas imaginadas ſombras da noſſa Philoſophia.

Diz o Peripato, que a fórma he a raîz de todos os accidentes; e deſprezando o infórme mais ſuave dos ſentidos, ſe perſuade, que os oſſos, a carne, a pelle, os dentes, emfim toda a figura de hum corpo vivo, já naõ he numericamente a meſma depois de morto; porque tudo ſe deſtruîo, e paſſou á outra fórma, a que chamaõ cadaverica.

Qualquer minima particula de hum corpo vivo, pela ſua opiniaõ, tem ſua fórmazinha particular, e he neceſſario, que depois da morte haja tambem em lugar de cada huma deſtas outras particulares formazinhas diſtintas das antecedentes. E ſe ſaõ diſtintas, e naõ ſaõ numericamente as meſmas, (per-

Digitized by Google

guntaõ aqui os Philoſophos modernos) como podem os Catholicos dar veneraçaõ ás reliquias dos córpos ſagrados? Aquelle oſſo de hum Santo Thomás: aquella cabeça de hum Santo Anaſtaſio: aquelle ſangue de hum S. Januario, ſegundo a apprehenſaõ Peripatetica, já naõ he o meſmo, que era; e ſe ſó quando foſſe o meſmo mereceria veneraçaõ, naõ o ſendo, porque cauſa ſe lhe continûa?

A'lem diſto, ſe eu perguntaſſe ao *Irmaõ Arſenio*, que coiza era fórma? cuido, que havia de reſponder-me com o ſeu Ariſtoteles, que era *ratio quidditatis*; e ſe quizeſſe explicar me o myſterio deſta deſiniçaõ, me diria, que a fórma ſubſtancial *he o acto primeiro da materia, ou huma ſubſtancia incompleta, ordenada, e capaz de unir-ſe á meſma materia, como hum acto ſubſtancial, que determina a ſua potencialidade para a conſtituiçaõ deſte compoſto ſubſtancial, e naõ de outro, ſendo a que em qualquer compoſto fica com principio, e raîz dos ſeus accidentes, e operações.*

De cuja explicaçaõ ſe infére, que todas as fórmas, que conſtituem os córpos naturaes na ſua determinada eſpecie, ſaõ humas ſubſtancias incompletas, e realmente diſtintas da materia, ſendo tambem a meſma materia outra incompleta ſubſtancia; porque ambas ſe ordenaõ ſómente ao complemento, e conſtituiçaõ dos meſmos córpos; e aſſim a fórma, que naõ póde ſahir abſolutamente do nada, he preciſo, que ſe induza da materia, como de ſeguro preſuppoſto.

Dêmos,

Digitized by Google

Dêmos, que o *Irmaõ Arſenio* admitta tanto na doutrina das fórmas; mas ainda que o ſobſcreva, parece-me, que poſſo jurar, que elle o naõ concebe; pois quem haverá, que comprehenda hum labyrinto taõ deſatinado, bem que tenha huma intellecçaõ mais verſatil, que a ductibilidade da chamma? De ſorte, que a fórma, ainda que he huma ſubſtancia, naõ he ente por ſi meſma ſem dependencia de outro, como ſaõ todas as ſubſtancias, e tendo o ſeu ſer em outro, naõ he accidente. Ella ſaye da Materia, e naõ ſe aparta: introduz-ſe, e naõ vem de fóra: produz-ſe, e naõ ſe faz do nada. Deſtas fórmas huma ſaye, outra entra; porêm a que ſaye, naõ vay para parte alguma, aſſim como a que vem, naõ vem de parte alguma; porque alli eſtava em potencia: iſto he, que podia eſtar, mas que nunca eſteve; e depois eſtá, ſem que venhá de fóra.

Tudo, o que aqui digo, nos propoem hum dos bons Philoſophos do noſſo ſeculo; e na verdade, que ſe tudo iſto he mais, que hum choque de palavras ſem ſentido, e huma giria cheya de contradições, ou eu naõ tenho diſcurſo para diſtinguíllo, ou naõ ha nas ciencias coiza de mayor deſprezo; e fundando-ſe os Peripateticos neſtes principios para explicar, e ſuſtentar a Theologia, naõ he neceſſaria muita advertencia para ſe reconhecerem os danos, que podem ſeguir-ſe de ſemelhantes diſcurſos.

Vamos ás fórmas accidentaes. Eſtas eſtaõ

Digitized by Google

eſtaõ taõ longe de deſacreditarem a noſſa Religiaõ no conceito do *Irmaõ Arſenio*, que o negálas, ſerá negar os Myſterios da noſſa Fé; e para aſſim o provar, recorre ao coſtumado, e caduco argumento dos accidentes Euchariſticos.

Cicero já tinha advertido, que quando os Philoſophos naõ podiaõ dar razaõ das coizas naturaes, fugiaõ para Deos, como para as aras. (11)

Os Catholicos crêmos com toda a firmeza, que pela Conſagraçaõ ſe converte toda a ſubſtancia do paõ, e do vinho no Corpo, e no Sangue de Chriſto, ficando ſó ou os accidentes verdadeiros do vinho, e do paõ, como pertendem os Ariſtotelicos; ou humas eſpecies repreſentadas, como julgaõ os Modernos; mas até agora naõ definio a Igreja, ſe iſto era repreſentaçaõ de eſpecies, ou realidade de accidentes. Aqui acode o *Irmaõ Arſenio* com a condenaçaõ, que fez o Concilio Conſtancienſe ás propoſições de Vvickleff, enredando as por tal modo, que parece, que todo o ſeu intento foy ou pervertêlas, ou confundîlas, para naõ acertarmos com a ſua genuîna intelligencia. As palavras de Vvickleff ſobre a Euchariſtia, que condenou o Concilio, ſaõ eſtas: *Subſtantia panis materialis, & ſimiliter ſubſtantia vini materialis remanent in Sacramento altaris: accidentia panis non manent ſine ſubjecto in eodem Sacramento.* Perten-

(11) Reddenda eſt ratio rerum naturalium, quod, cum facere non poteſtis, tamquam ad aras confugitis ad Deum.

Digitized by Google

Pertende o *Irmaõ Arſenio*, que aqui haja duas hereſias diſtintas: huma em dizer, que a ſubſtancia do paõ, e do vinho perſevera no Sacramento; outra em proferir, que os accidentes do paõ naõ ficaõ no Sacramento ſem ſugeito; e iſto para concluir, que tanto condenou o Concilio, que a ſubſtancia do paõ ſe conſervava, como que naõ pudéſſe eſtar o paõ ſem accidentes. Mas ninguem entendeo até agora, que affirmar eſte hereje, que os accidentes naõ eſtavaõ ſem paõ, foy ſenaõ para dizer, que ſe conſervava a ſubſtancia do paõ no Sacramento, de que os Lutheranos produzîraõ ao depois a hereſia, que lhes deo o titulo de *Empanadores*. Se o noſſo bom *Irmaõ* tiveſſe alguma noticia da Theologia Polemica, talvez, que naõ foſſe neceſſario o fazer-lhe eſtas explicações.

He certo, que o Concilio ſó attendeo ao erro de ſe negar a Transſubſtanciaçaõ, e de que os accidentes tiveſſem no Sacramento algum ſugeito, e naõ ſe meteo a condenar os diverſos ſentidos, que os Philoſophos daõ aos accidentes; e eſte argumento do *Irmaõ Arſenio*, em que preſume ſuſtentar os conceitos naturaes com os Myſterios Divinos, parece me coiza de Suiſſos. Os Proteſtantes deſta Naçaõ, com a doutrina do ſeu Meſtre Zvvingle, querem humanar tanto a idéa da Euchariſtia, que a ſuppoem, como huma obra natural; e ſeria bom, que o noſſo *Irmaõ* naõ nos quizeſſe parecer Suiſſo em nos explicar o inexcrutavel ſegredo dos Myſ-

terios

Digitized by Google

terios com as propriedades da natureza.

Mas ainda naõ deſiſte, e nos allega huma Liçaõ de Santo Thomás, de que uſa a Igreja no Officio do Sacramento, aonde ſe lêm as ſeguintes palavras: *Accidentia autem ſine ſubjecto in eodem ſubſiſtunt.... dum viſibile inviſibiliter ſumitur, aliena ſpecie occultatum; & ſenſus à deceptione reddantur immunes.* E pergunta, como ſe póde verificar, que os ſentidos *à deceptione reddantur immunes*, ſem que ſe admittaõ accidentes diſtintos da ſubſtancia? Pudéraſe lhe reſponder com o que diz o P. Maignan na ſua *Philoſophia*, cap. 33. *de Anima rationali ſeparata*, no Appendix *ad num.* 33. aonde traz eſta meſma objecçaõ, fundada neſtas palavras do Doutor Angelico; porêm aqui baſta, que reſpondamos com outras vozes do meſmo Santo; pois ſe na Liçaõ do Sacramento proferio, que os ſentidos ſe naõ enganavaõ nos accidentes da Euchariſtia, no Cantico que fez a eſte altiſſimo Myſterio, affirmou, que nelle ſe engana a *viſta*, o *tacto*, e o *goſto*:

Tibi ſe cor meum totum ſubjicit;
Quia te contemplans totum deficit,
Viſus, tactus, guſtus in te fallitur,
Sed auditu ſolo tutò creditur.

O *Irmaõ Arſenio* mandou ao *Anonymo*, que ſobre a alma dos peixes lá ſe havieſſe com S. Joaõ; nós tambem agora lhe podemos dizer, que lá ſe avenha com Santo Thomás.

Na

Digitized by Google

Na oitava propoſiçaõ, de que Deos no eſtado da innocencia enſinára aos homens muitas verdades, quer o *Irmaõ Arſenio*, que se lhe diga, que homens eraõ eſtes; porque no *Geneſis* naõ conhece, mais que Adam naquelle feliz eſtado: eu accreſcento á reposta, que lhe deo o *Anonymo*, o que eſcreveo Santo Agoſtinho: *Omnes homines fuerunt ille homo, ſcilicet Adam.* (12)

A decima propoſiçaõ, de que depois do ſeculo ſexto ſe dilatava a juriſdiçaõ dos Pontifices, podia dar algum fundamento ao *Irmaõ Arſenio* para ſuſpeitar, que o *Anonymo* ſe inclinava para a accuſaçaõ, que fazem os herejes ao Pontificado; pois exclamaõ continuamente, que depois do meſmo ſeculo he, que ſe introduzîraõ vários abuſos na Igreja, reduzindo os Fieis a huma inſupportavel tyrannia; e poriſſo Luthéro, e Calvino, fallando de S. Gregorio Magno, que reynou pelos annos de 590, diſſeraõ, que eſte Pontifice fora o ultimo Biſpo de Roma.

Joſeph Meda, reſpeitado por hum Profeta na refórma Anglicana, quer, que em Leaõ o Grande acabaſſe a Igreja com a ſua pureza. Jurieu, hum dos Miniſtros mais venerados entre os Proteſtantes, pertende, que a ſua ideada tyrannia dos Pontifices tiveſſe principio, quando terminava o quinto ſeculo. Outros Eſcritores da meſma ſeita naõ chegaõ com eſta impoſtura até o ſeculo quarto, e alguns paſſaõ com ella ao terceiro, e

Ee cada

(12) De peccat. mer. cap. 10.

cada hum segue o delirio, que mais se avizinha ao calculo, que intenta formar sobre a ruina do Imperio do Anti-Christo, dando este nome a cada Pontifice, que vay succedendo na Igreja Catholica.

Outros Doutores mais moderados, mas da mesma farinha, vendo, que não podem insultar com huma calumnia taõ desaforada a tantos Varões insignes, como os que governaraõ a Igreja até o seculo sexto, tem reduzido a sua accusação desde o setimo em diante, tem os detes a veneravel memoria dos Martinhos, Benedictos, Estephanos, Eugenios, Celestinos, Clementes, e de outros eminentes Pilotos, a quem o Espirito Santo entregou a Barca Militante.

Grita a turba heretica, dando nos na cara com estes abusos, e com a relaxaçaõ Ecclesiastica, e nos produz os testemunhos dos homens mais distintos na disciplina Orthodoxa, como Gerson, e Pedro de Ailli, Principe, e Arcebispo de Cambray, e Cardeal da Igreja Romana, que supravaõ altamente o remedio, ajuntandose-lhe os brados dos Concilios de Pisa, e de Constancia com os do Cardeal Alberto, que representava ao Papa Eugenio IV. que as desordens dos Ecclesiasticos tinhaõ chegado ao ultimo excesso, e excitado toda a colera dos povos, que julgavaõ a Corte de Roma, mais como complice, que desgostada destes insultos.

Porém com tantos clamores nunca poderaõ provar os herejes, que alguns destes

tes abuſos contaminaſſe, nem levemente, os artigos fundamentaes da noſſa Religiaõ; por cuja cauſa ſe faziaõ ridiculas as ſuas exclamações, e o conceito da tyrannia, de que pertendem arguir o Pontificado.

Na propoſiçaõ undecima, de que a authoridade dos Padres antigos he infallivel, devo ſuppor, que o *Anonymo* a conſidéra ſimultanea, e naõ particular. Neſte ſentido naõ merece accuſaçaõ. Bellarmino nos diz, (13) que ſe alguns dos Padres errāraõ em alguns dogmas, nunca convieraõ todos igualmente no meſmo erro.

Ainda os meſmos herejes, que ſó admittem a authoridade da Eſcritura Sagrada, naõ ſe atrevem a negar a do cõmum ſentimento dos Padres, e procuraõ interpretála ao ſeu modo, para formarem as ſuas propoſições.

Todos os Eſcritores (diz Calvino) (14) *que viveraõ nos cinco ſeculos depois dos Apoſtolos, unanimemente nos patrocinaõ.* Pedro Boquino profere, (15) que naõ ha razaõ mais certa, e mais breve para ſe deſcobrir a verdade na controverſia, do que inſiſtir nos veſtigios dos Padres antigos.

(13) Si erraverunt aliqui Patrum in quibuſdam dogmatibus, nunquam tamen omnes ſimul in eodem errore convenerunt Lib 4. cap. 7. de Verb. Dei non ſcripto. §. 7.

[14] Conſtat veteſtos omnes Scriptores, qui totis quinque ſeculis poſt Apoſtolis vixerunt, unõ ore nobis patrocinari In ultim. admonit. ad Veſtphalum.

(15) Nullam aſſertionem certiorem, & breviorem inveniendæ veritatis, in hac de qua agimus controverſia, quam inſiſtendo veſtigiis antiquorum Patrũ. In prin. lib. Con Dem. contr. Heshuſium.

Digitized by Google

E Pedro Martyr, Director da reforma Anglicana, se jacta, (16) que na doutrina da Euchariſtia ſegue, e defende a doutrina dos Padres antigos, aſſim Gregos, como Latinos.

DIREITO CANONICO.

OS meſmos defeitos, que o *Anonymo* percebe com o eſtudo, e enſino das Leys, ſe entendem da meſma ſorte com o dos Canones; e as conſequencias, que de huns, e outros ſe produzem, ſaõ peóres nos Canoniſtas, que nos Juriſtas.

Tambem a Juriſprudencia Sagrada ſe tem reduzido a huma ſucceſſiva illuſaõ do Direito Canonico, pelas forçadas intelligencias dos Advogados, e Miniſtros, de que o noſſo theatro forenſe eſtá cheyo de laſtimoſos exemplos; e como na Igreja hé mais pernicioſo eſte eſtylo, recebe mayor golpe com elle a diſciplina Eccleſiaſtica. Ainda a Curia Romana nos repreſenta S. Bernardo afogada com Solicitadores, Advogados, e pleiteantes, que naõ tem outro intereſſe, nem mayor cuidado, do que enganarem-ſe huns aos outros, e fazerem-ſe ricos com as dependencias alheyas.

Dizem os Francezes, que era muito differente o methodo, com que algum dia ſe

(16) In Præfation. Defenſ. contra Gardinerum.

Digitized by Google

ſe governava a Igreja ; e ſendo eſte o dos primeiros ſeculos, que ſe naõ póde negar, que foſſe eſta a diſciplina, que ſe recebeo dos Apoſtolos.

Todas as duvidas ſe terminavaõ nos frequentes Concilios das Provincias, e os Canones, que nelles inſtituîaõ, eraõ claros, breves, e deciſivos, e pouco capazes de interpretações, que ſaõ, as que deitaõ a perder as Leys. Punha-ſe todo o cuidado em conſervar a uniaõ, e a caridade entre os Fieis, e prevenir as ſuas differenças, para que naõ foſſem as cauſas para os Pagaõs, que eraõ entaõ os ſeus Juizes.

O Biſpo era reputado por hum Pay cõmum, collocado no meyo dos ſeus Presbyteros, aonde o reſpeitavaõ as partes reveſtido do caracter de hum Magiſtrado, aſſiſtido dos ſeus Conſelheiros. Os pleiteantes, quando chegavaõ á ſua preſença, cada hum defendia por ſi meſmo o ſeu direito. Alli ſe examinavaõ as duvidas com toda a ſingelleza, e a conſentimento de todos ſe proferia a ſentença, conforme as regras da Eſcritura Santa, e ſem as formalidades do Juizo logo ſe attendia á compoſiçaõ, e reconciliaçaõ dos contendores; e ſe havia materia de mayor importancia, ſe deferia ao Concilio futuro, aonde tambem ſe decidiaõ as queixas, que havia contra os meſmos Biſpos.

Eſta era a juriſdiçaõ Eccleſiaſtica naquella venturoſa idade, conſiſtindo toda a perfeiçaõ da diſciplina em ſe conter nos ſeus proprios

Digitized by Google

proprios limites, e neſta felice innocencia durou até quaſi o decimo ſeculo, em que foy inſenſivelmente deſcaindo para o eſtado, em que hoje a vemos. Os homens mais erudîtos de França, e que preſumem ter penetrado a mais remota antiguidade, eſcrevem, que toda a origem deſta mudança, foy ter apparecido no fim do ſeculo oitavo a compilaçaõ de Iſidoro Mercator, aonde ſe lêm várias Conſtituições Pontificias dos primeiros annos da Igreja, que desfiguráraõ o conceito, que até alli ſe formava da diſciplina Eccleſiaſtica; e querem provar, que eſtas Conſtituições ſaõ falſas; porque ſe lê na compilaçaõ de Iſidoro, que os Biſpos naõ podiaõ convocar algum Concilio ſem ordem, ou conſentimento do Papa; e que o contrario ſe moſtra pelos Concilios, de que fazem menção Tertulliano, S. Cypriano, e Euſebio. Lê-ſe, que os Biſpos naõ podem ſer julgados definitivamente, ſenaõ pelo Papa; e acha-ſe, que Paulo de Samoſates, Biſpo de Antioquîa, foy julgado, e depoſto pelos Biſpos do Oriente: lê-ſe, que ſó o Papa tem direito para transferir o Biſpo de huma para outra Dioceſi, e S. Baſilio transferio a Euphronio de Colonia para Nicopolis: lê-ſe, que ſó ao Papa pertence a creaçaõ de novos Biſpados, e moſtra-ſe, que na antiga diſciplina era eſta juriſdiçaõ do Concilio Provincial, e della ha hum Canon nos Concilios de Africa, &c.

Tambem reputaõ por falſa a famoſa doaçaõ de Conſtantino, querendo, que ella conſpi-

Digitized by Google

conſpiraſſe com as Decretaes de Iſidoro para alterar o regimen dos primeiros ſeculos.

. . . . . .

Sobre as Decretaes de Iſidoro appareceo ao depois Graciano, hum Monge Benedictino, com o *Decreto* do ſeu nome (fundado nas meſmas Decretaes, e na doaçaõ de Conſtantino) que ſerve de texto aos ſenhores Canoniſtas; e hoje he taõ magnifica a idéa, que dos Canones nos daõ os Italianos, que ſó eſta Faculdade baſta para occupar toda a vida do homem.

. . . . . .

Mas eu ſayo para fóra da queſtaõ, e ſó aqui poderey dizer, que de tudo, o que temos ponderado neſta materia, ſe póde conhecer, quanto neceſſaria he para os ſenhores Canoniſtas a Hiſtoria Eccleſiaſtica, como taõ eruditamente lhes adverte o *Anonymo*; e para eu ſobreſcrever tudo, o que elle lhes diz, quizera, que naõ tiveſſe proferido na pag. 243. as palavras ſeguintes:

Fóra deſtas coizas deve notar o eſtudante alguns defeitos do Direito Canonico, tanto antigo, como moderno: o antigo, formado por aquelles veneraveis Biſpos, que naõ reſpiravaõ mais, que ſantidade, queria em tudo exceſſivo rigor, de que naõ era muito capaz a noſſa natureza.

Parece, que implica, que houveſſe defeitos no Direito Canonico, formado por Biſpos, que naõ reſpiravaõ mais, que ſantidade. E ſe eſtes defeitos conſiſtem no rigor exceſſivo,

ceſſivo, de que era incapaz (como diz o *Anonymo*) a noſſa natureza, eu me admiro, de que em hum homem taõ erudito ſe ache tambem eſte conceito popular; e para moſtrar, que o he, baſta trasladar huma das ponderaçõés do já referido Abbade de Fleury. (1)

Direis, que a diſciplina era perfeita; (fallá da diſciplina dos primeiros ſeculos) *mas que tinha demaziada perfeiçaõ: que a humanidade naõ poderia ſupportála por taõ dilatado tempo, e que era neceſſario reduzila a huma diſciplina menos bella na eſpeculaçaõ; porêm mais proporcionada á noſſa debilidade. Eu reſpondo primeiramente com os factos. Já vos fiz ver, que eſta meſma diſciplina ſe praticou em muitos ſeculos, e ainda a vereis praticada por outros muitos: o que ſe pratica por hum tempo taõ dilatado, e em taõ diverſos paizes, deve ſeguramente ſer tido por praticavel. No progreſſo deſta Hiſtoria reconhecereis, como eſta diſciplina ſe foy mudando, e averiguareis, ſe eſta mudança ſe reſolvêo de propoſito, e com maduro conſelho, e depois de ſe ponderarem todas as razões por huma, e outra parte, e fazendo-ſe para iſſo novas leys, ou abrogações expreſſas; ou ſe a mudança ſe introduzio por hum uſo inſenſivel, cauſada pela ignorancia, pelo deſalento, e corrupçaõ geral, que os ſuperiores entendêraõ ſer preciſo diſſimular por algum tempo.*

Depois de attenderes a tudo, vos peço,

(1) Diſcurſ. 2. ſobre a Hiſtor. Eccleſ. nrt. 10.

Digitized by Google

ço, que pezeis bem as conſequencias da voſſa diſtinçaõ, reparando, no que ſe póde chamar formoſo, quanto ao eſpeculativo, e poſſivel, quanto ao prático. Formoſo nunca póde ſer o falſo, e as regras da Moralidade ſeraõ falſas, ſe ellas naõ forem praticáveis. Todo o Moral conſiſte no prático, por ſer huma ciencia, do que devemos obrar. Julgarem-ſe como impraticáveis as Leys, que a Igreja recebéo de JESU Chriſto, ſeria fazer huma grande offenſa ao ſeu Legislador; pois ſe teria por vaidade, ignorancia, e imprudencia o eſtabelecer, o que ſe naõ póde praticar. Naõ, meu amado Leitor, os preceitos de JESU Chriſto naõ ſaõ impoſſiveis, nem pezados, como nos diz o ſeu querido Diſcipulo; e quando promettêo de aſſiſtir à ſua Igreja até o fim dos ſeculos, tambem nos promettéo as graças neceſſarias para levantarmos a noſſa fraqueza.

REGULAÇAÕ DOS ESTUDOS.

COmo eſta *Carta* he hum compendio, do que ſe tem dito nas antecedentes, eſcuſo de repetir o juizo, que dellas tenho feito.

Querendo o *Anonymo* concluir os ſeus documentos, ſuppoem nas advertencias, que faz ao ſeu correſpondente, que ſó os igno-

Digitized by Google

rantes lhe podem censurar a sua doutrina; e naõ poderey eximir me, de que me ponha neste numero por alguns dos meus reparos, sem que talvez me livrem desta proscripçaõ os louvores, que tenho dado á mayor parte do seu *Methodo*.

Bem vejo, que o *Anonymo* tem grandes motivos para fazer taõ alto conceito da sua vasta capacidade; porêm os homens deste caracter sempre observáraõ huma grande modestia, quando fallaraõ das suas obras. Com tudo elle nos confessa, que escrevendo estas *Cartas* com precipitaçaõ, e sem exame, se expoz a cõmetter muito erro: eu pudéra dar a mesma desculpa nestas minhas observações; mas a ninguem se obriga, que escreva com semelhantes repentes. Para escrever depressa, e escrever mal naõ ha perdaõ: escreva-se bem, ainda que seja devagar; por cuja razaõ ainda lhe direy, que naõ me parece bem o conselho, de que os Mestres se naõ cansem com os rapazes para o bom caracter da letra, bastando, que naõ escrevaõ mal, e que, o que escreverem, seja facil, e corrente. Esta mesma opiniaõ achey nas *Instrucções* de Martinho de Mendonça, e tive com elle huma larga disputa. Observo, que os homens, que naõ saõ bons escrivaens, naõ querem, que os outros se distinguaõ por esta prenda, e fazem pouco caso dos Baratas, e dos Morantes: eu, ainda que naõ escreva bem, naõ ha coiza, que menos me offenda a vista, do que a boa symmetria dos caractéres; e de

naõ

Digitized by Google

naõ ter eſta prerogativa a devida eſtimaçaõ neſtes dois Eſcritores, naõ poſſo comprehender o motivo. Todas as artes, por mais ociosas, e inuteis que ſejaõ, aſpiraõ naturalmente (como todas as coizas) á ſua ultima perfeiçaõ. Com ellas ſe fizeraõ famoſos alguns Directores das Imprenſas, e naõ ſey, que haja outra razaõ diſtinta, para que o naõ ſejaõ os amanuenſes.

Quer tambem o *Anonymo*, que os elementos literarios naõ devaõ começar antes dos ſete annos, e accreſcenta, que enſinar a eſcrever antes deſta idade, he perder o tempo, e que aſſim lho tem moſtrado a experiencia. Outras moſtraõ o contrario, e eſtas experiencias do *Anonymo* naõ deixaõ de padecer ſeus enganos.

Parece-me, que a idade naõ eſtá ſugeita ás regras para a introduçaõ do eſtudo. Rapazes ha, que nem ainda nos dez annos podem ſer applicados: ha outros, que merecem eſte beneficio apenas chegaõ aos tres. O *Anonymo* calla as ſuas experiencias; e eu fallo, com as que trazem os Eſcritores. Elles nos dizem, que Plinio compoz huma Tragedia Grega em idade de ſeis annos: entre a de ſeis, e ſete ſe achou tambem Hercules Strozza conſummado Poéta na Corte dos Duques de Ferrara. Neſta meſma idade principiou Juſto Lipſio o eſtudo da Grammatica, e quando chegou á de nove tinha compoſto hum Poema.

Nos meſmos ſeis annos fez Gaſpar Scioppio alguns livros, que admiráraõ os dou-

Digitized by Google

tos: Grocio na de oito estava hum excellente Poéta Latino; Lope de Vega, antes da sua tenra maõ poder sustentar a penna, dictava versos aos meninos, que já sabiaõ escrever: Abo Ali, ou Avicena, como nós corruptamente pronunciamos, sabia na idade de dez annos todo o Alcoraõ, e quasi todas as bellas letras: Joaõ Pico, Principe de Mirandula, conseguio na sua infancia o applauso do mayor Poéta, e Oradór do seu tempo: Marco Aurelio foy tirado dos braços da sua ama para o estudo da Philosophia. Escuso de trazer outros exemplos; porque seria abusar da paciencia dos meus Leitores, se intentasse copiar todos os prodigios, que nestes annos tem obrado os esfórços da natureza; mas naõ devo passar em silencio o discipulo do Abbade Duplessis, de que faz mençaõ o P. Feijó, que na idade de oito annos, e dentro do presente seculo admirou huma Corte taõ erudita, como a de Paris. Eu estou persuadido, que se houvesse taõ bons Mestres, que haveria muitos destes discipulos; porque tenho visto rapazes, e naõ saõ poucos, que de cinco annos tinhaõ melhor comprehensaõ, e intelligencia, que os de doze.

Pelo que toca ao estudo das mulheres, eu naõ sey, que partido tome nas diversas opiniões, de negar-lho, ou conceder-lho. Athenais, filha do Philosopho Leoncio, foy Imperatriz do Oriente, sem mais dote, que o da sua belleza, e sabedoria; mas destes ha poucos exemplos.

Disse-

Digitized by Google

Dissera, que as mulheres nobres soubessem ler, escrever, contar, e que estudassem Ethica, e Economîa. E supposto, que me cõmovo, e alegro, quando ouço fallar nas obras de Luiza Sigéia, de Anna de Cervaton, de Magdalena Scuderi, de Anna Maria Schurman, de Madama Dacier, de Cassandra Fidele, de Laura Cereti; e por naõ ficarmos sem alguma, nas de Violante do Ceo, e Bernarda Ferreira, aonde se verifica, o que disse Tertulliano, que *anima non habet sexum*; com tudo sempre receyo, que a presumpçaõ de sabias as conduza insensivelmente áquella vaidade, de que eu desejára ver livre o seu delicado genio.

Ainda que naõ haverá, quem se arrebate, mais do que eu, com a dança, e com a Musica, já fuy de parecer, que naõ as devîa exercitar hum homem sesudo, quanto mais huma mulher honesta: hoje estou de outro acordo, pela força, que me faz o exercicio, que tem destas duas prendas as Nações mais polîdas.

A Musica exercitada com a boa voz de huma mulher poem as potencias em hum extasis taõ delicioso, que só assim se póde imitar a suavidade celeste. Eu digo por mim, que mais me arrebata á consideraçaõ da Bemaventurança huma déstra Cantora, do que todos os Sermões, que recitaõ os Missionarios; porêm este mesmo rapto da alma póde ter em outros seus perigos; pois naõ saõ poucos, os que na Musica tem experimentado os danos,

Digitized by Google

danos, que moraliza a fabula das Serêas; e ſe havemos de crer a Ovidio:

Enervant animos cytharæ, cantuſque lyræque,
Et vox, & nervis brachia mota ſuis.

Sem a dança ſe naõ póde regular bem o corpo, nem firmálo, nem acertar com aquelle ár, que pedem as geſticulações. Para iſſo inventáraõ os Gregos a ſua *gymnaſtica*, e *pedotribia*, as quaes ſupprem baſtantemente as regras da dança, fazendo ſe com ellas as peſſoas airoſas, e deſembaraçadas, e ſem lhes ſer neceſſario alcançarem eſte concerto pela trabalhoſa arte dos lutadores.

Mas o exercicio da dança naõ o permittîra eu em bailes publicos, nem entre peſſoas de diverſo ſexo, ſalvo ſe foſſem muito conjunctas; porque eſtamos no conceito, de que o noſſo clima naõ he capaz deſtas liberdades. A entrega, que faz huma mulher da ſua maõ a hum moço inconſiderado, póde produzir hum tal veneno no coraçaõ pelo contacto, que deshonre toda huma familia.

Sabemos, que ainda os Inglezes mais prudentes ſe deſgoſtaõ das licenças dos bailes, (1) ſendo Inglaterra huma Provincia, aonde naõ ha o noſſo incendio, e aonde ſe diz, que as mulheres tem o ſeu paraîſo, pelos privilegios, que lhes concede eſta Naçaõ.

Tenho acabado com o exame particular de cada huma das *Cartas*; e fazendo-o agora

[1] Spectateur, tom. 1. Diſc. 54.

Digitized by Google

agora da obra em geral, digo, que todas as materias ſaõ proveitoſiſſimas, e que com eſte *Methodo* ſe poderia fazer ſabia, e florente huma Monarquia, ou huma Republica.

O eſtylo, que he das prerogativas mais eſſenciaes de hum Eſcritor, tomado em geral, he claro, expreſſivo, e facil; mas com muitas vozes eſtranhas ao noſſo idioma, e alguns termos alheyos da noſſa explicaçaõ. O *Anonymo* condena a Camoens por alatinizar muitas palavras, e ſendo iſto menos cenſuravel no verſo, que na proſa, ſaõ palavras muito ſuas: *ſolito*, *noto*, *aquiſtar*, *&c.* alatinizando tambem *intender*, e outros verbos, e nomes, que principiaõ com *in* no Latim, e fazem *en* em Portuguez.

Igualmente introduz vocabulos chulos, e que ſe naõ admittem em huma prática de peſſoas de bem, e muito menos ſe podem admittir nos eſcritos. Deſta claſſe ſaõ: *frioleiras*, *caraminhólas*, *carambólas*, *diachos*, *ponte de aſnos*, *jogar os murros*, *&c.*

Maſicho por *maſſiço* he palavra nunca ouvida: *franezia* por *phreneſi* he vocabulo nunca imaginado.

Se me naõ engano, falta em muitas partes á unidade, ſalteando os aſſumptos; porque depois de deixar as materias, torna a proſeguilas fóra de tempo, o que he mais reparavel, em quem accuſa de deſunîdo o Poêma da Phyllis.

Perſuado me, que amplifica muito os argumentos, tanto nas vozes, como nos períodos,

Digitized by Google

ríodos, e que tem frequentes repetições, de que ſe acautélaõ ſempre os bons Eſcritores; defeito, que ſe naõ póde perdoar a hum Meſtre de Rhetorica.

Cada huma deſtas *Cartas* ſe podia reduzir á terceira parte das ſuas paginas, ſem faltar á ſubſtancia, nem á clareza.

Eu naõ deſconheço, que ha muitos engenhos, que poem huma grande fadiga, em que as ſuas obras ſejaõ volumoſas; mas iſto he huma falſa gloria dos que eſtimaõ mais os livros pelo pezo, que pela qualidade: ſe de todos os eſcritos ſe tiraſſe o ſuperfluo, a bem poucos tomos ſe eſtreitariaõ aquellas materias, que ſe achaõ eſtendidas em taõ multiplicadas paginas. Cuſtaria menos trabalho á erudiçaõ, ſe os Authores déſſem em deſtillála para lhe extrahir a ſua quinta eſſencia, como fazem os quimicos com os remedios Galenicos, reduzindo a huma pequena doſes huma larga bebida. Entre as Nações do Norte, eſpecialmente em Inglaterra, ha huns papeis de todos os dias, ou ſemanas, a que chamaõ *Folhas volantes*, em que ſe ſegue eſte methodo, e a muitas ſe lhe dá mayor eſtimaçaõ, que a obras complétas; e ſendo as *Cartas* do *Anonymo* deſte caracter, pudéra aproveitar-ſe deſte exemplo.

Se eu quizeſſe fallar muito no pouco, que digo, e uſar das Tautologias, de que o *Anonymo* tanto ſe agrada, fizera huma Critica mayor, que os ſeus dois volumes; porêm hum livro grande caye debaixo do Proverbio

verbio Grego, (2) de que nos faz menção Callîmacho, e naõ he de todos o eleger hum meyo entre as redundancias do *Anonymo*, e as orações repentinas de Tacito.

O caracter mais diſtinto dos eſcritos do famoſo Jorge Fabricio he a conciſaõ, e a clareza dos periodos: neſtes dois pontos he, que deve empregar todo o ſeu cuidado hum bom Eſcritor.

Deve eſcandalizar-ſe toda a peſſoa de juizo do deſaforo, com que o *Anonymo* trata os homens mayores do noſſo Reyno, e do noſſo tempo, applicando-lhes termos inadmiſſiveis, como: *iſto he parvoice, ridicularia, loucura, &c.*

Na Roma antiga ſó ſe caſtigavaõ os factos, ficando livre todo o genero de palavras; e vemos, ainda aſſim, que entre as leys das doze Táboas ſe determinou pena de morte, aos que fizeſſem eſcritos ſatyricos. Eſte meſmo caſtigo mandou ao depois fixar Valente, e Valentiniano, naõ ſó para os authores das ſatyras, mas para os que as leſſem, e applaudiſſem.

Em nenhuma parte do mundo ſe acha hoje mais conſentido eſte pernicioſo abuſo, do que em Inglaterra; e parece, que eſta Naçaõ pertende até por eſte modo imitar a liberdade Romana. Sem embargo de haver huma rigoroſa ley, para os que ſatyrizaõ os Grandes em papeis publicos, pelo ſeu pro-

[2] *Μεγα βιβλιον μεγα κακον* Apud Athen. lib. 3. cap. 1.

Digitized by Google

prio nome, illudem a execução da pena em pondo mutilado o nome do Milord, como por exemplo: se pertendem diffamar o Conde de Northumberland, o escrevem desta sorte: *North* :: *land*, e basta faltarem no nome estas cinco letras para se eximirem do castigo.

Os mesmos Inglezes abominaõ estas odiosas licenças; e mais as deviamos nós abominar no Author do *Methodo*; porque sem desordenar os nomes dos Grandes, e Varões illustres de Portugal, os imprime satyrizados com todos os seus caractéres. Porisso quizera, que o partido, que elle tem na Corte, se reduzisse a algumas regras, e naõ ás satyras do *Methodo*.

Diz o Spectateur, (3) que aquelles, que se agradaõ da leitura dos libellos diffamatorios, até lhes darem a sua approvaçaõ, saõ taõ culpados, como aquelles, que os compoem.

Tambem ouço queixar os Religiosos da egregia Companhia de JESUS, de que saõ ironicos os louvores, que lhes dá na Dedicatoria. Lá teraõ fundamento para assim o discorrerem, e debaixo deste supposto naõ ha satyra mais desatinada. E na verdade, que esta illustrissima Religiaõ naõ he digna de taõ escandaloso insulto. Este fecundissimo, e multiplicado seminario de Varões insignes merece todos os elogios do mundo Catholico. A sua piedade, a sua sabedoria, a sua doutri-

(3) Tom. 4. pag. ultim.

Digitized by Google

doutrina tem chegado com as acções, e com as vozes até onde chega o Sol com os ſeus rayos. Naõ ha parte alguma no Univerſo, que naõ eſteja illuminada com os reſplandores das ſuas Miſſoens, e regada com o ſangue dos ſeus Martyres; mas aonde me arrebata o incendio do meu affecto, ou o impulſo da verdade? Os voſſos louvores pertencem menos ás vozes, que á admiraçaõ: o defendervos ſerá injuriarvos.

Naõ duvido, que me reſponda o *Anonymo*, que falla com liberdade de maſcarado; mas ninguem ſe deve maſcarar para deſcompor os outros. Se iſto ſe coſtuma em Italia, cada terra com ſeu uſo. Quando hum Portuguez for a Roma, viva ao coſtume Romano; porêm ſe vier hum Italiano a Portugal, deve viver com a moderaçaõ Portugueza.

Fallar com tanto deſprezo dos mais, e com tanta ſatisfaçaõ de ſi, he hum taõ deſagradavel egotiſmo, que ſó por elle ſe póde macular a gloria do mais habil engenho. Láſtima he, que aquelle *ego, & Rex meus* do Cardeal Vvoolſey tenha tantos imitadores. Eſte he dos grandes defeitos, que ſe deſcobrem nas obras de Cicero; nunca perdeo occaſiaõ de ſe inculcar magnificamente ao povo Romano. O *Anonymo*, pela liçaõ, que moſtra ter deſte Orador, talvez, que o quizeſſe ſeguir neſta vaidade, e fora melhor, que tomaſſe o conſelho, que Horacio dava ao Lollio: *Que naõ deviamos louvar os noſſos eſtudos, nem reprehender os alheyos.*

Digitized by Google

E naõ ſe eſperava de hum homem taõ ſabio, que ſe valeſſe da maſcara para naõ ſeguir eſte aviſo. De pouco vale a ciencia, ſe naõ ſerve para temperar a lingua. Os antigos diſſeraõ, (4) que os deoſes enſinavaõ a cállar, e os homens a fallar. Deſta ſorte he, que foy ſabio Sócrates, e de quem o naõ he por eſte modo, ſe póde dizer, o que de ſi dizia Ovidio: *Video meliora, proboque, deteriora ſequor.*

Os Authores das Inſtrucções do Indice dos livros prohibidos acháraõ ſer muito neceſſario, que ſe naõ puzéſſe algum papel na imprenſa ſem o nome do ſeu Artifice: ſe eſta advertencia ſe obſervaſſe, póde ſer, que o *Methodo de eſtudar* foſſe mais cõmedido.

Bem ſe ſabe, que eſſe naõ he de algum *Barbadinho Italiano*, como nos inculca no frontiſpicio; mas pudéra envergonhar-ſe de imitar a Caligula, que degollava os ſimulácros de Jupiter para collocar ſobre elles as cabeças das ſuas eſtátuas.

Attendendo á minha brevidade, deixey de notar muitos lugares neſta obra, por me parecerem de menos conſequencia: como, por exemplo, o de querer o *Anonymo*, que a côr branca, e preta ſeja o diſtintivo da belleza, e da feialdade, conſiſtindo ou no aſpero, ou no ſuave da côr hum dos requiſitos do

(4) Rectiſſimè dictum eſt à quodam ex veteribus, loquendæ magiſtros nos habere homines, tacendi verò Deos. Claud. Minoe. ad Emblem. 11. Alciat.

Digitized by Google

do bello, e do feio, e tanto póde ſer ſuave o cryſtal, como o azeviche.

Os Ethîopes pintaõ os Anjos negros, e os demonios brancos; e he certo, que póde haver caras diabolicas, ainda que ſejaõ eſbranquiçadas. Manoel de Faria nos refere, (5) que hum ſeu amigo, que viveo alguns tempos em Angóla, lhe affirmára, que era tal a belleza de duas negras, que ſerviaõ á meſa de huma peſſoa, que o convidava algumas vezes a jantar, que lhe pedira as retiraſſe daquella occupaçaõ, por evitar as tentações, que a ſua viſta lhe cauſava. E aqui accreſcenta o meſmo Faria:

No puedo dexar de reirme, de lo que he hallado acerca deſto, y es ver reir algunos, de que pueda haver hermoſura en muger negra.

Se ao *Anonymo* lhe naõ agrada o conceito de hum Author Portuguez, tambem lhe darey o de hum Italiano, que naõ he menos, que o Taſſo: (6)

..... *la regia moglie,*
che bruna é ſi, má il bruno il bel non toglie.

A Virgem Senhora Noſſa, ſendo a mais formoſa das mulheres, foy taõ morena, pelo clima, em que naſceo, que com toda a propriedade ſe lhe applica o texto: *Nigra ſum, ſed formoſa.*

Neſte lugar bem podia dizer ao *Anonymo* o *Irmaõ Arſenio*, que naõ entendia de

(5) No Commentario da decima Ode de Camoens.
[6] Liberat. Cant. 12. eſtanc. 21.

Digitized by Google

de côres: eu ſómente lhe digo;

..... Nimium ne crede colori.

Com tudo ſempre ſe deve eſtimar o *Methodo* pela ſua utilidade, ſem ſe fazer caſo dos ſeus defeitos. Nem os eſcritos ſe compoem ſem elles. Aínda os melhores tem do bom, do máo, e do mediocre, como advertio Marcial; e conſórme a opiniaõ deſte meſmo Poéta, hum livro igual he muito máo livro:

Æqualis liber eſt, ... qui malus eſt.

FIM.

BRITISH 22 JN 94 MUSEUM

ADVER-

Digitized by Google

ADVERTENCIA.

A Impreſſaõ, ſeguindo o uſo mais cõmum, naõ obſervou pontualmente a Orthographia do Author; razaõ porque deve ſer deſculpado em tudo, o que ſe naõ conformar com as reflexões, que faz no cap. I. deſte livro, principalmente na introduçaõ do y, que elle julga deſneceſſaria no noſſo alphabeto.

As erratas eſſenciaes, e que pervertem o ſentido, parece, que vaõ aqui emendadas: as outras ſe deixaõ á piedade do erudito Leitor.

ERRATAS.

Pag.	*Regr.*	*Errat.*	*Emendas.*
Introduc.	regr. ult.	= ua	ſua
5	29	latinazálos	latinizálos.
12	24	com o noſſo qui	como o noſſo qui
21	11	expreſſões	excepções
30	1	duvidir	dúvidar
Ibid.	26	de livros	dos livros
34	16	eitura	leitura
39	11	conceito	concerto
46	8	com meudeza	com tanta meudeza
51	4	Anacévole	Anávole
Ibid.	16	vayo	veio
55	13	nae Eglogas	nas Eglogas
57	2	eclegem	eclegein
59	22	digerir	dirigir
62	10	Com hum ſaber	C'hum ſaber
63	8	deſsufficiente	de ſufficiente
67	32	para eleger	póde eleger
81	22	movendo	monendo
82	20	taõ pouco	taõ poucas
89	28	*pietas ſcelus*	*pietas, illinc ſcelus*
93	7	exercitarmos	excitarmos
99	1	*ſaul*	*ſeul*

Pag.

Digitized by Google

Pag.	Regr.	Errat.	Emendas.
102	14	*& vidi, & periit* =	*& vidi, & perii*
104	13	o ninguem	a ninguem
110	28	eſtanças	eſtancias
127	6	o Peripatetico	a Peripatetica
Ibid.	8	na Heſpanha	nas Heſpanhas
137	1	a aquietaçaõ	e da quietaçaõ
140	15	diutibilidade	ductibilidade
145	13	zer	eſtá demais
Ibid.	23	naõ para	naõ poſſo
151	1	que ſe lhe póde	que ſe lhe pudeſſe
152	6	*creantur fertibus*	*creantur fortibus*
155	12	tantas famlias	tantas as familias
168	27	ſe funda	ſe funde
169	16	he dos delirios	he hum dos delirios
170	10	ſeria baſtante	ſerá baſtante
171	6	corda torcida	roda torcida
173	13	neceſſitamos	neceſſitavamos
176	31	que ſendo	que ſendo
177	10	baſta	baſtaõ
180	17	para emprego	para eſte emprego
183	1	que queria	que queriaõ
191	9	affirma ſe ſómente	affirmarei ſómente
192	28	*tu dici*	*tu dicis*
194	1	Sigilancio	Vigilancio
198	23	Semoſates	Samoſates
209	3	*potuiſſem*	*potuiſſet*
212	ult.	de ſeguro	de ſugeito
217	11	ſe dilatava	ſe dilatára
231	6	tomado em geral =	tomado tambem &c.

BRITISH
22 JN 94
MUSEUM

LICEN-

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

NB

Tous les exp.es que nous avons vû de ce livre, finissent de cette manière = mais si on ne le veut pas vous pourrez nous le retourner.

Digitized by Google

Digitized by Google